

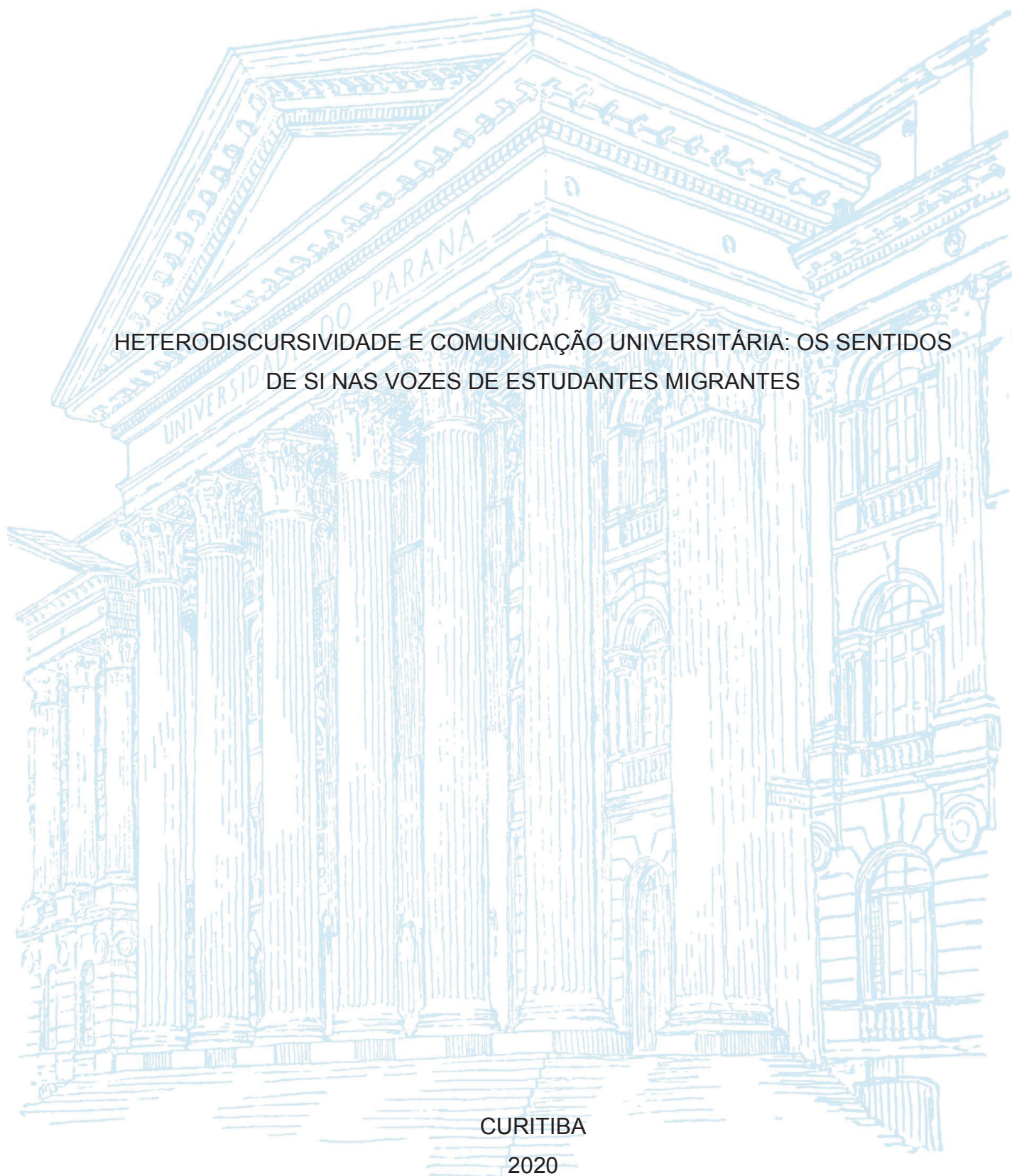
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DOUGLAS MARQUES DE OLIVEIRA

HETERODISCURSIVIDADE E COMUNICAÇÃO UNIVERSITÁRIA: OS SENTIDOS
DE SI NAS VOZES DE ESTUDANTES MIGRANTES

CURITIBA

2020



DOUGLAS MARQUES DE OLIVEIRA

HETERODISCURSIVIDADE E COMUNICAÇÃO UNIVERSITÁRIA: OS SENTIDOS
DE SI NAS VOZES DE ESTUDANTES MIGRANTES

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Psicologia, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof^a Dr.^a Miriam Aparecida Graciano de Souza Pan.

CURITIBA

2020

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Oliveira, Douglas Marques de
Heterodiscursividade e comunicação universitária : os sentidos de si nas vozes de
estudantes migrantes. / Douglas Marques de Oliveira. – Curitiba, 2020.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Profª. Drª. Miriam Aparecida Graciano de Souza Pan

1. Emigração e imigração. 2. Estudantes migrantes – Psicologia. 3. Subjetividade.
4. Migrantes e refugiados. 5. Redes sociais on-line. I. Pan, Miriam Aparecida Graciano
de Souza, 1958-. II. Título.

CDD – 370.15



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PSICOLOGIA -
40001016067P0

ATA Nº238

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM PSICOLOGIA

No dia vinte e sete de janeiro de dois mil e vinte e um às 14:00 horas, na sala da plataforma digital <https://meet.google.com/adf-zzfj-kij>, conforme determinações da Portaria nº36/2020 da CAPES, das Portarias nº754/2020 e nº15/2021 da Reitoria UFPR e das recomendações da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da UFPR (PRPPG), foram instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de dissertação do mestrando **DOUGLAS MARQUES DE OLIVEIRA**, intitulada: **Heterodiscursividade e Comunicação Universitária: os sentidos de si nas vozes de estudantes migrantes**, sob orientação da Profa. Dra. MIRIAM APARECIDA GRACIANO DE SOUZA PAN. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: MIRIAM APARECIDA GRACIANO DE SOUZA PAN (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), LUANA SILVY DE LORENZI TEZZA MAGNIN (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - PARANÁ), ELAINE CRISTINA SCHMITT RAGNINI (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ). A presidência iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, após exarados os pareceres dos membros do comitê examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela APROVAÇÃO. Este resultado deverá ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de mestre está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, MIRIAM APARECIDA GRACIANO DE SOUZA PAN, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

CURITIBA, 27 de Janeiro de 2021.

Assinatura Eletrônica

27/01/2021 17:42:08.0

MIRIAM APARECIDA GRACIANO DE SOUZA PAN
Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

27/01/2021 17:47:08.0

LUANA SILVY DE LORENZI TEZZA MAGNIN
Avaliador Externo (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

28/01/2021 08:20:01.0

ELAINE CRISTINA SCHMITT RAGNINI
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Praça Santos Andrade, 50, 2o andar - CURITIBA - Paraná - Brasil
CEP 80060-010 - Tel: (41) 3310-2644 - E-mail: pgpsicologia@ufpr.br
Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.
Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 70739
Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>
e insira o código 70739



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PSICOLOGIA -
40001016067P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **DOUGLAS MARQUES DE OLIVEIRA** intitulada: **Heterodiscursividade e Comunicação Universitária: os sentidos de si nas vozes de estudantes migrantes**, sob orientação da Profa. Dra. MIRIAM APARECIDA GRACIANO DE SOUZA PAN, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 27 de Janeiro de 2021.

Assinatura Eletrônica

27/01/2021 17:42:08.0

MIRIAM APARECIDA GRACIANO DE SOUZA PAN
Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

27/01/2021 17:47:08.0

LUANA SILVY DE LORENZI TEZZA MAGNIN
Avaliador Externo (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

28/01/2021 08:20:01.0

ELAINE CRISTINA SCHMITT RAGNINI
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Praça Santos Andrade, 50, 2o andar - CURITIBA - Paraná - Brasil
CEP 80060-010 - Tel: (41) 3310-2644 - E-mail: pgpsicologia@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.
Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 70739
Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>
e insira o código 70739

Para os meus amores: minha família e minha companheira (também família).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Zila Aparecida Dário e José Marques de Oliveira, e ao meu irmão Nicolás Marques de Oliveira pelos anos de companhia e por uma longa jornada que começou no final dos anos 80 e me conduziu até aqui com seu inestimável carinho.

Agradeço à professora Miriam Aparecida Graciano de Souza Pan, que possibilitou que esta dissertação existisse e confiou em mim quando eu próprio me questionava. Obrigado pela dedicação, disposição e orientações e por compartilhar sua sabedoria e paciência.

Agradeço aos meus colegas do grupo de pesquisa – Adriane Alves da Silva, Jonas Cardoso Lomba, Patrícia Moreira Ribeiro, Raquel Kämpf, Valdecir Ramos Santos, Wallisten Passos Garcia – pela ajuda mútua e confiança em todas as horas.

Agradeço aos professores Bruna Pupatto Ruano e Sérgio Ricardo S. Lopes, bem como aos colegas de psicologia Gustavo Pedroso e Luiz Zampi, por possibilitarem a realização de etapas essenciais deste trabalho.

Agradeço aos professores Elaine Schmitt, Norma da Luz Ferrarini e Rafael Tassi Teixeira, pelas diferentes e preciosas contribuições para minha formação.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pela bolsa que possibilitou que esta pesquisa fosse realizada.

Agradeço a Alexandra Elbakyan pela luta incansável pela democratização e popularização do conhecimento.

Por fim, agradeço sobretudo à minha alma gêmea Nathaly Lamas Garcez, cujo amor e apoio foram os ingredientes que me nutriram de esperanças nos dias e noites desta caminhada e cujo abraço foi o alento necessário nas horas difíceis. Eu te amo. Obrigado por tudo, minha companheira.

I ask you, why,
does the street have a name I can't pronounce?
Does our vocabulary invent us, our accents
resent us? Must we come to a halt
and try saying our name without feeling?
Try praising our poets without fearing?

- Nathalie Handal, *The Lives of Rain*, p. 5

RESUMO

Este trabalho considera a realidade contemporânea dos movimentos migratórios humanos como uma realidade global e inescapável, colocando em diálogo os discursos da Universidade Federal do Paraná, enquanto instituição, e o dos próprios migrantes e refugiados. Em ambos os casos se explora a perspectiva da comunicação como produtora de subjetividade sobre o que é ser estrangeiro dentro da comunidade acadêmica. O objetivo é examinar dialogicamente as relações de vozes entre o discurso oficial midiático da universidade e o dos próprios alunos migrantes. Partimos de uma reflexão sobre a atualidade dos deslocamentos humanos, incluindo debate sobre a globalização do mundo, e abordamos a realidade brasileira e seu discurso anti-imigração. A partir dessa realidade, destacamos o trabalho da UFPR e da Cátedra Sérgio Vieira de Mello no atendimento à comunidade migrante e refugiada e as diversas iniciativas que compõem o trabalho da universidade junto a este público. Como referencial teórico, utilizamos a obra do filósofo russo Mikhail Bakhtin, reconhecendo e expandindo suas contribuições para a psicologia, além de autores que compunham o círculo de intelectuais do seu entorno e outros que sofreram sua influência. Apresentamos sua base teórica a partir de conceitos como enunciado, dialogismo, cronotopo e exotopia para discutir as noções de heterodiscursividade, subjetividade, cultura e ideologia. Os dados da pesquisa foram produzidos primeiramente a partir do registro das publicações do site oficial da UFPR e de seu perfil no Facebook, registrando-se todas as publicações realizadas entre 1 de junho de 2018 e 31 de maio de 2019 relativas ao tema das migrações; e, em segundo lugar, através de rodas de conversas realizadas com dez alunos do Programa Português Brasileiro para Migração Humanitária. Os achados ressaltam a dificuldade de compreensão do jargão universitário por parte dos alunos migrantes e refugiados e sua desconexão em relação à comunicação universitária, além de vivências de preconceito e dilemas cotidianos pouco abordados pela mídia oficial. Os resultados demonstram um descompasso entre o que é afirmado pela universidade e o que é percebido pelos alunos a seu respeito, gerando tensões dialógicas. Dessa forma, lançamos luz sobre a necessidade de criação de novas formas de diálogo entre universidade, em especial suas mídias digitais, e estudantes migrantes e refugiados, compreendendo que este processo requer o envolvimento dos próprios alunos em uma construção coletiva em que as suas vozes sejam imprescindíveis para uma integração mais plena ao contexto acadêmico.

Palavras-chave: mídia; imigração; subjetividade; educação superior; heterodiscurso.

ABSTRACT

This work considers the contemporary reality of human migratory movements as a global and inescapable reality, putting in dialogue the discourses of the Federal University of Paraná, as an institution, and that of the migrants and refugees themselves. In both cases, the perspective of communication is explored as a producer of subjectivity about what it means to be a foreigner within the academic community. The objective is to dialogically examine the relationship of voices between the university's official media discourse and that of the migrant students themselves. We started with a reflection on the current nature of human displacements, including a debate on globalization, and approached the Brazilian reality and its anti-immigration discourse. Based on this reality, we highlight the work of UFPR and the Sérgio Vieira de Mello Chair in serving the migrant and refugee community and the various initiatives that make up the university's work with this audience. As a theoretical framework, we use the work of the Russian philosopher Mikhail Bakhtin, recognizing and expanding his contributions to psychology, as well as authors who made up the circle of intellectuals around him and others who suffered his influence. We present his theoretical basis based on concepts such as utterance, dialogism, chronotope and exotopia to discuss the notions of heteroglossia, subjectivity, culture and ideology. The research data were produced primarily from the registration of publications on the official website of UFPR and its profile on Facebook, registering all publications made between June 1, 2018 and May 31, 2019 on the topic of migration; and, secondly, through conversations with ten students from the Brazilian Portuguese Program for Humanitarian Migration. The findings highlight the difficulty in understanding university jargon on the part of migrant and refugee students and their disconnection from university communication, in addition to experiences of prejudice and daily dilemmas little addressed by the official media. The results demonstrate a mismatch between what is stated by the university and what is perceived by students about it, generating dialogical tensions. In this way, we shed light on the need to create new forms of dialogue between the university, especially its digital media, and migrant and refugee students, understanding that this process requires the involvement of the students themselves in a collective construction in which their voices are essential for a fuller integration into the academic context.

Keywords: media; immigration; subjectivity; University education; heteroglossia.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – PAÍSES QUE MAIS ENVIAM (EM VERMELHO) E QUE MAIS RECEBEM REFUGIADOS (EM VERDE).....	30
FIGURA 2 - PUBLICAÇÃO DO DIA 18 DE ABRIL DE 2019	59
FIGURA 3 - PUBLICAÇÃO DO DIA 13 DE FEVEREIRO DE 2019.....	64
FIGURA 4 - PUBLICAÇÃO DO DIA 13 DE FEVEREIRO DE 2019 (FACEBOOK)....	66
FIGURA 5 - PUBLICAÇÃO DO DIA 04 DE FEVEREIRO DE 2019 (PARTE 1).....	73
FIGURA 6 - PUBLICAÇÃO DO DIA 04 DE FEVEREIRO DE 2019 (PARTE 2).....	74
FIGURA 7 - PUBLICAÇÃO DO DIA 25 DE JUNHO DE 2018	88
FIGURA 8 - PUBLICAÇÃO DO DIA 23 DE MAIO DE 2019	91

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – PUBLICAÇÕES ENTRE 1 DE JUNHO DE 2018 E 31 DE MAIO DE 2019	53
TABELA 2 – LISTA DE PARTICIPANTES E GÊNERO	54
TABELA 3 – NÚMERO DE PUBLICAÇÕES POR TÓPICOS COMENTADOS.....	58

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

ACNUR	- Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
CELIN	- Centro de Línguas e Interculturalidade
CEPE	- Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão
CONARE	- Comitê Nacional para Refugiados
CSVM	- Cátedra Sérgio Vieira de Mello
OBMigra	- Observatório das Migrações Internacionais
OIM	- Organização Internacional para Migrações
PBMiH	- Português Brasileiro para Migração Humanitária
PET	- Programa de Educação Tutorial
PLAc	- Português como Língua de Acolhimento
PMUB	- Programa Política Migratória e Universidade Brasileira
TCLE	- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFPR	- Universidade Federal do Paraná
UnB	- Universidade de Brasília
UNRWA	- United Nations Relief and Workds Agency for Palestine Refugees in the Near East

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
1 INTRODUÇÃO	20
2 OS COMPONENTES DA HETERODISCURSIVIDADE	35
2.1 A PALAVRA NA LÍNGUA E A PALAVRA NA VIDA.....	35
2.2 SUBJETIVIDADE E CULTURA EM DIÁLOGO	38
2.3 O CÍRCULO E A NOÇÃO DE CULTURA.....	44
2.4 DIALOGISMO E IDEOLOGIA.....	46
2.5 A IDEOLOGIA OFICIAL E A IDEOLOGIA DO COTIDIANO.....	49
3 MÉTODO.....	52
3.1 PESQUISA DOCUMENTAL	53
3.2 PESQUISA EMPÍRICA.....	54
3.3 ANÁLISE DOS DADOS.....	55
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	58
4.1 ANÁLISE DOS DISCURSOS DOS ALUNOS	60
4.1.1 Primeiro ato: A presença do estudante migrante na universidade	60
4.1.2 Segundo ato: a comunicação entre pares	69
4.1.3 Terceiro ato: cotidiano e universidade.....	78
4.2 LÍNGUA, LETRAMENTO E LIBERDADE	82
4.3 COMUNICAÇÃO MUDIÁTICA E UNIVERSIDADE	85
4.4 A PALAVRA DO OUTRO	94
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS.....	102
ANEXO 1 – PUBLICAÇÕES NO SITE E NO FACEBOOK DA UFPR	110

APRESENTAÇÃO

Há algo de insondável na experiência humana, especialmente no percurso que transforma o desejo em necessidade. É difícil precisar o momento exato em que algum interesse, alguma centelha de curiosidade, cresce a ponto de se tornar ingrediente vital na constituição de um sujeito. Nossos esforços enquanto pessoas têm origem em um centro comum que atende por muitos nomes – de acordo com a psicologia – e partem em mil direções como mil navios que levantam âncora em um atracadouro de sonhos. O que faz com que algumas embarcações sigam mais longe do que outras é um mistério. É também um mistério o que me move desde sempre para o envolvimento com as questões postas pelo contato entre alteridades.

Busquei pontuar, encontrar o instante da minha trajetória em que me deparei pela primeira vez com a temática das relações entre culturas. Não o encontrei, e, no entanto, regredi paulatinamente até um momento não mais redutível, de onde o enigma ainda pulsa sem resposta.

Desde minha graduação, em 2013, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, tenho me envolvido com a questão da migração e do refúgio. Estava no último período, prestes a começá-lo, quando conheci a Casa Latino-Americana (CASLA) através do Projeto Comunitário da universidade. A CASLA é uma organização não governamental fundada em 1985, inicialmente com o objetivo de difundir valores democráticos no período de transição da ditadura militar brasileira para a Nova República, mas que posteriormente se envolveu com diversas questões relativas aos direitos humanos, inclusive o suporte a migrantes e refugiados. Em 2013, soube que a organização precisava de alguém para ensinar português a estrangeiros e entrei em contato – não para ensinar português, mas para saber se havia alguma ação sendo realizada por profissionais da psicologia no local. Algo com o qual pudesse me envolver, de fato.

Foi o começo de uma série de contatos com instituições e profissionais que me levariam por caminhos que culminaram neste projeto. Fui cofundador do Núcleo de Psicologia e Migrações, NUPSIM, vinculado ao Conselho Regional de Psicologia do Paraná, junto a um grupo de excelentes profissionais que começaram a dar visibilidade ao trabalho da psicologia com migrantes e refugiados. Trabalhei como psicólogo e facilitador social em ONGs e também no Estado. Realizei, com colegas da psicologia, eventos e palestras sobre a temática, tanto voltados para os

profissionais de nossa área quanto para a comunidade interessada. Desde que a relação entre a questão migratória e a psicologia foi descortinada naquele primeiro contato de 2013 muito aconteceu. O fascínio pela questão, o fio que seria puxado para que esse tecido tomasse forma, já estava lá, em algum lugar de minha história, e remonta a outras épocas.

Nunca viajei para o exterior. Nunca pude sentir na pele a sensação de desterro que alguns migrantes sentem quando longe de sua pátria, tampouco a do retorno. Não sei o que é ser migrante nem refugiado, e não conheci as belezas e histórias de idiomas incompreensíveis. Meus pés, bem fincados que estão no chão, só sabem pisar as terras brasileiras e dela são íntimos. O que me deslumbra no encontro com o outro é a comunicação e sua transição da impossibilidade para o contato factual. Encanta-me a história do outro, a mim tão singular – e a minha a ele –, e sua natureza, encontrar essa partícula comum de comunicação que é compartilhada e não se pode nomear. Tenho, todavia, um palpite sobre minha própria história: talvez esteja na arte, especialmente na literatura, os rudimentos do que se tornaria uma obstinação e uma causa.

Não foi à toa que me interessei por Mikhail Bakhtin, pensador tão próximo da literatura e da linguagem. Os livros foram minha passagem para mundos habitados por rostos cujas formas me eram desconhecidas, mas cujas descrições eram fascinantes. Desde que me interessei pela leitura, quase no mesmo instante em que aprendi a ler, eram as histórias de lugares distantes que me interessavam, ainda sem conseguir localizá-los nos mapas com precisão. E, naquela mesma época, me debruçava noite adentro sobre mapas e livros escolares de geografia para desvendar os mistérios do mundo, decorar suas capitais e as cores de suas bandeiras. Mal aprendi a ler e queria também ler o mundo.

Como adolescente e adulto, a leitura que mais me fascinava era a que me tirava da realidade que conhecia através da mídia tradicional – jornais, filmes, revistas. Preferia o extraordinário, o sentimento que me preenchia ao transitar pelos dilemas e desafios das gentes que habitam as terras de todos os continentes. Movido por um romantismo infantil, na infância quis ser arqueólogo para desvendar o passado dos lugares distantes. Não realizei a fantasia infantil, mas me especializei em antropologia cultural. Passado e presente em diálogo, a criança o pai do homem.

Não consigo visualizar o que há por trás do garoto que, tendo aprendido a ler e olhar mapas, possa tê-lo vinculado de forma tão intensa à questão do outro,

especialmente dos estranhos outros de outras nações. Olhando daqui de onde estou, posso parar ali, aos 7 anos de idade, e refletir sobre os quadrinhos de aventura, sobre as tentativas de decorar os uniformes e as curiosidades dos países que disputavam a Copa do Mundo de 94, sobre a terra firme dos livros infantis e das adaptações infanto-juvenis de clássicos da literatura mundial. Posso utilizar esse excedente de visão que me é concedido ao olhar para trás e ver o que não podia ser visto na época e posso, daquele lugar, olhar para mim hoje em dia – aqui, sentado, enquanto escrevo essas palavras.

Um de meus últimos trabalhos foi em um abrigo para refugiados e, hoje, pesquiso o tema numa pós-graduação. O que me trouxe até aqui, o que estava por trás daquele momento remoto de descoberta do mundo e movia minha curiosidade na direção dos, nas palavras de Fanon, condenados da terra?

Não há resposta, mas gostaria de apontar um caminho e para lá dirigir minha pequena embarcação. Bakhtin surgiu em meu caminho como o farol de um possível porto-seguro: sua vida questionadora, seus passos em direção à fronteira e sua teoria das vozes em discurso me chamaram a atenção desde o primeiro momento, quando, buscando conhecer autores para embasar minha atuação profissional, tive contato com seu nome pela primeira vez. Não demorou para que, após ler *Os gêneros do discurso*, uma de suas principais obras, decidisse conhecê-lo mais a fundo em um trabalho de mestrado. Senti-me atraído por um autor que habita também as fronteiras entre diferentes disciplinas, indo da filosofia à teoria literária, da linguística à crítica com uma construção teórica aplicável nas mais diversas áreas da atividade humana. Toda sua obra habita a fronteira.

Fui afortunado o suficiente para entrar em contato com uma orientadora, Miriam Aparecida Graciano de Souza Pan, que dedicou boa parte da sua vida à pesquisa e compreensão da obra de Bakhtin. O caminho estava delineado, mas havia uma questão a ser definida: qual abordagem dar à pesquisa?

Optei pela análise da mídia universitária e a forma como ela reporta e informa a respeito dos migrantes e refugiados que estudam na Universidade Federal do Paraná, microcosmo da sociedade curitibana, e sua relação com universitários de outros países. Primeiramente, porque a mídia, aqui online, é amplamente utilizada para se formar opiniões ou simplesmente informar. Outra razão é que já quis ser jornalista, está em minha história pessoal esse diálogo, ou o desejo por ele, entre informação e público. Terceiro, posto que meu interesse ainda um tanto enigmático

pelo outro e pela voz do outro já ocupou muitos espaços, a universidade, com sua cultura própria, se apresentou como um novo cenário para esta exploração. O que há de visível ou invisível na escolha de palavras que falam de um fenômeno humano tão representativo da nossa contemporaneidade? Quem escolhe quando vozes se erguem ou se calam no discurso midiático ou entre homens e mulheres? Há muito que observar a respeito.

A escolha dos estudantes migrantes e refugiados da Universidade Federal do Paraná se dá por fatores em parte explicados no corpo do próprio trabalho, mas também por ser um espaço de referência para o debate da questão não apenas em Curitiba, como também no estado e no país. O projeto que atende a população de outros países é bastante abrangente, envolvendo profissionais e estudantes de muitas áreas. Pareceu natural que esse local fosse escolhido, além de haver a possibilidade de devolver aos migrantes e refugiados algo que pudesse se reverter, espero, numa melhoria de sua qualidade de vida enquanto estudantes em uma universidade brasileira. Espero que o trabalho com as mídias possa ir de encontro aos sentidos dos migrantes e refugiados sobre a sua própria representação e, quem sabe, auxiliar na construção de uma mídia que lhes seja mais próxima no seio da universidade.

Para tanto, inicio esta exploração com uma introdução da temática que passa por um panorama da questão migratória no mundo e na Universidade Federal do Paraná, dando contornos que ajudam a situar a problemática e seus objetivos. Na sequência, uma revisão teórica e conceitual tendo como base a obra de Bakhtin. São conceitos como heterodiscursividade, ideologia, dialogismo, subjetividade e cultura à luz do problema. A seguir, no capítulo de método apresento aspectos formais e práticos da pesquisa, que é documental e empírica. Por fim, o capítulo de resultados e discussão se dedica a investigar os dados produzidos ao longo deste processo e apresentar reflexões sobre a condição do migrante dentro da universidade, em especial em sua relação com a comunicação oficial. Por fim, concluo com pensamentos que apontam possibilidades de continuidade do trabalho.

Por fim, meu contato com essa temática vem de longa data, mais longa do que consigo pontuar. Permanece viva a impressão de que o trabalho terá desdobramentos práticos que poderão responder ou proporcionar mais perguntas na medida em que os encontros entre diferentes identidades tomarem forma e se manifestarem como atores e gestores de sua própria história. Ao pesquisador, fica a

expectativa de que seu trabalho possa não apenas investigar, mas também estimular uma reflexão e servir a uma causa urgente de nossa época – a despeito desta, aqui apresentada, ser ainda uma modesta iniciativa.

1 INTRODUÇÃO

Em 18 de agosto 2018, um grupo de venezuelanos assaltou um comerciante na cidade de Pacaraima, Roraima (MELLO; PRADO, 2018). O crime gerou revolta nos habitantes locais, que responderam com uma violenta perseguição à massa de refugiados venezuelanos que haviam cruzado a fronteira para escapar do caos social da Venezuela. Os refugiados foram expulsos de suas tendas, tiveram seus pertences queimados e sofreram violência física de brasileiros, sendo acossados e expulsos em direção à fronteira sob ameaça de paus e pedras.

Antes, no Rio de Janeiro, o vendedor de esfirras Mohamed Ali sofreu ameaças e agressões verbais de um brasileiro (VIANA, 2017). O vídeo, que viralizou nas redes sociais, deixa claro o discurso xenófobo: "Saia do meu país! Eu sou brasileiro e estou vendo meu país ser invadido por esses homens-bombas que mataram, esquartejaram crianças, adolescentes. São miseráveis. Essa terra aqui é nossa, não vai tomar nosso lugar não", gritava o agressor anônimo. Outros ainda derrubaram a mercadoria de Mohamed e o ameaçaram. O sírio chegou ao Brasil há quatro anos, fugindo da guerra em seu país.

Separados por um ano, os acontecimentos revelam uma face menos cordial dos brasileiros. Ambos ocorreram após a entrada em vigor da Lei de Migração, de 24 de maio de 2017, legislação que versa sobre a presença de estrangeiros em território nacional e sobre brasileiros no exterior. Na ocasião de sua sanção pelo presidente Michel Temer, protestos foram registrados em diversos locais do país. A repórter Érica Saboya, do jornal El País, registrou o caráter xenofóbico das manifestações. O registro em vídeo traz a seguinte declaração: "A comunidade europeia não quer mais os islâmicos lá, arrebatando as igrejas da Europa, estuprando as meninas lá na Europa" (2017).

A mídia foi o veículo pelo qual as pessoas tomaram contato com essa realidade. O Brasil foi cenário dessa dinâmica viva, que ganhou força nos noticiários e no cotidiano das pessoas, de repente habituadas a falar sobre "os refugiados", "os imigrantes", a partir do que viam nas emissoras de TV, jornais, revistas e internet. A mídia de massa trabalhou como nunca para informar leitores e expectadores sobre a realidade dos êxodos mundiais, alguns mais próximos do que outros. Em especial, chamou a atenção o recorrente foco ao que se convencionou chamar de crise migratória na Europa, para onde confluíram milhares de pessoas oriundas do

O Oriente Médio e da África por diferentes motivos. Foram matérias incessantemente produzidas e reproduzidas por meios de comunicação. Que efeitos isso poderia ter na subjetividade do brasileiro que vai formar uma opinião a respeito da questão? Sobretudo, como o sujeito, a partir do que é produzido na mídia se relacionará com algo que, mais do que fazer parte do noticiário, passa a ser visível também na sociedade ao seu redor?

O caso da Venezuela é de especial importância para os brasileiros, pois constitui o principal grupo de migrantes e refugiados a entrar no país nos últimos anos. Segundo o relatório *Global Trends* do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados - ACNUR (2020), cada vez mais os indivíduos deslocados para fora da Venezuela adquirem características de refugiados: até o momento, 4,5 milhões de pessoas já deixaram o país, sendo que quase um terço deles está na Colômbia. No Brasil, são pouco mais de 120 mil venezuelanos, entre requerentes de asilo e aqueles com outras modalidades de permanência. Esses dados complementam os do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), compilados em relatório por Cavalcanti, Oliveira, Macêdo e Pereda (2019), instrumento de monitoramento instituído em 2013 a partir de cooperação entre o Ministério do Trabalho (hoje parte do Ministério da Justiça e Segurança Pública) e a Universidade Brasília (UnB).

No relatório do OBMigra, Cavalcanti et al. (2019) reúnem dados que ilustram a realidade brasileira. Considerando o período de tempo compreendido entre 2010 e 2018, os oito países cujas nacionalidades de imigrantes de longa permanência mais chegaram ao Brasil foram: 1º) Haiti; 2º) Bolívia; 3º) Venezuela; 4º) Colômbia; 5º) Argentina; 6º) China; 7º) Portugal; e 8º) Peru. Como verificado no relatório *Global Trends* (ACNUR, 2020) anteriormente, as situações de deslocamento tendem a ocorrer em maior volume nos países próximos, e pode-se observar que 50% dos países listados possuem fronteira com o Brasil, além de outros dois (Haiti e Peru) fazerem parte da mesma região e esfera de influência. No caso de Portugal, lembramos da socióloga Saskia Sassen (2007), que sublinhou a importância dos laços coloniais nos fluxos migratórios contemporâneos. Por fim, a China tem sido há alguns anos o principal parceiro comercial do Brasil. Por outro lado, quando focamos apenas no ano de 2018, ano do início deste trabalho, há uma modificação no cenário local. Os países que mais enviaram migrantes para o Brasil foram: 1º) Venezuela; 2º) Haiti; 3º) Colômbia; 4º) Bolívia; e 5º) Uruguai.

A ira contra os estrangeiros, como demonstrada pela mídia e aqui citada nos parágrafos iniciais, não foi aplacada com uma nova lei de migração, mais progressista em sua natureza quando comparada com legislações anteriores. Manifestada atualmente com maior intensidade contra os venezuelanos, essa ira não está diretamente ligada a fatos, mas a narrativas hegemônicas que mobilizam afetos. Tem-se a impressão de que a presença dos venezuelanos é maior do que de fato é. Os comentários mais frequentes em redes sociais dizem que os migrantes e refugiados concorrem com os brasileiros por empregos e colocam em cheque a funcionalidade dos sistemas de saúde, educação e segurança, já precários. Os números, porém, não corroboram estas impressões. Segundo relatório de julho de 2018 divulgado pela Organização Internacional para Migrações (OIM), o Brasil recebeu apenas 2% dos 2,3 milhões de refugiados venezuelanos que haviam buscado asilo em outros países até então. Deste número, pouco mais de 50% usaram o país apenas como passagem para outras regiões da América do Sul e não fixaram residência. As poucas dezenas de milhares de venezuelanos que aqui ficaram são apenas uma quantia irrisória quando confrontados com a população nativa de quase 210 milhões de habitantes. A possibilidade de que essa quantidade de pessoas possa lançar na desordem um país nas proporções do Brasil é ilusória, mas os discursos plenos de xenofobia continuam a proliferar e ganhar força. Este trabalho olha para o fenômeno migratório a partir de um contexto específico: o de alunos migrantes e refugiados na Universidade Federal do Paraná.

Os corpos docente e discente da UFPR constituem um microcronotopo (lugar de encontro entre o que é da ordem do tempo histórico e cronológico e do espaço físico) de narrativas dos mais variados matizes. Suas diversas áreas de ensino e as muitas origens de seus estudantes formam um retrato da sociedade brasileira com acesso às universidades públicas, a mesma sociedade que nos últimos anos, a partir de 2010, promoveu debates sobre a questão migratória enquanto o Brasil recebia cada dia mais migrantes oriundos da América Latina, da África e da Ásia. A universidade tomou parte nesse debate e ocupou lugar de destaque, que foi reconhecido pelo próprio ACNUR (2016). Em seu seio encontram-se migrantes e refugiados de diferentes origens.

Não existe uma definição jurídica universal sobre o conceito de migrante. Diferentes documentos e tratados abordam o conceito de diferentes formas. É mais comum, segundo o próprio ACNUR (2016), que se utilize a ideia de migração para

diferenciar o ato de sair voluntariamente de um lugar para outro, ainda que em outras acepções esse termo abarque todo tipo de deslocamento, inclusive o de refúgio. Assim, entenderemos migrante como toda pessoa em deslocamento voluntário de um ponto A para um ponto B.

A Secretaria Nacional de Justiça, ligada ao Ministério da Justiça, define refugiado como todo aquele que, “por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, como também devido a grave e generalizada violação de direitos humanos” (2018), se vê impelido a buscar asilo em outro país. A Secretaria define, ainda, a categoria dos apátridas, que são pessoas não consideradas cidadãos em nenhum país, portanto sem pátria. Essas pessoas, por motivos diversos, perdem a sua nacionalidade e também podem ser migrantes e refugiadas.

Todas essas classificações estão presentes no cenário migratório brasileiro atual e, conseqüentemente, fazem parte do quadro desta pesquisa. Mais especificamente, falamos dos migrantes e refugiados estudantes da UFPR e do universo simbólico ao seu redor, pensando em sua inserção numa comunidade acadêmica e discursiva muito própria, dotada de sua própria linguagem – linguagem esta que é de difícil assimilação mesmo para alunos brasileiros (PAN; LOMBA; MACHADO, 2017). Para os de outros lugares, o desafio é ainda mais acentuado.

Dentre os países da América Latina, o Brasil é, atualmente, um dos países que mais recebem refugiados e migrantes em geral. Muitos deles buscam as universidades para validação de seu diploma de nível superior ou para cursar algo que lhes permita melhores condições de vida no futuro. Esse contingente de pessoas exerce influência na sociedade e nas comunidades discursivas em que estão inseridos, como é o caso do meio acadêmico, e deve-se considerar a questão com seriedade, pois o ato migratório constitui aquilo que o antropólogo Marcel Mauss chamou de *fato social total*. A que ele se referia quando cunhou o conceito?

No seu livro mais importante, *Ensaio sobre a dádiva*, Mauss fala sobre fenômenos que englobam as mais diversas instituições nas sociedades que em seu tempo se convencionava chamar de primitivas:

Nesses fenômenos sociais “totais”, como nos propomos chamá-los, exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo –; econômicas – estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição –; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam esses fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam. (2003, p. 187)

Mais adiante, já na conclusão de seu estudo, o autor aprimora a definição e a estende para além dos agrupamentos humanos primitivos. Mauss afirma que os fatos sociais totais “põem em ação, em certos casos, a totalidade da sociedade e de suas instituições, e, noutros casos, somente um número muito grande de instituições, em particular quando essas trocas e contratos dizem respeito sobretudo a indivíduos” (2003, p. 309).

Consideramos aqui, portanto, a migração como um fato social total, pois seus efeitos englobam as dimensões econômica, jurídica, religiosa, política e moral de uma sociedade. Essa multiplicidade de facetas está contemplada pela lei nº 13.445, mais conhecida como Lei de Migração, instituída pelo presidente Michel Temer no dia 24 de maio de 2017 substitui o antigo Estatuto do Estrangeiro, de 1980, que via o estrangeiro sob a ótica da segurança nacional, tratando-o como uma ameaça em potencial. O novo documento, ao contrário, pauta-se pelos direitos humanos e visa garantir os mesmos direitos aos brasileiros e aos estrangeiros, focando na dignidade da pessoa humana. Na seção II (Dos Princípios e das Garantias) do Capítulo I (Disposições Preliminares), vemos que uma de suas principais diretrizes é o acesso igualitário a educação, especialmente pública (BRASIL, 2017).

Dentro da universidade, boa parte dos projetos desempenhados junto à comunidade migrante e refugiada (não apenas seus alunos) possuem relação ou vinculam-se com uma cátedra específica, a Sérgio Vieira de Mello, batizada em homenagem ao diplomata brasileiro morto em um atentado terrorista em Bagdá, em 2003 (ACNUR, 2020). O brasileiro iniciou sua carreira aos 21 anos, em 1969, e desde então passou a maior parte da vida em missões e posições do ACNUR, em países tão diversos como Bangladesh, Sudão, Chipre, Moçambique, Camboja e Timor Leste. Em 2002, tornou-se Alto Comissário das Nações Unidas para Direitos Humanos – cargo hoje ocupado pela ex-presidente chilena Michele Bachelet. Ao morrer, no ano seguinte, buscava uma solução para o conflito no Iraque.

Foi em sua homenagem que, ainda em 2003, o ACNUR criou e implementou junto ao CONARE (Comitê Nacional para Refugiados) e a universidades brasileiras a Cátedra Sérgio Vieira de Mello. Segundo o site do ACNUR, o acordo firmado com as instituições “estabelece um Termo de Referência com objetivos, responsabilidades e critérios para adesão à iniciativa dentro das três linhas de ação: educação, pesquisa e extensão”. Além disso, ocorrem anualmente os Seminários Nacionais da Cátedra Sérgio Vieira de Mello para promover a interlocução e troca de experiências entre as instituições que compõem o projeto. O Relatório Anual da Cátedra Sérgio Vieira de Mello, que em sua edição mais recente se refere às atividades desenvolvidas em 2019, traz mais detalhes acerca da importância do projeto para a realidade que vivemos. Balizada pelas três vertentes da Proteção Internacional – direito internacional humanitário, direito internacional dos direitos humanos e direito internacional dos refugiados –, a cátedra encontra nos centros universitários uma parceria imprescindível para a colheita dos frutos deste trabalho feito a muitas mãos. São 22 as instituições de ensino superior conveniadas até o momento. Dentre as atividades realizadas estão a oferta de disciplinas de graduação e pós-graduação sobre refúgio, desenvolvimento de pesquisas sobre o tema, além de serviços de assistência jurídica, de saúde, apoio psicossocial e de saúde mental, integração laboral, ensino de língua portuguesa, além de promover formas de ingresso particulares para refugiados, revalidação de diplomas e *advocacy*. É nessas muitas frentes que o trabalho da UFPR é realizado. Junto às demais instituições, a universidade atua, inova e produz conhecimentos adequados à realidade local, de forma a construir conjuntamente uma prática humana com a população migrante a partir das possibilidades de cada região. Segundo o site oficial do próprio ACNUR, “ao longo dos anos a Cátedra tem se revelado um ator fundamental para garantir que pessoas refugiadas e solicitantes de refúgio tenham acesso a direitos e serviços no Brasil, oferecendo valioso apoio ao processo de integração local” (2020).

Idealizado e colocado em prática desde 2013, o Programa Política Migratória e Universidade Brasileira (PMUB) é responsável por levar a cabo os objetivos da Cátedra Sérgio Vieira de Mello dentro da universidade. Contempla, atualmente, seis projetos de extensão: Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH); Refúgio, Migrações e Hospitalidade; Capacitação em Informática para Imigrantes; Migração e Processos de Subjetivação; Migrantes no Paraná; Preconceito,

Integração e Capital de Mobilidade; e Oficina de História do Brasil para Estrangeiros. Segundo o site da universidade (2018), esses projetos englobam os cursos de “Direito, Informática, Psicologia, Sociologia, Letras e o Centro de Línguas e Interculturalidade (Celin), além do Programa de Educação Tutorial (PET) de História”. Entre 2014 e 2018, foram mais de 5 mil pessoas atingidas pelos projetos do PMUB. (UFPR, 2019)

Desde que o PMUB teve início, algumas resoluções foram estabelecidas visando a introdução de alunos refugiados e migrantes na UFPR, todas elas assinadas pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), órgão responsável por normatizar processos seletivos, currículos de graduação e pós-graduação, além de criar cursos de especialização, aperfeiçoamento e capacitação (UFPR, 2018). A primeira dessas resoluções foi a nº 13/14, que, de acordo com seu caput,

Aprova normas para acesso de migrantes regularmente admitidos no Brasil e portadores do estado de refugiado de seu país de origem ou de visto humanitário e que tenham iniciado cursos superiores em instituições de ensino no estrangeiro aos cursos de graduação da UFPR, com fulcro no Art. 44 da Lei nº 9474 de 20 de julho de 1997. (CEPE-UFPR, 2014)

Dois anos depois, foi assinada a resolução nº 02/16, que

Estabelece normas para revalidação de diplomas de graduação expedidos por estabelecimentos estrangeiros de ensino superior requerida por migrantes regularmente admitidos no Brasil e portadores do estado de refugiado ou de visto humanitário. (CEPE-UFPR, 2016)

Outra resolução importante foi a 63/18, que “estabelece e aprova a criação de vagas suplementares destinadas a migrantes em condição de refugiado ou com visto humanitário em todos os cursos da Universidade Federal do Paraná” (CEPE-UFPR, 2018).

Essas resoluções, evidentemente, não esgotam as ações da UFPR em relação ao público estrangeiro. Uma das principais iniciativas é o Ano Zero (RUANO; RAGNINI; FRIEDRICH; GEDIEL, 2020), que inclui diversas atividades disponíveis ao aluno em seu primeiro ano de estudo, concomitantes às disciplinas de sua graduação, e incluem: espaços de acolhimento; orientações para auxílios; contato com coordenação do curso escolhido; inserção em programa de tutoria; análise do histórico para equivalências; aulas de português; reuniões de planejamento com

outros alunos migrantes e refugiados; reuniões com a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis para viabilizar e revisar ações de permanência; encaminhamentos pedagógicos e psicossociais; participação e criação de campanhas, entre outras atividades.

Além das atividades ofertadas aos alunos, a CSVN na UFPR também é responsável por atendimentos à comunidade externa e organização de eventos abertos ao público. Destacam-se iniciativas como assessoria jurídica; festas comemorativas (junina, Dia do Migrante, Dia do Refugiado); atendimento psicológico; curso de informática; atividades com crianças, entre outras.

O documento *15 anos de Cátedra Sérgio Vieira de Mello: Universidades e Pessoas Refugiadas*, com conteúdo das atividades desempenhadas nas instituições em que a cátedra está presente, conclui a respeito do Ano Zero:

Trata-se de um instrumento imprescindível para a permanência daqueles que ingressaram nos cursos de graduação da UFPR, a fim de que cheguem mais qualificados para o mercado de trabalho, melhorando não só sua qualidade de vida, individualmente, como também a sociedade em que está inserido, numa abordagem coletiva. Uma iniciativa proposta pela Cátedra Sérgio Vieira de Mello na UFPR, inspirada nos valores da alteridade e hospitalidade e com vistas à consolidação de uma universidade mais justa, plural e inclusiva. (RUANO; RAGNINI; FRIEDRICH; GEDIEL, 2020, p. 74)

Atualmente integrante do PMUB, o projeto Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH) foi criado em 2013 e consiste, segundo Ruano (2019, p. 24), “na concepção de um programa de ensino, pesquisa e extensão de Português como Língua de Acolhimento (PLAc) voltado a migrantes na condição de refugiados e/ou em situação de vulnerabilidade”. A iniciativa faz parte das iniciativas da UFPR e cumpre objetivos presentes nas resoluções internas acima delineadas, além de estar alinhada com a proposta da Cátedra Sérgio Vieira de Mello. É no seio dessa ação que parte desta pesquisa se realizará e integrará o projeto “Identidade, Políticas Inclusivas e Universidade Contemporânea: desafios à Psicologia Brasileira”. Antes, porém, é preciso compreender melhor a discussão sobre a questão migratória presente nos dias de hoje a partir de um macrocronotopo.

Não parece, mas entre o momento em que se lê este trabalho e o início do século XXI já se passaram vinte anos – ou duas décadas, o que for melhor para sublinhar o avanço inexorável do tempo. É possível que, futuramente, quando outros pesquisadores se debruçarem sobre estas palavras, o espaço que os separa

daquele 11 de janeiro de 2001 seja ainda mais amplo. A impressão de que muito aconteceu no decurso de duas décadas é um sintoma onipresente em nossa sociedade, e divide espaço com a sensação de que tudo é fugaz demais, veloz demais. Qual é a primeira memória que temos deste período?

Arrisco dizer que a memória definidora deste início de século, ao menos no Ocidente do qual o Brasil julga fazer parte, são os atentados terroristas ao World Trade Center na manhã de 11 de setembro de 2001. Nos anos que sucederam o acontecimento muito se falou a respeito e, no entanto, a sensação é de que o sentimento de ter vivenciado algo inédito na história da humanidade ainda permanece. Isso porque pela primeira vez um acontecimento daquela magnitude pôde ser observado praticamente em tempo real por boa parte do mundo, em um processo até então incomum de espetacularização da catástrofe. A mídia foi uma das principais agentes no desenvolvimento desse sentimento de negação do outro estrangeiro.

O fato é que a repercussão política, econômica e sociocultural daquele 11 de setembro ainda é difícil de ser mensurada. Quase de imediato, os Estados Unidos de George W. Bush invadiram o Afeganistão num ato de retaliação contra o Talibã, movimento político-militar que então governava a maior parte do país e era acusado de proteger membros da Al Qaeda envolvidos no ataque (DOBBINS et al., 2008, p. 90). Pudemos acompanhar a chamada *guerra ao terror* não apenas pela TV, mas, pela primeira vez, também pela internet, cada vez mais popular.

Tendo começado em 2001, a guerra ao terror ainda ecoa, dado que suas consequências ainda são percebidas. As invasões americanas ao Afeganistão e, logo na sequência, ao Iraque, colocaram em movimento um número de pessoas nunca antes visto, e foram prelúdios de conflitos maiores envolvendo ainda mais atores. Estima-se que hoje a quantidade de pessoas deslocadas de seus lugares de origem, entre refugiadas e deslocadas internas, no Afeganistão e no Iraque seja, respectivamente, de 3 milhões e 2,1 milhões. Os dados são do relatório anual *Global Trends*, em sua última edição (2020), referente ao ano de 2019.

A isso, seguiram-se outros fluxos migratórios e o século XXI notabilizou-se, desde então, pelos grandes movimentos humanos em proporções nunca antes vistas, tampouco jamais acompanhados tão de perto. O Brasil, é claro, está inserido nessa realidade e também foi cenário dessa dinâmica viva, que ganhou força inclusive nos noticiários e no cotidiano das pessoas, de repente habituadas a falar

sobre “os refugiados”, “os imigrantes” a partir do que viam nas emissoras de TV, jornais, revistas e internet. A mídia de massa trabalhou como nunca para informar leitores e expectadores sobre a realidade dos êxodos mundiais, alguns mais próximos do que outros. Em especial, chamou a atenção o recorrente foco ao que se convencionou chamar de *crise migratória* na Europa, para onde confluíram milhares de pessoas oriundas do Oriente Médio e da África por diferentes motivos. Foram matérias incessantemente produzidas e reproduzidas por meios de comunicação. Que efeitos isso poderia ter na subjetividade do brasileiro que vai formar uma opinião a respeito da questão? Sobretudo, como o sujeito, a partir do que é produzido na mídia se relacionará com algo que, mais do que fazer parte do noticiário, passa a ser visível também na sociedade ao seu redor?

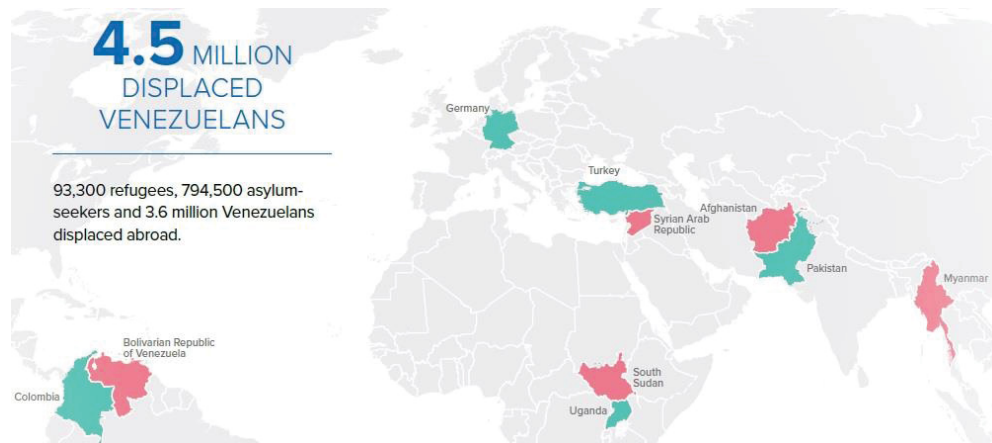
São perguntas sem respostas fáceis, mas o fato é que o século XXI trouxe, desde seu início, uma sucessão de conflitos e catástrofes que culminaram em deslocamentos humanos em larga escala que afetaram de maneira irreversível a maneira como pessoas consomem notícias sobre realidades outras. Neste século, falar em identidade e alteridade é urgente, posto que a tensão entre grupos e indivíduos de diferentes contextos é um dos fios a tecer o manto das intrincadas relações sociais perpassadas por questões como nacionalidade, pertencimento, subjetividade etc.

Para nos aprofundarmos em nossa contextualização, faremos uso do *Global Trends* mais uma vez. Sua edição mais recente, publicada em 2020, traz alguns dados importantes sobre a situação do mundo no período. É importante abordar esses dados.

Primeiramente, 79,5 milhões de pessoas foram obrigadas a se deslocar de seu lugar de origem ao longo de 2019 – maior número desde que se tem registro, possivelmente o maior na história humana. Os motivos variam, mas estão associados a perseguições, conflitos, violações generalizadas de direitos humanos, inclusive atos de violência. Desses quase 80 milhões, 26 milhões são refugiados segundo números do ACNUR e da UNRWA (da sigla em inglês para Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Próximo Oriente) contidos no *Global Trends* (2020). Outros 45,7 milhões são deslocados dentro das fronteiras do próprio país, e os 4,2 milhões restantes são requerentes de asilo político.

Em relação a 2019, houve um aumento de 8,7 milhões de pessoas deslocadas. Do número total – 79,5 milhões –, 15% encontram-se em países considerados desenvolvidos, sendo que 85% foram recebidos por países em desenvolvimento, ao passo que 73% dos refugiados destinaram-se a países vizinhos – este último é um dado importante, especialmente para entendermos por que o Brasil recebe poucos refugiados (ainda que o número seja alto se comparado à nossa própria realidade histórica na questão). Isso nos leva ao próximo número: 68% dos refugiados no mundo são provenientes de apenas cinco países: Síria (6,6 milhões de refugiados); Venezuela (4,5 milhões), Afeganistão (2,7 milhões), Sudão do Sul (2,2 milhões); e Myanmar (1,1 milhão). Como vimos acima, parcela significativa dos refugiados opta por se refugiar em países próximos, o que coloca o Brasil distante dos grandes centros de onde pessoas partem em busca de segurança e uma vida melhor. Para efeitos de comparação, os países que mais recebem refugiados no mundo são: Turquia (3,6 milhões); Colômbia (1,8 milhões); Paquistão (1,4 milhões); Uganda (1,4 milhões); e, somente então, Alemanha (1,1 milhões).

FIGURA 1 – PAÍSES QUE MAIS ENVIAM (EM VERMELHO) E QUE MAIS RECEBEM REFUGIADOS (EM VERDE).



FONTE: Global Trends (2020).

Nunca tanta gente deixou para trás seu lar por motivos de força maior como nesta época, e sabemos, através principalmente das novas mídias (redes sociais, sites etc), mas também das antigas (rádio, TV e jornais impressos), a respeito de realidades distantes com uma profusão de detalhes nunca antes vistas, detalhes que são acompanhados por imagens e sons, não apenas por relatos verbais. Essa

característica de instantaneidade e globalização coloca ao alcance do cidadão comum o contato com o outro. Globaliza-se as notícias, embora as pessoas não gozem do mesmo grau de globalização e boas-vindas reservado à informação e ao trânsito de mercadorias. Ainda assim, talvez nunca tenhamos ouvido tanto falar em globalização. Estamos habituados a pensar nessa palavra sem refletir sobre seu significado. De tanto repeti-la, assimilamos seu uso sem compreender a intrincada teia de conceitos que a cercam. A frequência com que se fala em globalização nos noticiários ou mesmo no cotidiano naturaliza um termo que coloca complexas perguntas para disciplinas como a sociologia, a psicologia e a antropologia. Vivemos em um mundo globalizado, dizem, e presumimos que qualquer acontecimento decorre dessa característica difusa e um tanto abstrata a que chamamos globalização. Faz sentido pensar as questões da migração e do refúgio a partir do termo.

Primeiramente, o que exatamente queremos dizer quando falamos em globalização? A socióloga holandesa Saskia Sassen dedica sua carreira ao estudo da temática, em especial suas relações com a questão migratória em virtude de modelos socioeconômicos. Ela compreende o conceito não apenas como a relação de interdependência entre instituições globais, mas também como elemento que faz parte de instituições nacionais, ou seja, utiliza-se dos Estados como veículos e manifesta-se em seu interior (2007). O global está contido no nacional e o elemento nacional no global. Assim, diferentes Estados enfrentam dilemas semelhantes e compartilham experiências e ações que são aplicadas em cada território à sua maneira, mas com características em comum.

Não devemos atribuir apenas à globalização, esta palavra tão incompreendida e amplamente empregada, o aumento da migração em anos recentes. Relatórios internacionais apontam que nunca houve tantas pessoas em deslocamento quanto na atualidade – realidade apenas modificada em 2020 em decorrência de uma pandemia que modificou severamente toda a mobilidade humana na Terra. Porém falar em globalização e compreender os fenômenos sob uma perspectiva global não bastam. Migrações em massa existiam muito antes do atual fluxo migratório, antes mesmo da palavra globalização existir. Sassen destaca que muitos dos motivadores e desencadeadores de deslocamentos no passado são os mesmos de hoje em dia, como reuniões familiares ou a chamada migração em cadeia, quando pessoas de um mesmo local seguem outras da mesma região para

uma nova cidade, região ou país (2007) por motivos semelhantes. No entanto, cada país possui suas particularidades que fazem com que seus cidadãos decidam migrar (ou se refugiar em outro lugar) ou com que receba pessoas de outras nacionalidades. Isso faz com que características particulares gerem consequências globais ou, ao menos, internacionais. Ainda que algumas motivações para a migração sejam as mesmas, a dinâmica do mundo adiciona uma nova camada de complexidade uma vez que problemas nacionais são compartilhados em um fórum de debates de nações, seja por meio de instituições como a Organização das Nações Unidas ou o Fundo Monetário Internacional, seja através de diálogos bilaterais. O dialogismo como compreendido por Mikhail Bakhtin, autor que será o eixo central deste trabalho, também fala de nações, que são, afinal, constituídas por indivíduos. O que, no entanto, significa dialogismo? Vera Lúcia Pires (2002) assim o define: “o nome dialogismo é mantido em relação à interação entre sujeitos por ser o próprio constituidor da vida e do social. A relação intersubjetiva, estabelecida pela enunciação, constrói tanto os sujeitos quanto os sujeitos do discurso”. Em suma, dialogismo diz respeito a diálogo, e esses diálogos entre indivíduos também se manifestam no diálogo de nações, uma vez que representadas também por indivíduos.

Os laços que unem historicamente certos povos se manifestam nas migrações. É assim, por exemplo, que acontece com uma grande quantidade de argelinos que migram para a França ou de indianos que vão para o Reino Unido em função de um passado colonial. O vínculo se mantém muito tempo depois da independência de ambos os países. Pode-se dizer que há uma relação histórica entre colônias e colonizadores que se mantém e se mostra nesses fluxos. Esse é apenas um exemplo – nem toda rota migratória possui em seu histórico um vínculo colonial. Cada movimento faz parte de um sistema, e esse sistema possui suas próprias regras que se manifestam em diversas maneiras (SASSEN, 2007). Os países que recebem migrantes não são receptores passivos nesse processo, nem os que veem seus cidadãos buscarem outros países. Vale lembrar de Bakhtin, quando fala sobre o enunciado, uma de suas principais ideias (a ser explorada em maiores detalhes no próximo capítulo), especificamente sobre a figura daquele que enuncia (profere um discurso):

Ademais, todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados. (2016, p. 26)

Em outras palavras, o que Bakhtin diz – e aqui traço um diálogo possível com Saskia Sassen – é que, estando numa arena discursiva extensa e permeada de teias que ligam diferentes discursos todo o tempo, não existe discurso que esteja desconectado da realidade, do contexto, da historicidade. Todo enunciado realizado responde a um dado de realidade anterior, e nesse sentido pode-se traçar um paralelo com a postura de determinados Estados que, mesmo quando passivos e silenciosos a respeito de determinado tema, também são partícipes na longa cadeia discursiva sobre a questão migratória. O silêncio também é uma mensagem. A passividade é uma resposta, um gesto (ou melhor, não-gesto) que por sua vez gera novas respostas. No trecho de Bakhtin citado acima o autor menciona que ninguém é o primeiro falante a violar o eterno silêncio do universo. Aí reside uma das máximas da teoria bakhtiniana: é fato que ninguém, em nenhum contexto, será o primeiro elo numa cadeia discursiva nem romperá com seu enunciado o mutismo universal. Alguém será o último, mas até lá pode-se falar num ciclo sem início e fim.

Assim é, também, com as relações entre Estados. Bakhtin fala de uma compreensão ativamente responsiva, no sentido de que há sempre um ativismo de alguma natureza presente nas respostas (2016, p. 25). Obrigatoriamente, o ouvinte se torna falante, pois não existe uma abstração absoluta do enunciado, seja no falante, seja no ouvinte ou receptor. Pode ocorrer de a resposta não ser de imediato, mas virá em alguma forma, em algum momento. Um enunciado que se manifeste na forma de uma ordem pode resultar numa obediência imediata do ato ordenado, mas também, como afirma Bakhtin (2016), numa compreensão silenciosa que só surgirá efetivamente em discursos futuros nos quais incluirá a experiência do enunciado de ordem ou por ele será influenciado. Nesse sentido, torna-se difícil atribuir à globalização a justificativa para todos os fluxos migratórios do presente, ainda que sem dúvida seja elemento de vital importância para a compreensão da totalidade do fenômeno e sem ela não possamos compreender a realidade do nosso momento

histórico. É um exemplo do que é um heterodiscurso e como ele se manifesta em nossos tempos.

Como dito anteriormente, a UFPR é referência nacional no atendimento a migrantes e refugiados. É por essa posição no debate migratório e pela posição que ocupa na sociedade paranaense, e por estar constantemente presente por meio de suas mídias oficiais tanto no diálogo com a sociedade quanto no diálogo com seus acadêmicos e profissionais, que nos interessa investigar como os diferentes discursos sociais sobre o que é ser um migrante constroem sentidos a respeito. O objetivo é examinar dialogicamente as relações de vozes entre o discurso oficial midiático da universidade e o dos próprios alunos migrantes. Outros objetivos incluem: compreender a relação entre mídia e subjetividade migrante de acordo com a teoria bakhtiniana; analisar os sentidos produzidos pelas mídias universitárias e seus possíveis efeitos subjetivos; e verificar possíveis indicadores para a melhor integração de alunos migrantes e refugiados com o entorno acadêmico.

2 OS COMPONENTES DA HETERODISCURSIVIDADE

2.1 A PALAVRA NA LÍNGUA E A PALAVRA NA VIDA

Quase toda a nossa comunicação é feita de palavras, a linguagem verbal constituindo-se como o veículo das nossas ideias, intenções e sentimentos. A palavra constrói e destrói, significa e ressignifica, transforma pensamentos abstratos em poemas épicos, contribui para o avanço científico colocando o homem no espaço ou reconfigurando sistemas socioeconômicos em larga escala. É o instrumento pelo qual sela-se a paz ou declara-se guerra, é o suporte que nos insere em uma cultura e em uma comunidade e através do seu aprendizado é possível criar novas formas de expressão através dos séculos. É ela que nos coloca em contato uns com os outros.

A palavra também marca a diferença. É um dos sinais que distinguem culturas, o principal marcador de um idioma. A palavra “água” em português é *water* em inglês, *vann* em norueguês, *su* em turco e *apã* em romeno. Significam a mesma coisa, mas são compostos por sons e grafias que em pouco ou nada se assemelham, embora produções acadêmicas coloquem um ancestral comum para algumas dessas línguas. Essa distinção define culturas, cria limites entre grupos humanos – embora não seja o único elemento a fazê-lo. Mikhail Bakhtin soube, como ninguém, abordar a linguagem como um espaço em que diferentes forças atuam sobre a palavra para lhe conferir propriedades infundidas de poder, dominação, sentidos. A linguagem é também um campo de batalha. A obra de Bakhtin é vasta e complexa ao explorar esse campo de batalha, e uma das principais construções conceituais do autor é a ideia de heterodiscursividade, central para este trabalho.

Para entender melhor essa a de discurso, tão importante para o desenvolvimento deste trabalho e para a apreensão do que é um heterodiscurso, vamos a alguns esboços teóricos iniciais. Os discursos se manifestam a partir daquilo que Bakhtin chama de *enunciado*. Os enunciados são unidades de comunicação e interação entre sujeitos (2016). Ele é tido por Bakhtin como a real unidade da comunicação, e encontra seu fim na alternância dos sujeitos do discurso. Isso ficará mais claro a partir das palavras do próprio Bakhtin:

Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão). (2016, p. 29)

Ou seja, enunciados são a base da comunicação humana e compreendem tudo aquilo que é transmitido pelo discurso. A linguagem se divide em gêneros primários e secundários, que são respectivamente assim considerados: os discursos simples, como a linguagem oral, e os complexos, como artigos científicos e obras literárias. O discurso midiático se situa na segunda categoria, um tipo de gênero secundário, com forma e tons próprios. Como qualquer texto, ele é composto por diferentes vozes que Marília Amorim tão bem discute em seu artigo “Vozes e silêncio no texto de pesquisa em Ciências Humanas”. Essas vozes incluem a do autor, do locutor, do destinatário, do sobredestinatário e do objeto (2002).

Para a teoria das vozes de Bakhtin, segundo Amorim (2002) há uma distinção entre autor e locutor, identificados normalmente no mesmo sujeito: o autor está em todo lugar e em nenhum em particular, sua presença sendo percebida na relação entre o que se diz e como se diz; o locutor, por outro lado, é o personagem com quem temos contato em um enunciado. O destinatário não é uma figura passiva a quem a mensagem se destina. Sua mera existência modula o discurso daquele que enuncia. Para Amorim, “do ponto de vista bakhtiniano, o sentido original não existe, pois tudo que é dito é dito a alguém e deste alguém dependem a forma e o conteúdo do que é dito” (2002, p. 11). Quanto algo é escrito por um jornalista, o destinatário, aquele para quem é feito o endereçamento do enunciado, faz parte do sentido. Há duas categorias de destinatários: o suposto, que é o que se tem em mente quando se produz um enunciado, e o real, que efetivamente lê ou entra em contato com o discurso. Todo discurso midiático terá um destinatário suposto, a quem pensa se dirigir, e vários destinatários reais, a quem realmente se dirige e sobre quem não detém o controle. Por fim, há a voz do objeto: qualquer que seja ele, “todo objeto é um objeto já falado, e assim que nele se toca é preciso confrontar-se com todos que já passaram por ele para que se possa dizer algo de original” (2002, p. 10).

Além dessas, muitas vozes compõem qualquer enunciado. É o que faz com que ele seja considerado um heterodiscurso. Este conceito surge quando Bakhtin

estuda a arquitetônica do romance literário na obra *Teoria do romance*, publicada no Brasil em três volumes. Logo no início do primeiro volume, ao falar do romance enquanto forma, Bakhtin o caracteriza como “pluriestilístico, heterodiscursivo e heterovocal” (2015, p. 27). Pluriestilístico fala da diversidade de estilos no romance, enquanto heterovocal, também referido como bivocal, aponta para a presença de mais de uma voz em um enunciado – ou seja, ao enunciar (escrever, falar etc), o(s) outro(s) também fala(m) em meu discurso. O conceito de heterodiscursividade (que em outras obras e traduções já foi traduzido para o português como “plurilinguismo” e “heteroglossia”) aponta para uma diversidade de discursos. Como ele se apresenta dentro do romance? Bakhtin responde:

O romance é um heterodiscurso social artisticamente organizado, às vezes uma diversidade de linguagens e uma dissonância individual. A estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, modos de falar de grupos, jargões profissionais, as linguagens dos gêneros, as linguagens das gerações e das faixas etárias, as linguagens das tendências e dos partidos, as linguagens das autoridades, as linguagens dos círculos e das modas passageiras, as linguagens dos dias sociopolíticos e até das horas (cada dia tem sua palavra de ordem, seu vocabulário, seus acentos), pois bem, a estratificação interna de cada língua em cada momento de sua existência histórica é a premissa indispensável do gênero romanesco: através do heterodiscurso social e da dissonância individual, que medra no solo desse heterodiscurso, o romance *orquestra* todos os seus temas, todo o seu universo de objetivos e sentidos que representa e exprime. O discurso do autor, os discursos dos narradores, os gêneros intercalados e os discursos dos heróis são apenas as unidades basilares de composição através das quais o heterodiscurso se introduz no romance; cada uma delas admite uma diversidade de vozes sociais e uma variedade de nexos e correlações entre si (sempre dialogadas em maior ou menor grau). Tais nexos e correlações especiais entre enunciados e linguagens, esse momento do tema através das linguagens, sua fragmentação em filetes e gotas do heterodiscurso social e sua dialogização constituem a peculiaridade basilar da estilística romanesca, seu *specificum*. (2015, p. 29-30)

Esta longa citação em especial porque fala sobre algo que surgirá em nosso trabalho através dos estudos dos enunciados dos alunos migrantes e dos estudos midiáticos, enunciados caracterizados pela heterodiscursividade, que carregam em si os movimentos históricos e as forças que atravessam os discursos sociais sobre a questão migratória. A teoria bakhtiniana se serve da literatura para falar sobre a cultura - estão intimamente ligadas - de forma que sua abordagem do romance reflete na mesma medida a sua abordagem da vida. O que é ser migrante? O que é ser brasileiro? O que é estudar em uma das melhores universidades públicas do país? Essas perguntas possibilitarão diferentes respostas a depender de quem as

enuncia e de quem as responde, e em cada caso os enunciados serão tanto mais atravessados por diferentes vozes sociais quantas forem as experiências de vida em contato com a realidade imediata

Todos esses aspectos da teoria mencionados até aqui são importantes, sendo que a voz do objeto é de especial relevância, pois coloca em questão a forma como a migração é abordada pela mídia, que entra em contato com todo um histórico prévio sobre a questão ao produzir seu conteúdo. Ao transmitir esse conteúdo aos destinatários supostos e reais, no entanto, nem sempre fica claro o pano de fundo sobre o qual se baseiam os enunciados midiáticos e tampouco o repertório que os sujeitos que entrarão em contato com estes enunciados podem utilizar para interpretar os discursos e construir sentidos de e para si. É nessa comunicação do enunciado, de um enunciador para um destinatário real ou imaginário, que se constitui a subjetividade.

2.2 SUBJETIVIDADE E CULTURA EM DIÁLOGO

Sendo uma das categorias mais importantes para esta pesquisa, é mister que a categoria subjetividade seja devidamente apresentada e compreendida para que dialogue com os capítulos subsequentes, uma vez que ela também está atravessada por vozes. Como veremos, os conceitos bakhtinianos só podem ser compreendidos em contato com outros, sendo de especial importância que nos atentemos para as relações que estabelecem entre si. Subjetividade, para o Círculo de Bakhtin, não é um conceito particular. Sua individualidade é limitada na medida que se refere a algo maior do que o próprio indivíduo e está situada num complexo emaranhado enunciativo que leva em consideração muitas possibilidades. Também complexa é a compreensão da ideia de subjetividade em Bakhtin e nos demais autores do Círculo, uma vez que sua compreensão está diretamente atrelada a uma série de outros conceitos que, como dissemos, estão espalhados por diferentes obras, sempre em diálogo.

Ainda assim, o principal elemento para começarmos a compreender a ideia de subjetividade para o Círculo talvez seja o de signo, também chamado de signo ideológico. Isso será importante na medida em que falaremos dos enunciados tanto midiáticos quanto dos alunos, sempre atravessados pelo material concreto das ideologias. O signo é tudo aquilo que possui uma significação ideológica e diz

respeito a algo da realidade natural ou social. Em outras palavras, o signo reflete ou refrata um elemento do mundo, algo que não pertence intrinsecamente ao signo e nem está nele. É o que nos ensina Volóchinov (2017), em *Marxismo e filosofia da linguagem*, um dos mais importantes tratados sobre ideologia e linguagem escritos por membros do Círculo. É mais fácil visualizar esses argumentos através de um exemplo.

Imagine-se o símbolo da foice do martelo, comumente atribuído ao comunismo. Isoladamente, são apenas instrumentos cujo existência corpórea é desprovida de significação intrínseca. Porém, utilizados em determinadas iconografias, representam um conjunto de ideias automaticamente compreensíveis para o observador familiarizado com certos significados culturalmente difundidos. A foice e o martelo cruzados formam um signo porque se referem a um componente social e político que não faz parte dos objetos, está *para além deles*. Por outro lado, também para o trabalhador do campo esses itens podem representar algo mais do que simples objetos, uma vez que são instrumentos que lhe rendem o pão, que permitem construir ou colher os frutos de seu labor. As possibilidades variam tanto quanto varia a experiência humana. Em ambos casos, o objeto em si (presente no meio natural e social) diz respeito a algo além de si mesmo (ideais, sobrevivência, luta etc), sendo, portanto, signos ideológicos. Em nossa investigação encontraremos signos investidos de ideologia e colocaremos esses signos em contato produzindo tensão dialógica.

Quando dizemos que um signo se refere a algo não significa que sejam uma representação exata do objeto a que se referem. O exemplo de signo ideológico mais comum é a linguagem, especialmente a palavra. Quando digo “mesa”, tenho uma representação gráfica composta pelas letras M, E, S e A de algo que se *refere* ao objeto mesa, mas não é o objeto, tampouco o representa integralmente. Uma mesa pode ser de muitas formas: pode ter três ou quatro pernas, ser de madeira ou de metal, ter tampo de vidro ou opaco etc, mas nada disso faz parte do signo “mesa”, que também é atravessado por sentidos que são parte das experiências próprias do indivíduo. Por isso, diz-se que o signo reflete ou, mais adequado, refrata a realidade, pois a refração comporta certo grau de distorção. Para Volóchinov, “a vivência psíquica é uma expressão símica do contato do organismo com o meio exterior” (2017, p. 116). Assim nasce a subjetividade, tendo como matéria-prima o

signo e seu vínculo com a realidade – e ela está constantemente sendo produzida e mediada por meio dos signos presentes numa paisagem heterodiscursiva.

Para Pan, Rossler, Ferrarini, Valore e Oliveira (2011), a consciência só existe e se afirma mediante a “encarnação material” em signos. É a partir desse universo de signos que o sujeito constrói sua subjetividade. Esses signos se organizem em estruturas que constituem diferentes gêneros discursivos. A principal obra a versar sobre os diferentes tipos de gêneros discursivos é *Gêneros do discurso* (2016), publicada por Bakhtin no início dos anos 50. A ideia central do ensaio é de que a linguagem é socialmente construída e que os sentidos a ela atribuídos estão relacionados a uma historicidade pertencente a cada comunidade e que é compartilhado por seus membros, de forma semelhante à construção do sujeito para a psicologia histórico-cultural, que o compreende como ser “ativo, social e histórico”, que produz e é produzido pela materialidade histórica através do trabalho (FERRARINI, 2020, p. 206). Nós nos comunicamos por gêneros discursivos pré-estabelecidos e com características próprias, marcadas semioticamente, que se manifestam diferentemente em cada situação. À época da elaboração do conceito, Bakhtin dialogava com linguistas e filósofos que o precederam, especialmente Wilhelm Humboldt e Karl Vossler, assumindo uma postura crítica em relação as suas concepções sobre a linguagem.

Bakhtin expande a abordagem dos autores do século XIX, inclusive recusando concepções transcendentais, como as de Kant (que supõe a existência de categorias de existência independentes da realidade material), e psicologizantes, como a cartesiana e sua ênfase na experiência interior individual (SOBRAL, 2017). Para Bakhtin, como para Vigotski,.

a consciência depende da linguagem para formar-se e manifestar-se. E como a linguagem se acha imersa no mundo, a consciência não é uma instância que imponha suas categorias ao mundo, precisando, em vez disso, desse mundo para se constituir, ao tempo que também o ‘constrói’. (SOBRAL, 2017, p. 107)

A subjetividade se produz, portanto, não no interior de uma mente em isolamento, mas no seio de uma sociedade situada historicamente, da qual faz parte o indivíduo que com ela dialoga e interage com seus signos. Sua consciência individual só ocorre a partir de uma base material concreta, ampla e histórica. O aluno estrangeiro da UFPR está, ele também, em contato com uma realidade

concreta, ampla e histórica, portanto heterodiscursiva: que enunciados e sentidos atravessarão sua experiência acadêmica?

É o gênero que confere à palavra propriedades que por si só ela não possui. A partir de seu endereçamento – para quem se dirige ao enunciar – o discurso é enunciado de acordo com gêneros que podem ser primários – como a forma oral e suas derivações – ou secundários – tratados científicos, textos publicitários, ficções literárias, documentos oficiais etc. O número de gêneros é tão grande quanto o número de atividades humanas que, à sua maneira, compõem comunidades discursivas próprias – como o jargão e o modo de falar específicos de uma universidade ou de um post no Facebook, por exemplo. Da mesma forma, cada época é marcada por certos discursos, e a marca pessoal de cada gênero, dentro de cada enunciado, é o que chamamos de estilo. Onde há estilo, há gênero, diz Bakhtin (2016, p. 21), e ele é um epifenômeno do gênero – ou seja, uma consequência à parte, atrelada ao gênero, mas com características próprias do enunciador. As mudanças estilísticas, particulares, acompanhadas de mudanças nos gêneros discursivos, sociais e históricas, constituem modificações históricas que permitem perceber a passagem do tempo e o desenvolvimento dos enunciados em dado lugar, além de produzirem sentidos sobre o que é ser alguém em um dado tempo e espaço, em uma instituição como a universidade contemporânea. Todo esse processo faz parte de algo que Bakhtin chama, em “Fragmentos dos anos 1970-1971”, de *vantagens essenciais da distância* (2017, p. 35).

Essa constituição subjetiva através de relações dialógicas respaldadas historicamente e por elementos de uma complexa teia social e cultural são resumidos por Pampa Arán no trecho abaixo. Por se tratar de publicação em espanhol ainda indisponível na língua portuguesa optamos por traduzir o trecho para melhor compreensão:

Então, em princípio, o dialogismo é uma relação interpessoal, intersubjetiva, entre um 'eu' e 'outro que não sou eu', que cria um vínculo que não é apenas comunicativo e significativo, mas expressivo, produtor de sentido, sendo esse sentido produzido por um acontecimento discursivo que carrega marcas sociais e históricas. (2016, p. 84)

Ou seja, para a teoria bakhtiniana é impossível dissociar um indivíduo do outro no que concerne a abordagem dos conceitos de identidade e alteridade, que caminham lado a lado, pois a existência de um presume a do outro. Para Miotello

(2017) a subjetividade não se constitui apenas a partir do discurso, mas de toda atividade humana que oferece um espaço de encontro e produção de sentidos entre os discursos de identidade oficiais, como por exemplo, o que é ser um universitário brasileiro e um universitário migrante. Esta intrincada trama implica, entre outras coisas, que a palavra do sujeito é, na realidade, a palavra do outro após assimilada a partir das próprias perspectivas e sentidos – por exemplo: a forma como nos informamos sobre determinado tema (como a questão migratória) através de um enunciado midiático (que é permeado por ideologia, mas sempre o será e, portanto, é mais do que uma representação sónica) produz os sentidos de nossa existência em um dado tempo, em uma instituição ou grupo, por exemplo.

Nesse sentido, os autores do círculo escreveram amplamente sobre a questão da alteridade, que está diretamente relacionada à formação da subjetividade – que, como vimos há pouco, não é individual mas atravessada por discursos externos, os quais depreendem sempre de sua dimensão social, histórica e valorativa, em que cada grupo atribui sentidos a determinado objeto. Essa relação com o outro é importante não apenas porque através dele tenho acesso ao mundo da cultura e dos signos, mas porque também parte de minha identidade é dele dependente, inclusive para existir. Bakhtin afirma: “Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe etc.), com sua entonação, em sua tonalidade valorativo-emocional” (2017, p. 30). Poucas coisas são tão primevas quanto um nome próprio, frequentemente decidido ainda antes do nascimento, de forma que o sujeito, ao vir ao mundo, já possui uma marca semiótica pela qual responderá durante toda vida, que vem acompanhada de um tom valorativo-emocional. Em outras palavras, o afeto é transmitido também por meio dessas palavras que são dirigidas a mim pelo outro dotadas de um caráter axiológico. Não há subjetividade e *estar-no-mundo* sem o outro:

Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada), a começar pela assimilação delas (no processo de domínio inicial do discurso) e terminando na assimilação das riquezas da cultura humana (expressas em palavras ou em outros materiais semióticos). (BAKHTIN, 2017, p. 38)

É por meio do outro que os códigos culturais são apresentados e mediados semioticamente para o sujeito ainda na infância, e continuam a serem apresentados e mediados durante toda vida num processo contínuo de formação que habita o espaço intersubjetivo e heterodiscursivo que existe entre duas ou mais pessoas. A palavra do outro transforma-se, segundo o termo de Bakhtin, em *minha-alheia*, posto que é fruto da relação dialógica entre duas consciências cultural e espacialmente localizadas. O outro sempre me dará suas palavras, mas não apenas suas palavras, seus valores e ideologias também: chama-se exotopia ou excedente de visão (ou ainda olhar exotópico) à imagem externa do indivíduo que só pode ser vista e interpretada por outrem, e graças a essa imagem externa que lhe é devolvida através do outro o indivíduo pode constituir-se integralmente e perceber-se em sua totalidade – algo que nenhuma foto ou espelho ajudariam, como explica Bakhtin (2017, p. 18). O outro, portanto, diz mais sobre o sujeito do que sua própria imagem especular. Para Sobral (2017) o outro é visto como acabado, enquanto vejo a mim como essencialmente inacabado - ao passo que o outro se vê como inacabado e me vê como acabado, temporariamente (p. 111). A partir das relações dialógicas somos atravessados pelo outro e por ele habitados – e a universidade é um dos locais em que essa alteridade mais facilmente se pontua devido ao seu microcosmo de identidades e alteridades representativas de uma sociedade maior e muito complexa.

É esse mesmo outro que carrega os domínios culturais e ideológicos que me serão transmitidos e também farão parte de mim. A subjetividade é constituída no mesmo ambiente e a partir da mesma matéria que a cultura e a ideologia, posto que o discurso é sempre múltiplo e atravessado por muitas vozes que o precederam e o constituem. Volóchinov delinea o espaço ocupado pelo psiquismo humano:

É impossível reduzir o psiquismo subjetivo a qualquer tipo de processo realizado nos limites de um organismo fechado, vivo e natural. Os processos que em geral determinam o conteúdo do psiquismo não se realizam no organismo, mas fora dele, apesar de haver uma participação do organismo individual. (2017, p. 115)

Uma vez que a cultura e sua relação com a subjetividade, por meio da heterovocalidade constituinte dos heterodiscursos, é um dos pontos centrais deste trabalho, vale a pena nos determos com atenção sobre a concepção de cultura para

o Círculo de Bakhtin, feitos a partir dos estudos sobre a literatura dos grandes autores russos.

2.3 O CÍRCULO E A NOÇÃO DE CULTURA

Cultura é outro dos alicerces deste trabalho, uma vez que estamos – literalmente – colocando pessoas de diferentes origens étnicas, linguísticas e nacionais para dialogar. Os participantes de nossas atividades são migrantes, nenhum nativo do Brasil, de forma que pensar a relação entre culturas é para nós um traço inescapável.

Sempre que falamos em cultura, falamos sobre algo que transcende os domínios de qualquer área do conhecimento. Não há disciplina humana capaz de apreendê-la em sua complexa totalidade. Bakhtin, no entanto, lançou bases sólidas para sua compreensão a partir de sua abordagem dialógica e discursiva. Primeiramente, para ele a cultura é “pertencente à história e está diretamente ligada aos fatos sociais desta história de forma sistemática” (Queiroz, 2013, p. 68). Em segundo lugar, a cultura é também habitante da fronteira, nascida dos mesmos espaços intersubjetivos em que nascem as subjetividades individuais. Queiroz coloca a cultura como pertencente aos espaços entre comunidades semióticas existentes na realidade concreta, na materialidade linguística do mundo:

Para Bakhtin é necessário que o fenômeno cultural adquira sentido, seja transformado, tenha em seu processo um momento histórico único de realização como materialidade concreta, sistemática e em suas fronteiras dialógicas. É a partir disso que a unidade cultural adquire sentido e torna-se cultura. É na fronteira, seja ela qual for, territorial, cultural, política, que a unidade cultural, a materialidade, adquire sentido, a partir da forma e de valores sociais sentidas no conteúdo dos enunciados concretos. É no contato com a cultura do outro que a materialidade de dada cultura mostra sua significação. (2013, p. 68).

Esse contato com a cultura do outro é explorado por Bakhtin em “A ciência da literatura hoje (Resposta a uma pergunta da revista *Novi Mir*)”. Nesse texto, o autor apresenta uma visão crítica da noção costumeira de que para compreender a cultura alheia é necessário situar-se dentro dela, abdicando de sua própria bagagem cultural para só então, despido de tudo, interpretá-la com olhos renovados, olhos do outro. Isso não se sustenta na abordagem dialógica, e não se sustenta de forma semelhante ao processo de formação da subjetividade que depende do olhar do

outro para se formar. Isso não quer dizer que tentar enxergar o mundo do outro através de suas lentes não seja importante – apenas que não se trata disso unicamente. Fosse apenas isso então o processo de interpretação estaria sacrificado para sempre e o que se teria, como o próprio Bakhtin afirma, seria uma dublagem pobre e obsoleta.

A interpretação criadora não renuncia a si mesma, ao seu lugar no tempo, à sua cultura, e nada esquece. A grande causa para a interpretação é a distância do intérprete – no tempo, no espaço, na cultura – em relação àquilo que ele pretende interpretar de forma criadora. Isso porque o próprio homem não consegue perceber de verdade e assimilar integralmente sequer a sua própria imagem externa (...); sua autêntica imagem externa só pode ser vista e interpretada por outras pessoas, graças à distância espacial e ao fato de serem outras. (2017, p. 18)

Essa visão nos remete imediatamente às vantagens essenciais da distância, mencionadas anteriormente quando falávamos de subjetividade. É preciso que o olhar exotópico do outro devolva para mim aquilo que eu mesmo não tenho acesso a partir de mim mesmo. Assim é com a cultura: sem renunciar ao seu lugar de origem, a potência interpretativa existente nas posições de alteridade termina por ser a ferramenta mais eficaz para o conhecimento do outro – ou melhor, dos outros e de sua cultura. Os sentidos produzidos pela interpretação das culturas e de seus signos alcançam melhores resultados na medida que são colocados sob o exame minucioso do olhar exotópico, e Bakhtin nos alerta que esses sentidos, por mais profundos e plenos que sejam, nunca serão definitivos, pois outros virão e os colocarão sob o escrutínio de outras culturas que deles terá uma compreensão ainda melhor. “Um sentido só revela as suas profundezas encontrando e contatando o outro, o sentido do outro: entre eles começa uma espécie de *diálogo* que supera o fechamento e a unilateralidade desses sentidos, dessas culturas” (2017, p. 18). Desse encontro entre culturas não resulta a anulação mútua, mas o duplo enriquecimento – não no sentido avaliativo e/ou moral, mas no sentido que são enriquecidas com novos sentidos ao tempo mesmo que mantêm sua própria identidade.

Coloca-se a reflexão: que sentidos permeiam a experiência do aluno migrante/refugiado numa universidade pública brasileira? A UFPR, por suas próprias características e sua excelência em ensino superior, é um caldeirão de influências culturais diversas, que incluem não apenas alunos de outras nacionalidades como

também de outras regiões do Paraná e do Brasil, diversas tonalidades de peles e gêneros, e também integrantes de povos indígenas e comunidades tradicionais. A cultura discente, bem como a docente e a dos profissionais da instituição, é múltipla, não possui uma única manifestação que balize todas as condutas, o que faz com que a vida universitária tenha colorações diversas. Delineia-se, assim, uma paisagem multicultural, multilíngue e heterodiscursiva. Se estamos pensando em enunciados e signos, e se eles são atravessados dialogicamente por discursos variados carregados de ideologia, então importa-nos compreender também com clareza como o Círculo de Bakhtin desenvolve a ideia de ideologia em seus estudos.

2.4 DIALOGISMO E IDEOLOGIA

Os estudos da ideologia são desenvolvidos especialmente na obra de Mikhail Bakhtin (particularmente em *Os gêneros do discurso* e em *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*) e no livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, de Valentin Volóchinov, embora durante décadas sua autoria tenha sido atribuída ao primeiro em função das dificuldades políticas sofridas pelo grupo em certos momentos e pela morte prematura de alguns dos seus membros, como a do próprio Volóchinov, o que dificultou a detecção da autoria em certos trabalhos. Por muitos anos, no Brasil, a única tradução disponível para *Marxismo e filosofia da linguagem*, traduzida a partir do francês e publicada em 1979 (cinquenta anos após o lançamento da obra original, em 1929), carregava o nome de Bakhtin como seu autor. Isso foi corrigido com uma nova tradução, desta vez diretamente do russo, publicada no Brasil pela Editora 34 em 2017, que já considerava os novos achados a respeito das biografias dos membros do Círculo e atribuía a autoria a Volóchinov. Não deixa de ser uma curiosa ironia a presença de tais embates ideológicos referentes à autoria de uma das mais importantes obras sobre ideologia publicadas naquele período.

Aqui utilizaremos a tradução mais recente, realizada pelas acadêmicas Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volóchinov chama a atenção, desde o princípio, para a necessidade de se desenvolver uma nova ciência das ideologias, de cunho marxista, que ele situa dentro dos estudos da linguagem. Para ele a linguagem é, portanto, o reino da ideologia por excelência. Como vimos anteriormente, quando abordamos a questão

da subjetividade, a objetos da realidade social e natural são atribuídas significações que refratam essa realidade, referindo-se a ideias e conceitos que estão fora do próprio objeto – ou, em outras palavras, *além* do objeto. Essas significações produzidas social, cultural e historicamente são produtos ideológicos. O objeto se transforma em signo por se referir a algo mais do que o próprio objeto (2017, p. 91). Volóchinov utiliza os verbos *refratar* e *refletir* quando fala de signos, e há uma diferença substancial entre os termos. Utilizamos em capítulos anteriores esses termos, mas é hora de nos debruçarmos sobre eles com mais detalhes.

Enquanto refletir se refere à ideia de reflexo, ou seja, uma imagem, que pode ser especular, idêntica ao objeto, o termo refração pressupõe um desvio da luz em contato com a matéria. Transpondo para termos linguísticos, a refração refere-se a um objeto, mas não exatamente ao objeto em seu estado natural, como ele é, sofrendo modificações que são atravessadas ideologicamente – como os exemplos da foice e do martelo ou da palavra *mesa* no capítulo anterior – uma vez que os signos são produtos culturais assimilados de diferentes maneiras por diferentes sujeitos. A linguagem, por meio do signo, tenta refletir o objeto, mas por ser atravessada por ideologia acaba por refratá-lo. Para Miotello, “seu lugar de constituição e materialização é na comunicação incessante que se dá nos grupos organizados ao redor de todas as esferas das atividades humanas” (2017, p. 170), ou seja, onde há atividade humana há ideologia e, conseqüentemente, refração pela ideologia. Não seria diferente com o espaço universitário ou em sua comunicação oficial.

Volóchinov diz que “cada campo da criação ideológica possui seu próprio modo de se orientar na realidade, e a refrata a seu modo” (2017, p. 94). A natureza do signo é externa e material, além de social e histórica, de forma que essa abordagem difere do pensamento idealista, que situa a ideologia na consciência, como se o processo de constituição das ideologias fosse puramente psicológico. Para Volóchinov, “uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto apenas no processo de interação social” (p. 95). O signo é um mediador da comunicação entre indivíduos organizados. Ao falar em indivíduo organizado, Volóchinov quer dizer *socialmente* organizado, distinguindo-o, portanto, da categoria biológica *Homo sapiens*. Em outras palavras, não há nada de natural no signo, que habita e surge no espaço intersubjetivo que existe entre consciências individuais, que, por sua vez, é

“um fato social e ideológico (p. 97). O autor atribui às leis socioeconômicas o poder de determinação sobre a natureza da ideologia ao afirmar que

A realidade ideológica é uma superestrutura colocada diretamente sobre a base econômica. A consciência individual não é a arquiteta da superestrutura ideológica, mas apenas sua inquilina alojada no edifício social dos signos ideológicos. (2017, p. 98)

A morada do signo é a palavra. Através dela nos comunicamos e transmitimos e absorvemos o universo sógnico e ideológico em que estamos inseridos. O signo, por sua vez, não possui apenas um sentido, mas acentos ideológicos diferentes a depender da posição ocupada pelo enunciador. Através delas, também, tocamos ideologias outras, entramos em contato com suas margens ou penetramos em seus inexplorados territórios. A palavra, diferente de outros signos, é neutra, ou seja, pode assumir *qualquer* função ideológica: científica, estética, moral, religiosa (2017, p. 99). Uma vez que a palavra é o veículo de transmissão das ideologias e é representada concretamente por signos, ela compõe a matéria-prima pela qual se constitui a própria consciência, como já investigamos. O discurso interior é composto por signos que são externamente construídos e internamente assimilados com base na experiência do indivíduo, sempre situado cronotopicamente. Cronotopo, por sua vez outro conceito bakhtiniano, é definido como a interligação entre espaço e tempo na construção de um enunciado (2018). Desdobrado, o conceito se refere ao que Bezerril e Pereira (2011) definem como o “horizonte espacial, temporal, temático e valorativo (axiológico, apreciativo, avaliativo)” em que se dá um enunciado, ao mesmo tempo que carrega uma ideologia – em suma, uma palavra que carrega em si muitas ideias. O enunciado, nessa concepção, é sempre heterodiscursivo pois carrega em si diversas vozes organizadas socialmente.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem* há uma extensa discussão sobre a relação entre a ideologia do cotidiano e a ideologia oficial e a forma como ambas se influenciam mutuamente. Em outras palavras, como a *base* influencia na *superestrutura*. Tomadas em conjunto, Miotello define ideologia como “a organização e a regulação das relações histórico-materiais dos homens” (2017). Uma vez que ela está presente em todas as interações, em tudo que acontece nas relações humanas e serve como matéria-prima para comunicações de todos os

níveis, está claro que a palavra – veículo de transmissão da ideologia – será o termômetro pelo qual se medem mudanças sociais (2017). A ideologia, como a subjetividade, não está situada no interior do psiquismo do sujeito, de forma psicologizante, uma vez que se constrói no mesmo espaço em que se constroem os signos. Ela não é uma entidade imutável, esculpida em pedra, mas fruto das tensões dialógicas que são também sociais e estão, portanto, sempre em movimento - em sociedades com muitas contradições a ideologia carregará diferentes interesses, como frisa Miotello. Pode-se falar em uma ideologia oficial e uma ideologia do cotidiano, e investigaremos essas distinções.

2.5 A IDEOLOGIA OFICIAL E A IDEOLOGIA DO COTIDIANO

Bakhtin desenvolve com especial esmero os estudos da ideologia na obra em que disserta sobre a função do riso na obra literária de François Rabelais. Nela, ressalta o caráter subversivo das manifestações populares, especialmente as festivas, carregadas de riso e comicidade, mas não se restringindo a elas. Ele afirma que o “mundo infinito das formas e manifestações do riso opunha-se à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época” (2010, p. 3). Quando fala dos muitos ritos e cerimônias do período do medievo, época em que Rabelais viveu, Bakhtin se refere a eles como *deliberadamente* não-oficiais, exteriores à Igreja e ao Estado. Em outras palavras, um segundo mundo e uma segunda vida parecia ser construída às margens de um discurso que era dominante e hegemônico, algo que Bakhtin sumariza com perspicácia ao se referir à ideia de *dualidade do mundo*, essa presença viva de uma existência paralela aos poderes constituídos. Essa segunda vida, este mundo ideologicamente paralelo ao oficial, é chamado por diversos nomes por Bakhtin ao longo de seu estudo – não-oficial, extra-oficial, cotidiano, popular etc –, mas utilizaremos o termo mais frequente para tratar do tema: ideologia do cotidiano. Essas *duas vidas* do homem se fazem presente na universidade e, conseqüentemente, em tudo a compõe.

Em etapas primitivas, no sentido de primordiais, do desenvolvimento humano, em formas de organização social que precederam a fundação do Estado, não havia distinção entre os aspectos cotidianos e oficiais da ideologia, posto que tudo era igualmente sagrado – o cômico e o sério como parte das mesmas manifestações divinas. Até mesmo nas formas rudimentares do Estado (um

anacronismo do qual lança mão Bakhtin) romano, a distinção era tênue, e Bakhtin cita o exemplo das celebrações onde se celebrava e escarnejava dos vencedores em igual medida (2010, p. 5). Ao falar dos ritos de carnavalização, grandes cerimônias cômicas em que o riso se dirige às autoridades eclesiásticas e aos senhores feudais, Bakhtin sublinha seu caráter libertador. Esse segundo mundo, o caráter subversivo da dualidade do mundo, apropria-se da matéria da vida para realizá-la em sua plenitude com princípios renovados – a alegria carnavalesca se torna a própria vida no processo, o riso do sujeito comum é liberto de suas rígidas amarras medievais e finalmente há espaço para manifestações que, em outras ocasiões, seriam duramente censuradas.

Falamos aqui de discursos em geral, mas é preciso ter em mente sempre o discurso midiático, foco deste trabalho, que é um tipo de discurso secundário, com forma e tons próprios. Isso só acontecia porque a carnavalização é uma festa popular. Bakhtin afirma que as festas oficiais organizadas pela Igreja e pelo Estado feudal “não arrancavam o povo à ordem existente, não criavam essa segunda vida. Pelo contrário, apenas contribuía para consagrar, sancionar o regime em vigor, para fortificá-lo” (2010, p. 8). Aqui nos aproximamos de uma compreensão mais clara do que é ideologia oficial, pois Bakhtin coloca as cerimônias oficiais do período em contraposição ao carnaval, ou seja, a festa oficial tinha a tendência de fazer a manutenção das estruturas, consagrar a estabilidade e a perenidade das leis que governavam o mundo. Enquanto a ideologia oficial, por meio de suas festividades oficiais, celebrava a imutabilidade, a ideologia do cotidiano, por meio do carnaval, dava luz à utopia e à liberdade por meio do riso. Sobre essas duas faces das festividades medievais, afirma Bakhtin:

Graças a isso, a festa medieval era um Jano de duas faces: se a face oficial, religiosa, estava orientada para o passado e servia para sancionar e consagrar o regime existente, a face risonha popular *olhava para o futuro e ria-se nos funerais do passado e do presente*. Ela opunha-se à imobilidade conservadora, à sua “atemporalidade”, à imutabilidade do regime e das concepções estabelecidas, punha ênfase na *alternância* e na *renovação*, inclusive no plano social e histórico. (2010, p. 70)

A seriedade na Idade Média está associada a autoritarismo, violência, interdições e restrições, e Bakhtin afirma que a partir disso depreende-se a presença de um elemento de medo e intimidação. O riso, afirma, foi o medo dominado, livre de restrições e impedimentos – um momento de vitória, enfim (2010, p. 78). O que fica

para nós é a díade formada por a) autoritarismo, estabilidade, violência, imutabilidade; e b) subversão, liberdade, alegria, renovação. A partir daí os conceitos de ideologia oficial e ideologia do cotidiano ganham contornos mais próprios dentro do emaranhado sógnico que é a ideologia.

Miotello (2017) entende a ideologia oficial como monológica e relativamente dominante. Por ser monológica, tende a querer evitar o surgimento de novas visões de mundo. Já a ideologia do cotidiano é compreendida pelo autor como aquela que nasce dos encontros casuais e fortuitos das relações e inter-relações, fruto da dinâmica fluida dos tratos sociais que é a matéria da própria vida. Elas não existem em compartimentos separadamente. Estão, antes, em constante tensão dialógica, sempre em contato, alimentando e retroalimentando o processo de produção e reprodução social. As ideologias, oficial e cotidiana, formam um único contexto ideológico complexo que, por sua própria natureza, é instável. Por isso, reforça Miotello, não cabe tratar a ideologia como a mera expressão de uma ideia, mas como tomadas de posições construídas a partir de um contexto amplo que envolve história, sociedade, cultura e indivíduos.

A partir do panorama traçado até aqui sobre a paisagem composta pelos heterodiscursos e pela teoria dialógica de Bakhtin e seu Círculo podemos nos dedicar a um exame mais profundo, em sintonia com os objetivos elencados no início deste trabalho. Antes, no entanto, é preciso compreender os métodos utilizados para essa finalidade.

3 MÉTODO

“Todo trabalho de pesquisa seria uma tradução do que é estranho para algo de familiar”. A frase é de Marília Amorim (2004, p. 26). Se a utilizamos como introdução para nossa exploração dos métodos aqui utilizados é porque há nela um tema que se conecta profundamente com este trabalho, e com esta seção em particular. Falamos, é claro, da questão da tradução. Primeiramente, porque em nossa investigação com sujeitos de pesquisa de outros países, a tradução, em seu sentido mais amplo, é algo de importância inestimável, pois sem o alcance da língua não há horizonte possível para uma pesquisa de base discursiva. O que queremos é compreender e nos fazer compreender. Em segundo lugar, porque nos deparamos, neste trabalho, com um amplo universo de signos ideológicos em posições dialógicas e contrastantes.

Esta pesquisa foi realizada como parte do projeto “Identidade, Políticas Inclusivas e Universidade Contemporânea: desafios à Psicologia Brasileira”, registrado na Plataforma Brasil (CAAE: 60107016.4.0000.0102) e aprovado pelo Comitê de Ética do Setor de Ciências da Saúde da UFPR, aprovado sob parecer 1.858.494 e desenvolvido no Centro de Assessoria e Pesquisa em Psicologia e Educação (CEAPPE) desde 2013, possuindo sua versão de extensão junto à comunidade estudantil intitulado PermaneSendo. O projeto oferece um espaço acolhedor para os estudantes e suas demandas, sendo uma espécie de porto seguro para suas vozes e vivências. Segundo Pan et al. (2013), essas vozes narram experiências de sofrimento e de conquista durante o processo de formação, e o PermaneSendo possibilita o encontro com pares que irão acolher tais discursos, legitimando-os. Nossa inserção nesse projeto deu-se pelo objetivo apresentado anteriormente, examinar dialogicamente as relações de vozes entre o discurso oficial midiático da universidade e o dos próprios alunos migrantes, trabalhando com estudantes migrantes e as mídias universitárias

Para contemplar o objetivo deste trabalho foi necessária a utilização de mais de um método. Quando colocados em tensão sobrevém o encontro dialógico conforme preconizado por Bakhtin.

3.1 PESQUISA DOCUMENTAL

A primeira etapa deste trabalho é uma pesquisa documental que teve como objeto as publicações da mídia universitária da UFPR em duas plataformas: as notícias de seu site oficial e os posts de seu perfil no Facebook. Em ambos os casos, optou-se por um recorte temporal compreendendo o período entre 1 de junho de 2018 e 31 de maio de 2019. Os endereços eletrônicos utilizados, <https://www.ufpr.br/portalufpr/> e <https://www.facebook.com/UFPRoficial/> respectivamente, foram acessados periodicamente, a cada último dia do mês, e as capturas de tela (Anexo I) de artigos pertinentes a este trabalho foram salvas em um documento Word com cópia em um Google Drive. Foram selecionados textos publicados na seção “Notícias” do site, filtrando pelas palavras-chave “migrantes” e “refugiados” e suas derivações mais comuns. O mesmo foi aplicado à página da universidade na rede social Facebook, que possui mais engajamento com o público, mas consideravelmente menos publicações a respeito do tema. Abaixo, panorama das publicações e sua distribuição de acordo com o tipo de mídia:

TABELA 1 – PUBLICAÇÕES ENTRE 1 DE JUNHO DE 2018 E 31 DE MAIO DE 2019

MÍDIA	QUANTIDADE
Facebook da UFPR	5
Site oficial da UFPR	16
Total	21

FONTE: Site oficial da UFPR e perfil oficial da UFPR no Facebook (2020).

Flick (2013) chama este recorte de análise qualitativa dos documentos, pois nos debruçamos sobre fontes já existentes e obtemos dados que existiam previamente à pesquisa. Neste caso, as publicações da mídia universitária da UFPR não foram pensadas, evidentemente, para serem materiais de pesquisa, mas para informar a comunidade acadêmica e/ou interessada sobre dado fato ou acontecimento. Ou seja, debruçamo-nos sobre enunciados elaborados para uma finalidade outra, de maneira que nossa investigação busca explorar os discursivos onde habitam elementos que ultrapassam a função inicial das publicações midiáticas. Nesse sentido podemos estabelecer um diálogo com Spink (2013), para quem a intersubjetividade presente nos registros documentais é “produto da

interação com um outro desconhecido, porém significativo e frequentemente coletivo” (p. 103). Na citação, Spink fala especificamente sobre documentos públicos e seu uso por psicólogos sociais e historiadores, mas julgamos pertinente estender o comentário também aos textos midiáticos, publicados a partir de uma interação com um outro desconhecido a quem o texto se destina.

3.2 PESQUISA EMPÍRICA

Também foi realizada uma pesquisa-empírica, de caráter qualitativo, com dez alunos do projeto Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH). É importante salientar que a universidade possui, hoje, 87 alunos de outras nacionalidades, de forma que a amostra de dez alunos corresponde a 11,5% do total (RUANO; RAGNINI; FRIEDRICH; GEDIEL, 2020). Os participantes eram alunos que frequentavam as aulas e que concordaram em participar do trabalho de livre e espontânea vontade após o pesquisador explicar o objeto e método da pesquisa e assinarem os Termos de Consentimentos Livre e Esclarecidos (TCLE).

Foi feita a leitura do TCLE com o grupo e os princípios éticos da pesquisa devidamente apresentados. Segue abaixo a lista dos participantes, que receberam pseudônimos para manter o sigilo das suas identidades.

TABELA 2 – LISTA DE PARTICIPANTES E GÊNERO

Identificação	Gênero
Edwidge	Feminino
René	Masculino
Jacques	Masculino
Romulo	Masculino
Félix	Masculino
Teresa	Feminino
Magda	Feminino
Mario	Masculino
Maryana	Feminino
Abel	Masculino

FONTE: Autor (2020).

O grupo participou de três rodas de conversa para a produção de dados. A roda de conversa aqui utilizada se trata de um método desenvolvido no seio do

projeto PermaneSENDO, tendo suas bases na teoria bakhtiniana. É uma abordagem de intervenção em contextos institucionais (BRANCO, 2015). Segundo Pan et al. (2013), a roda de conversa é uma proposta de partilha entre pares – estudantes, no nosso caso -, que dispõem de um espaço para falar de suas demandas – aqui, acerca da universidade e a forma como ela se comunica com os estudantes estrangeiros. Porém falar não é o que basta: é necessário ser ouvido, e a roda de conversa atribui à escuta valor de estimada importância. É nesse encontro de enunciados, em que se manifesta o caráter dialógico das relações humanas, que podemos identificar expectativas, necessidades e realizações pessoais. A roda de conversa, como dito por Jacques e Pan (2018), possibilita o compartilhamento de experiências, promovendo o engajamento dos participantes na discussão mais ampla sobre o que é fazer parte da universidade e os efeitos dessa participação na subjetividade dos migrantes e dos refugiados quando cruzada por múltiplas vozes, inclusive o dos meios de comunicação oficiais aqui abordados.

Os encontros foram realizados nos dias 23 de outubro, 6 de novembro, e 13 de novembro de 2019, no prédio histórico. As proposições dialógicas foram, respectivamente: “A clareza da comunicação universitária com os alunos migrantes”, “A comunicação entre acadêmicos” e “Descobrimo a universidade”. Como os participantes expressaram o desejo de não serem gravados, dois estudantes já envolvidos com a temática dos migrantes foram convidados a acompanhar os encontros e ficaram responsáveis por registrá-los por escrito: Gustavo Pedroso e Luís Zampi, ambos alunos do curso de psicologia e integrantes do projeto Migração e Processos de Subjetivação – Movimentos Migratórios e Psicologia, coordenado pela professora Elaine Cristina Schmitt Ragnini. Esses registros, junto às notas do pesquisador, compõem o diário de campo.

3.3 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi feita a partir da teoria dialógica discursiva de Mikhail Bakhtin. Serão cruzados os dados produzidos nos dois métodos empregados nesta pesquisa e seus sentidos serão tensionados para que se produza, através do olhar exotópico do pesquisador, um novo discurso atravessado dialogicamente pelas diferentes experiências. Esse tipo de pesquisa torna-se mais claro lançando-se mão

do texto “Por uma metodologia das ciências humanas”. Nas palavras do próprio autor:

As ciências exatas são uma forma monológica do saber: o intelecto contempla uma coisa e emite enunciado sobre ela. Aí só há um sujeito: o cognoscente (contemplador) e falante (enunciador). A ele só se contrapõe a coisa muda. Qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido como coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode ser tornar mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico. (BAKHTIN, 2017, p. 66)

Em outras palavras, o que o autor quer dizer é que a pesquisa em ciências exatas se caracteriza por objetos mudos que se relacionam com um sujeito. Não há interação entre a coisa muda – equações, objetos físicos etc – e o sujeito cognoscente, por isso é monológica. Sobre a coisa muda o pesquisador emitirá enunciados, mas a coisa, o objeto, não o fará em retorno. O diálogo inexistente, a construção do saber é unilateral. O homem, como organismo, objetificado, pode ocupar essa posição de coisa muda, mas jamais ali uma subjetividade – como ocorre com as ciências humanas. Uma pesquisa que tenha como base o homem em sua imensidão subjetiva não pode se pretender monológica, pois o sujeito, como tal, não pode ser percebido como um objeto. Mesmo que fique em silêncio, para uma pesquisa em ciências humanas, como é o caso deste trabalho, o conhecimento só pode ser considerado dialógico. Aqui, tensionaremos os discursos dos alunos participantes das rodas de conversa com as publicações midiáticas da universidade, num diálogo entre instituição, aluno, pesquisador e seu texto de pesquisa. Esse tipo de análise dialógica de dados produzidos por rodas de conversa e oficinas com universitários (RHODES, 2014; BRANCO; 2015; ALMEIDA, 2016; LITENSKI, 2016; BRANCO; PAN, 2016; JACQUES, 2018; JACQUES; PAN, 2018; LOMBA, 2019), bem como por entrevistas e grupos focais (MACHADO, 2011; MACHADO, PAN; 2016);

Nessa intertextualidade, o pesquisador também faz parte da produção de sentidos por estar situado no diálogo com os participantes. Ocupa o mesmo território e se abre para ele no mesmo instante em que o outro se abre para o pesquisador (AMORIM, 2004; ALBUQUERQUE E JOBIM E SOUZA, 2012). Isso é mais visível em relação às rodas de conversa, mas também é verdadeiro para as mídias analisadas, uma vez que elas também estão em contato com a realidade dos

estudantes. Nesse encontro nasce a possibilidade de produção de um conhecimento que é dialógico e alteritário, como afirmam Albuquerque e Jobim e Souza (2012). Dialógico pois há a presença de ao menos dois sujeitos em contato numa cadeia enunciativa: o pesquisador e seu outro, de quem busca conhecer e produzir sentido (sendo ele próprio – pesquisador - parte desse processo). Dessa dialética dialógica nasce a alteridade, que habita o espaço *inter* entre estranhamento e pertencimento, entre identificação e distanciamento. Como afirma Amorim, “a subjetividade bakhtiniana é sempre da ordem do *entre* ou, se preferirmos, de uma *intersubjetividade*” (2002, p. 18).

Em “O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas: um experimento de análise filosófica”, Bakhtin afirma que “independentemente de quais sejam os objetivos de uma pesquisa, só o texto pode ser o ponto de partida” (2016, p. 72). Esse enunciado possui uma ideia e realização desta ideia (p. 73), mas ao consideramos os discursos aqui presentes – as comunicações midiáticas da universidade e as vozes das rodas de conversa – produzimos sentidos a partir da tensão dialógica e de suas orientações axiológicas. O texto é o ponto de partida e também o ponto de chegada, mas, como toda pesquisa bakhtiniana deixa claro, o ponto de chegada é apenas um novo início na cadeia interminável de enunciados e sentidos por eles produzidos, só possível no diálogo com o outro através de seus enunciados e experiências.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Acompanhamos as publicações da UFPR ao longo de um ano, no período mencionado anteriormente, através de dois de seus canais oficiais de comunicação: o site da universidade e sua página no Facebook. Podemos destacar alguns números para ilustrar os dados encontrados e iniciar a investigação: obtivemos 21 publicações, das quais 16 foram publicadas no site oficial da instituição e 5 em seu perfil no Facebook. Deste total acima temos outro desdobramento: 8 posts sobre vestibular ou formas de ingresso; 7 divulgações de ações do Programa Política Migratória e Universidade Brasileira ou da própria universidade para a comunidade externa; 4 de campanhas internas de conscientização (contra racismo e xenofobia, por exemplo); e 2 a respeito de trâmites e burocracias (revalidação de diploma e mutirão para solicitantes de refúgio).

TABELA 3 – NÚMERO DE PUBLICAÇÕES POR TÓPICOS COMENTADOS

Tópico comentado	Quantidade de publicações
Formas de ingresso	8
Ações para a comunidade externa	7
Campanhas de conscientização internas	4
Trâmites e burocracias	2
Total	21

FONTE: Facebook oficial e site da UFPR.

Essas informações serão o panorama contra o qual procederemos à leitura dos dados das rodas de conversa, uma vez que estão em diálogo direto com os enunciados dos alunos durante as atividades. Alguns dados importantes já podem ser observados, no entanto. O primeiro deles é que grande parte, aproximadamente um terço, das publicações não é voltada para consumo da comunidade interna, mas para a comunidade externa, não dialogam diretamente com os alunos migrantes e refugiados estudantes da própria UFPR, como demonstra a figura abaixo:

FIGURA 2 - PUBLICAÇÃO DO DIA 18 DE ABRIL DE 2019

The image shows a screenshot of the UFPR website. At the top, there is a navigation bar with links for 'Página Inicial', 'Intranet', 'Office 365', 'Comunicação', and 'Transparência'. Below this is the UFPR logo and a search bar. A main menu contains links for 'A Universidade', 'Ensino', 'Pesquisa e Inovação', 'Extensão e Cultura', 'Vestibular e Concursos', 'Serviços', 'Acesso à Informação', and 'Ouvidoria'. The main content area features a green header with '+ UFPR' and a section titled 'Últimas notícias...'. The featured article is 'AUI apresenta em encontro de relações internacionais as políticas da UFPR para inclusão de refugiados e migrantes', dated 18 de abril de 2019. The article includes a photo of a conference and text explaining the university's internationalization efforts and support for refugees. A sidebar on the left allows filtering news by month (January), year (2020), and category (+ UFPR). Below the article, there are sections for 'Vestibular' and 'Sobre a Faubai'.

Últimas notícias...

- Código de Ética da UFPR é aprovado pelo Conselho Universitário
- SISU 2020: publicados Guia do Candidato e edital para 1.228 vagas na UFPR; inscrições de 21 a 26/1
- Resultado do Vestibular 2019/2020 da UFPR é homologado com 59,79% de aprovados oriundos da escola pública
- Atenção: emergências na UFPR em Curitiba devem ser encaminhadas ao Samu ou ao Sialo a partir de 17/1
- Com doença rara, estudante de medicina da UFPR cria canais para divulgar aprendizados

Histórico de notícias

Mês:
Janeiro

Ano:
2020

Gênero:
+ UFPR

AUI apresenta em encontro de relações internacionais as políticas da UFPR para inclusão de refugiados e migrantes
Camille Bropp 18 de abril de 2019 - 10h48

As formas como a UFPR tem acolhido e apoiado a inclusão de refugiados e migrantes no ensino superior foi o tema da fala do professor André Duarte, diretor da Agência UFPR Internacional (AUI), na conferência anual da Associação Brasileira de Educação Internacional (Faubai), nesta terça-feira (16), em Belém. O encontro, que reuniu responsáveis pelas relações internacionais de instituições de cerca de 30 países, é hoje o maior evento sobre internacionalização do ensino superior na América Latina e no Caribe.

Segundo Duarte, a política de acolhimento e de garantia de permanência de imigrantes e refugiados da UFPR tem despontado como referência, devido à amplitude e ao entrosamento de suas ações.

"Não somos a única instituição de ensino superior no Brasil que tem políticas abrangentes, mas somos, em grande medida, uma referência porque somos das poucas que implantaram um conjunto coerente de atividades e de ações, tanto normativas quanto de acolhimento", explica.

Nos últimos anos a universidade promoveu uma série de iniciativas para a inclusão e a integração de migrantes e refugiados. Entre as mais recentes, está a campanha "Recomeços são possíveis", que conscientiza a comunidade universitária sobre a necessidade de acolhimento e integração de migrantes e refugiados com vínculo na instituição. [A campanha foi lançada em fevereiro.](#)

Vestibular

A UFPR também realizou, em janeiro, o primeiro vestibular voltado a migrantes e refugiados, com dez vagas suplementares anuais. [O processo seletivo foi aprovado pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão \(Cepe\) em novembro.](#)

Outra política integrativa é o curso de português para estrangeiros, oferecido dentro do projeto de extensão Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH), que reúne o curso de Letras e o Centro de Línguas e Interculturalidade (Celin) desde 2013.

Sobre a Faubai

A abertura da Faubai 2019 Conference ocorreu no dia 13 e o evento termina nesta quarta (17) — a programação pode ser consultada [neste link.](#)

Criada em 1988, a Faubai reúne mais de 180 gestores ou responsáveis por assuntos internacionais em universidades. A finalidade da associação é promover as iniciativas na área, além de aproximar as instituições de agências de fomento, representações diplomáticas, organismos e programas internacionais.

FONTE: BROPP (2018).

Muitas das publicações falam sobre formas de ingresso na universidade, como é o caso de “Vestibular para migrantes e refugiados”, postada no Facebook em 10 de janeiro de 2019 e “UFPR terá processo seletivo anual com dez vagas

suplementares”, postada no site oficial em 14 de novembro de 2018. Juntamente às duas publicações sobre trâmites e burocracias internas (“Prae divulga edital Promissas para estudantes estrangeiros; inscrições começam dia 18”, de 5 de fevereiro de 2019, e “Promissas abre inscrições para alunos estrangeiros participantes do PEC-G; prazo segue até dia 25”, de 18 de fevereiro de 2019) pode-se dizer que há uma preocupação da comunicação universitária em ressaltar o início do processo, os passos que abrem as portas da UFPR para o estudante e que o mantém ligados à universidade. Apenas quatro publicações referem-se a campanhas que se debruçam diretamente sobre o cotidiano dos alunos universitários.

A seguir veremos como os elementos retirados das publicações se relacionam com as rodas de conversa, sobretudo em seus efeitos subjetivos quanto à permanência na universidade, relação com pares e profissionais da instituições, expectativas e percepções, e como os textos publicados refletem ou refratam uma realidade complexa e situada cronotopicamente.

4.1 ANÁLISE DOS DISCURSOS DOS ALUNOS

4.1.1 Primeiro ato: A presença do estudante migrante na universidade

A atividade foi realizada logo após o término da aula anterior, de português, com os alunos dispostos em semicírculo. Fui apresentado ao grupo pela professora Bruna Ruano e expliquei a atividade, dando algumas diretrizes iniciais acerca do que desenvolveríamos em conjunto. Com a finalidade de criar um primeiro vínculo, e sabendo que após horas de aula os alunos poderiam perder a concentração, foi proposto um intervalo.

Apresentei-me antes de iniciar qualquer trabalho com o grupo, oferecendo-lhes informações a meu respeito para que tomassem conhecimento de minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica em relação à questão da migração e do refúgio, deixando claro que meu interesse não se deve apenas a uma curiosidade científica, mas que visa, de fato, elucidar questões que possam se reverter em benefício dos próprios estudantes dentro da UFPR – daí a importância de construir coletivamente um conhecimento que só poderia partir de suas experiências de vida dentro da academia. Somente então lhes comunico meu intuito em detalhes e me

aprofundo na proposta da roda de conversa, cujo tema, neste primeiro encontro, é “A clareza da comunicação universitária com os alunos migrantes”. Quero saber *como* e se eles se veem representados no discurso oficial da universidade a seu respeito. Antes de iniciarmos as atividades, expliquei a importância de que assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que os dados produzidos nos encontros pudessem ser utilizados nesta pesquisa, frisando que a adesão de cada aluno era voluntária e que a qualquer momento poderiam escolher não mais participar.

Como construir uma comunicação melhor, um diálogo mais frutífero, entre a universidade e a comunidade de alunos migrantes? Esse seria nosso ponto de partida e também nosso objetivo final, na medida que seria uma pergunta norteadora do processo e a qual esperávamos responder. Pedi a eles que se apresentassem dizendo seus nomes, países de origem e qual curso estudavam. Foi assim que os conheci, um a um, e pude começar a compreender quem eram meus interlocutores, cujos enunciados analisaria. Para iniciar, de fato, pedi que me contassem de forma espontânea sobre suas impressões quanto à comunicação universitária: “Vocês entendem todas as instruções que os professores e funcionários passam? Entendem para quais órgãos da universidade devem se dirigir para buscar informações? Sabem utilizar os sistemas? Quero ouvi-los sobre como vocês se relacionam com a universidade nesse sentido”. Quando me certifiquei que todos haviam compreendido o enunciado e a instrução, passei-lhes a palavra.

Dentre as frases proferidas, vale destacar alguns trechos que respondem diretamente à pergunta e trazem outros elementos para a análise. Começamos por Teresa, que relata a diferença de estudar no Brasil e em seu país de origem. Apesar de serem ambos lusófonos, há muitos termos diferentes. “Aí a pessoa fica meio perdida”, diz. Também se queixa da dificuldade em correlacionar conteúdos de disciplinas e em fazer perguntas aos professores: “o empenho aqui é maior em termos de relacionar as matérias umas com as outras, estudar, fazer pesquisas. O professor fala, mas nem sempre eu entendo, aí tenho que perguntar, mas fico com vergonha”.

O sentimento de vergonha relatado por não conseguir captar as instruções dos professores e por ter receio de pergunta já foi verificado no trabalho “Entre frágeis e durões: Efeitos da política de assistência estudantil nos modos de subjetivação dos estudantes da Universidade Federal do Paraná”, de Machado, em

que o autor investiga efeitos de sentido no processo de produção de identidades e modos de subjetivação em estudantes bolsistas permanência na UFPR. O sentimento de vergonha verificado no estudo está ligado à condição de aluno bolsista com poucos recursos econômicos, que “parece significar um lugar não confortável, que lega também a seu ocupante um sentido negativado” (2011, p. 113).

O discurso de Teresa difere sutilmente dos demais, uma vez que ressalta a dificuldade linguística *apesar* de também ser falante nativa do português, o que dificulta o aprendizado. Rhodes (2014) já verificou a existência da mesma dificuldade entre universitários brasileiros, sublinhando a existência de um jargão próprio da universidade que ergue e impõe barreiras mesmo ao aluno, que deve assimilar essa nova linguagem para sobreviver no ambiente acadêmico. Todo aluno migrante, mesmo os oriundos de nações lusófonas, passarão por um processo de aprendizagem linguística e cultural ao entrar na universidade. Nesta primeira atividade, outros alunos manifestaram a mesma dificuldade de Teresa, com o adicional de não serem falantes do português:

A secretaria do curso não possui todas as informações do curso, tem professores que falam muito rápido e para compreender é preciso estar muito atento. A professora diz que se eu não entender, posso pedir para ela parar, mas aí eu ia ter que parar toda hora (Jacques)

Só que ainda tem confusão, utilização do portal do aluno é difícil. Sempre tem dificuldade, é necessário dar referências para esclarecer as dúvidas. (Magda)

Quando entrei na faculdade, tive aula de sociologia e a professora pediu que fizesse uma resenha, mas eu não sabia o que era resenha, o que significava. (Mario)

É interessante, em particular, a percepção de Romulo, que diz que suas dificuldades normalmente são *as mesmas dos brasileiros*, embora, como os demais colegas, também tenha problemas com a língua. “O professor não é muito claro, ele fala muito rápido”. Afirma que às vezes há perguntas incompreensíveis em provas, mas entende que são dificuldades que os brasileiros também têm. Porém, não situa a língua como fator preponderante nas adversidades cotidianas, mas a falta de uma fonte segura de informações. “No início eu não sabia nem onde ia estudar, onde era a sala”, diz.

Esses depoimentos abrem brecha para que possamos considerar a universidade como uma comunidade discursiva, segundo trabalhos de Pan, Lomba e Machado (2017) e Lomba (2019), munida não apenas de termos particulares para o cotidiano dos alunos, também dotada de uma terminologia tão própria e naturalizada que muitas vezes não se observa que a aquisição da linguagem universitária é um exercício de paciente construção – demanda dos alunos erudição e comprometimento emocional, e como qualquer linguagem leva tempo para ser adquirida, dominada e aplicada. A comunidade intramuros da UFPR possui, portanto, uma forma própria de se comunicar, e essa comunicação não se distribui de maneira completamente eficaz entre seus alunos, e seus efeitos são ainda mais complexos quando considerada a subjetividade do sujeito migrante.

Edwidge afirma “às vezes peço ajuda para o professor, mas ele também não tem conhecimento, às vezes nem a pessoa da secretaria sabe dar a informação e você vê que ela quer ajudar e não sabe também”. Ela fala especialmente da dificuldade de saber onde serão as aulas, pois seu curso possui disciplinas em diversos locais diferentes. Diz que o site do seu curso supostamente deveria conter os ensalamentos e horários, mas que está desatualizado. Isso traz à tona a importância da formação e treinamento do corpo profissional da universidade para atender os alunos migrantes da UFPR. Essa preocupação foi manifestada publicamente pela universidade em publicações como a do dia 13 de fevereiro de 2019, “UFPR lança campanha ‘Recomeços são possíveis’ para conscientizar sobre acolhimento de estudantes migrantes e refugiados”.

FIGURA 3 - PUBLICAÇÃO DO DIA 13 DE FEVEREIRO DE 2019

Últimas notícias...

- Banho de Lama e sorrisos marcam comemoração da aprovação no Vestibular 2019/2020 em campus da UFPR
- Vestibular 2019/2020: resultado final será homologado no dia 15/1, às 14h, no Núcleo de Concursos da UFPR
- Professores de Biologia em escolas públicas podem participar do curso gratuito na UFPR; inscrições até 15/1
- Estudantes da UFPR são medalhistas na Olimpíada Brasileira de Matemática
- Acadêmicos do NEAB se destacam em experiência no México e abrem possibilidades de cooperação

Histórico de notícias

Mês:
Janeiro

Ano:
2020

Gênero:
Ensino e Educação

UFPR lança campanha "Recomeços são possíveis" para conscientizar sobre acolhimento de estudantes migrantes e refugiados

Superintendência de Comunicação Social 13 de fevereiro de 2019 - 14h34

Recomeçar a vida em outro país envolve muitos desafios, que vão desde o idioma até as diferenças culturais. Pensando nisso, a Universidade Federal do Paraná lança, nesta quarta-feira (13), a campanha "Recomeços são possíveis", voltada para conscientização da comunidade acadêmica sobre o acolhimento de estudantes migrantes e refugiados.

Idealizada pelo Programa Política Migratória e Universidade Brasileira (PMUB), Núcleo Tandem, do Centro de Línguas e Interculturalidade (Celin), Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (Prae) e Superintendência de Comunicação (Sucom), a campanha aborda a prática de empatia e gentileza com os alunos que deixaram seus países para trás em busca de melhores condições de vida.

Recomeços são possíveis

Na volta às aulas, a UFPR recebe um grande número de novos alunos. Entre eles estão migrantes que vêm ao Brasil em busca de um recomeço. Imigrantes e refugiados que deixaram seus países para trás, em busca de melhores condições de vida. Cabe a nós, professores, alunos e técnicos, praticarmos a empatia e a gentileza.

Seja parte dessa história.
#recomeçossaopossiveis

DISCRIMINAÇÃO CONTRA UM ALUNO
DENUNCIE: acolhe.sipad@ufpr.br

"Recomeços são possíveis" busca sensibilizar professores, servidores e estudantes para a importância do acolhimento e do olhar para o outro. É uma iniciativa de prevenção", explica a coordenadora do PMUB, Tatyana Friedrich. "Sabemos que, em geral, os estudantes brasileiros são bem receptivos, mas a campanha de conscientização é importante e eficaz".

A coordenadora do Núcleo Tandem do Celin, Norma Müller, afirma que a empatia é fundamental. "É necessário colocar-se no lugar do outro e compreender o quanto é difícil estar em uma universidade em outro país, com outra língua e cultura".

Orientações

Ao receber um estudante migrante ou refugiado em sala de aula, a orientação é, em primeiro lugar, evitar o julgamento. "Não conhecemos a história que cada um carrega. Eles estão tentando reconstruir a vida longe de casa, isso é desafiador", explica Norma.

Ainda de acordo com as orientações, quando o estudante demonstrar que precisa de ajuda, pergunte quais são as dificuldades e ofereça auxílio.

Caso presencie algum ato de discriminação, denuncie pelo e-mail acolhe.sipad@ufpr.br.

Recomeços

O haitiano Daniel Felice chegou ao Brasil em novembro de 2013 e, em 2015, ingressou no curso de Direito da UFPR. "Sem dúvida é uma grande oportunidade porque a UFPR é uma das melhores universidades do país".

No último ano da graduação, o acadêmico conta que o acolhimento é um diferencial para a adaptação. "Fui muito bem recebido aqui e isso nos ajuda. O trabalho realizado pelo programa (PMUB) é incrível".

Daniel pretende seguir carreira acadêmica ou diplomática e garante que vai retornar ao Haiti. "Ainda não sei em que momento, mas tenho certeza que voltarei para participar da mudança e progresso do meu país".

FONTE: UFPR (2019g).

A iniciativa visa reduzir o sentimento de desamparo do aluno migrante instruindo os profissionais, inclusive professores, para melhor recebe-los, dando condições inclusive para que adquiram a linguagem universitária mencionada anteriormente e desenvolvam autonomia nos processos. O programa “Recomeços são possíveis” existe, mas há espaços para implementos e melhorias, uma vez que os alunos repetidas vezes manifestam dificuldades nos trâmites universitários e no próprio cotidiano do processo de formação. Nesse sentido, a fala de Mario de que o aluno já deveria saber o que é uma resenha, citada acima, é também um sintoma de que ainda é possível trabalhar em certos espaços para melhorar o acolhimento a alunos migrantes (e, neste caso, não apenas migrantes).

Maryana, mulher muçulmana, alterna o discurso entre o português e o inglês, pois ainda tem dificuldade com o português. Seu principal obstáculo é o idioma, mas sente-se orgulhosa de estar na universidade, ainda que sentisse muito preconceito e racismo no início. Afirma: “você entra no elevador e as pessoas não respondem seu ‘bom dia’, não olham para você. Eu me sentia desrespeitada, achava estranho”. Maryana diz não se importar com esse tipo de atitude em outros lugares, como na rua, mas que o tratamento dado a ela na universidade é mais difícil de tolerar, e ela sente isso da parte de professores também. O programa “Recomeços são possíveis” possui foco especial também na questão da discriminação, como ilustrado com clareza na divulgação feita no perfil do Facebook da universidade:

FIGURA 4 - PUBLICAÇÃO DO DIA 13 DE FEVEREIRO DE 2019 (FACEBOOK)

UFPR (Universidade Federal do Paraná)
13 de fevereiro de 2019 · 🌐

A campanha é voltada para conscientização da comunidade acadêmica sobre o acolhimento de estudantes migrantes e refugiados.
Caso presencie algum ato de discriminação, denuncie pelo e-mail acolhe.sipad@ufpr.br.
#recomecossaopossiveis ❤️

Recomeços são POSSÍVEIS
Seja parte dessa história.
#recomecossaopossiveis

UFPR.BR
UFPR lança campanha “Recomeços são possíveis” para conscientizar sobre acolhimento de estudantes migrantes e...

👍❤️ 392 6 comentários 155 compartilhamentos

FONTE: UFPR (2019j).

Alguns meses antes, no dia 25 de junho de 2018, o site oficial da UFPR publicou a notícia “Estudantes protagonizaram evento em celebração do Dia Mundial do Refugiado e à Semana do Migrante”, em que descreve a realização de um importante evento intitulado “Encontros inesperados – Culturas, Povos e Exílios”, realizado alguns dias antes, em 20 de junho. Os principais participantes, assim como os participantes desta pesquisa, foram alunos do PBMIH, mas do ano anterior, e o evento, aberto à comunidade, contou com, entre outras coisas, espaços para denúncias de discriminações sofridas em Curitiba e especialmente nas dependências da universidade, como foi o caso de Maryana. Como pensamos ao escolher a universidade como local desta pesquisa, as contradições e tensões discursivas presentes no interior da sociedade estão presentes também no ambiente acadêmico, encontradas nas muitas vozes que representam diferentes heterodiscursos sobre o que é ser migrante hoje.

Existe uma preocupação em comunicar para a comunidade, principalmente externa, ações como a deste evento, mas chama atenção em especial a ausência de depoimentos diretos dos alunos migrantes e refugiados envolvidos no evento. Temos acesso a enunciados sobre o evento, que contou com um vídeo de nome “Vozes e Culturas na UFPR: por uma universidade aberta, plural e democrática” e um debate com o tema “Refúgio e Migração: o que há de desafiador no encontro com o outro?”, e obtemos relatos a respeito através de depoimentos de atores da própria universidade, o que acentua o silêncio das vozes migrantes, em torno de quem toda a realização do evento gira. Suas imagens, no entanto, ilustram a matéria. Beth Brait vem trabalhando, desde o final dos anos 90, com a ideia de verbo-visualidade dentro de uma perspectiva dialógica, ou seja, com a dimensão verbo-visual em que tanto texto quanto linguagem visual são produtores de sentidos e inseparáveis, sob pena de perda de parte importante do sentido (2013). Nesses casos, ver é tão importante quanto ler. Utilizar-se do recurso imagético em produções textuais é uma característica comum do discurso midiático. O caso mais claro é o da televisão, em que a imagem é indissociável do enunciado verbal, mas no caso das mídias impressas, como revistas e jornais, ou mesmo das publicações online, é visível o cuidado em dispor de imagens para reforçar sentidos ou até mesmo contrapor visualmente algum argumento – as possibilidades de tensão dialógica entre diferentes tipos de signos são infindáveis. A imagem, sob uma perspectiva bakhtiniana, também pode ser lida como um enunciado, possuindo ela própria um sentido e produzindo sentidos outros ao entrar contato com o discurso verbal. São sempre usadas com um propósito e estão, tal qual a palavra, sempre em contato com uma realidade que é atravessada por múltiplas vozes. Se a palavra é a arena onde se travam as batalhas ideológicas de um determinado grupo social, a imagem que a acompanha também é infundida de heterodiscursividade. A imagem, tal qual afirmamos anteriormente a respeito da palavra, é um campo de batalha discursivo.

Durante estas primeiras atividades com o grupo, uma informação recorrente em seus enunciados é de que todos eles, alunos migrantes, costumam acessar o site do seu curso ou a página oficial da UFPR em algum momento quando buscam informações, mas queixam-se, todos eles, de sua constante desatualização. O segundo lugar mais buscado é a coordenação ou secretaria do curso, mas as complicações também são grandes, pois nem sempre os funcionários possuem as

informações necessárias aos estudantes, embora, na opinião de todos, deveriam ter. Os participantes não consideram que isso seja responsabilidade dos funcionários, mas da UFPR enquanto instituição. A situação se agrava entre aqueles que estudam em diversos locais diferentes, pois precisam recorrer a diferentes secretarias e departamentos com informações díspares, algumas mais atualizadas e coerentes do que outras.

Pan, Lomba e Machado (2017), realizaram uma pesquisa junto aos alunos do curso de Psicologia e Gestão da Informação sobre as formas que mais utilizam para buscar informações na universidade. No estudo dos autores, a maioria dos alunos declara conversar com colegas de turma como primeira opção, seguida por buscas no site da UFPR e em suas redes sociais. Seguem-se outras opções menos utilizadas, como conversar com a secretaria do curso, conversar com o centro acadêmico, utilizar o Manual de Sobrevivência do Calouro, entre outras. No caso do presente estudo, a diferença se dá no protagonismo do site da UFPR e das redes sociais como principais fontes de informação, seguidas pela secretaria do curso. Em outras palavras, os alunos migrantes esperam que a instituição responda às suas necessidades mais urgentes, por isso recorrem a ela ao buscar informações. Nesse sentido, Mario queixa-se da grande dificuldade em achar materiais importantes especificamente no site do seu curso. “Os professores têm seu próprio portal, eles colocam notas e exercícios lá, o programa da disciplina e o material também. Mas é quase impossível entrar”. Como os demais, Mario acha muito difícil compreender o sistema e o funcionamento da biblioteca para emprestar livros.

Uma das formas que os alunos encontraram de criar certa rede de apoio para troca de informações é através de grupos criados no WhatsApp apenas para alunos de outros países. Eles justificam essa iniciativa afirmando que é muito difícil fazer amizade com curitibanos, mas que através do grupo de WhatsApp podem compartilhar anseios e experiências, além do intercâmbio de saberes quando a instituição não é o suficiente para que consigam se localizar dentro de determinado espaço.

Ao final deste primeiro dia de roda de conversa, entreguei-lhes uma lista de notícias e manchetes postadas no site da universidade. Dei um tempo para que lessem e então perguntei: “Vocês se veem nesses textos? Parece que eles estão falando de vocês?”. Alguns não entenderam a pergunta, então expliquei que se tratam de matérias das mídias oficiais da universidade, publicadas ao longo de um

ano acerca da questão do migrante. Então todos foram unânimes em dizer que boa parte do que era noticiado eles nunca ouviram falar e que claramente falam muito deles sem que eles sequer fiquem sabendo ou sejam consultados.

4.1.2 Segundo ato: a comunicação entre pares

O segundo ato das rodas de conversa ocorreu no dia 6 de novembro de 2019. A professora Bruna Ruano novamente fez a gentileza de me apresentar ao final de sua aula como uma forma de passar a palavra para mim, que seguiria com as atividades no tempo restante. O tema deste encontro foi “A comunicação entre acadêmicos”.

Desta vez, inicio com uma dinâmica para quebrar introduzir a atividade com uma aproximação exploratória do tema que trabalharemos em conjunto. Pedi que os alunos se sentassem em duplas, já que estávamos em número par na sala, e preferencialmente com alguém de outro país. Uma vez formadas as duplas – por proximidade –, pedi que contassem para seu companheiro sobre um lugar, em seu país de origem, que em seu ponto de vista precisa ser conhecido – seja como uma recomendação turística ou um relato de experiência pessoal. A ideia era que falassem de um lugar que lhes fosse especial ou que julgassem essencial que seu companheiro conhecesse, caso tivesse a oportunidade. Dei a eles alguns minutos para que falassem entre si a respeito antes de discutirmos as indicações em grupo. Ao término do tempo, disse-lhes: “quero que vocês contem como se sentiram ao falar desse lugar para outra pessoa”. A proposta desta atividade era colocar em contato identidades e alteridades a partir de elementos de memória afetiva presentes nos relatos, abrindo espaço para discutirmos possibilidades de integração e pertencimento a partir da oposição entre o lugar de origem e a universidade.

Bastante tímida na primeira roda de conversa, Maryana tomou a iniciativa. Disse que se sentiu muito bem de poder falar para sua companheira de dupla sobre a cidade de Damasco, a mais antiga do mundo, capital de sua Síria natal. Disse querer mais momentos como este para recordar e falar a respeito. Conclui dizendo que “nós todos precisamos conhecer todo o mundo”. Sua fala é apenas a primeira de muitas que afirmam a importância da roda de conversa como ferramenta de trabalho com migrantes e refugiados, que veem no espaço criado uma possibilidade de se reconectar com experiências vividas por meio do diálogo com o grupo,

produzindo novas subjetividades e sentidos. Maryana fala de Damasco, mas não fala de Damasco para alguém que nunca esteve na cidade, desta forma enriquecendo seu relato com detalhes que passam por vínculos afetivos de muitos anos. Sua experiência de ter vivido em Damasco e de relatar o que é Damasco para uma pessoa de outro país, enquanto vive no Brasil e tem aula de português em uma universidade, certamente não carrega o sentido que tinha em relação a sua cidade enquanto vivia nela durante anos, e certamente não é o mesmo sentido produzido pelo início da guerra, seu recrudescimento e, por fim, não é o mesmo sentido produzido após a busca por refúgio em outro país. Ao recontar sua experiência para outros na roda de conversa, Maryana também fala de um novo lugar, da constituição de uma novidade identidade, pois a vida é uma obra inacabada, sempre preme de sentidos e construções. Também sobre sua própria experiência do passado Maryana lança seu olhar exotópico, completando com novos sentidos uma vivência que à época dos acontecimentos lhe era inescapável – paz, guerra, o que quer que seja. Bakhtin chama de *grande temporalidade* ao processo infindo de novas atribuições de sentidos a signos e experiências do passado (Bakhtin, 2017) em épocas distintas, futuras. Através da grande temporalidade, Maryana do presente dialoga com Maryana do passado e reconstrói.

Diferentemente, Teresa afirma: “Eu me senti normal”. Teresa sempre conversa a respeito de seu país com as irmãs, que também estão no Brasil. Falar a respeito para outra pessoa, portanto, não foi uma experiência particularmente diferente, ainda que falasse a respeito de um lugar querido em seu local de origem, além do fato de contar com uma rede de apoio familiar no Brasil.

Como Maryana, outros participantes demonstram sentimentos positivos ao falar sobre seus lugares de origem, como Jacques, que afirma: “Nós temos uma maravilha do mundo lá, um palácio com 35 portas”. Ele cita também uma fortificação importante construída no alto de uma montanha, como algo que precisa ser visto: “apesar de todos os problemas que o país tem, é um orgulho”.

Magda foi quem falou que, mais importante do que falar da história de seu país foi poder ouvir sobre o Haiti da pessoa com quem se sentou. “Assim como o meu país, é um lugar muito rico em história”. Magda fala desse encontro dialógico, do momento em que dois sujeitos de distintas realidades entram em contato para conferir novas tonalidades a experiências por meio de novos enunciados.

Ainda com a palavra, Magda vai além e traz o tema da comunicação para discussão: “aqui no Brasil as pessoas se comunicam de forma diferente, as pessoas são mais indiferentes e existe um padrão de admirar a América do Norte, os que falam inglês, mas quando conhecem alguém que fala espanhol não dão o mesmo tratamento, são intolerantes”. Em apenas poucas palavras, Magda fala de uma discriminação sofrida por ser migrante, reforçando a importância das campanhas da universidade, como as mencionadas por mídias no ato anterior.

Magda também se queixa dos seus colegas, que ignoram todo o conhecimento que ela insere nos trabalhos, frequentemente tendo sua parte excluída do documento final sem que falem nada para ela. Quando isso acontece, ela não tem coragem de falar nada. Sua professora, que tenta falar em espanhol às vezes, para que ela compreenda, é mal vista pelos alunos – a própria comunidade discente criando uma situação desconfortável para alunos de outras nacionalidades em seu processo de adaptação às linguagens da cultura e da academia (que, por sua vez, possui sua própria cultura). Nessa situação, os signos ideológicos compartilhados pelos alunos migrantes e brasileiros por meio de seus enunciados estão em tensão dialógica, um processo quase de oposições discursivas pleno de heterodiscursividade. O lado dos estudantes brasileiros que ignoram os conhecimentos de Magda – ignorando a ela também no processo – pode, nessas circunstâncias, ser comparado a um discurso oficial, reflexo de certo *status quo* que coloca o migrante e/ou refugiado em posição subalterna, de importância ou contribuição menor. Deste heterodiscurso nascem sentidos que, refletidos e refratados, produzem efeitos sobre a subjetividade de Magda (e outras pessoas que porventura forem submetidas a exposição semelhante).

Como observado por Colaço (2004), a sala de aula (e suas extensões como laboratórios, bibliotecas, enfim, espaços de ensino, estudo e pesquisa) circunscreve um ambiente cultural que, se por um lado possui dinâmica própria – o que aqui chamaremos de comunidade discursiva –, por outro é poroso, sujeito a penetrações externas que fazem com que os sentidos circunscritos estejam em contato com sentidos forjados em outros contextos culturais, outras comunidades discursivas. “Muitas vozes entram em ação, as quais se materializam nos enunciados dos professores e dos alunos”, escreve Colaço. Essa multiplicidade de vozes que é característica da heterodiscursividade acadêmica não está imune à realidade maior, externa aos muros da universidade, mas que é social e culturalmente situada e se

relaciona com o histórico recente que descrevemos brevemente no início deste trabalho por meio da descrição de atos de hostilidade contra estrangeiros. Por vezes ampla e difusa, por vezes objetiva e explícita, a animosidade contra o estrangeiro remonta ao sentimento descrito por Julia Kristeva, em *Estrangeiros para nós mesmos*, como “face oculta da nossa identidade, o espaço que arruína nossa morada, o tempo em que se afundam o entendimento e a simpatia” (1994, p. 9), e ilustra a relação ambígua que temos com a alteridade. Kristeva diz: “não é porque se é estrangeiro que não se tem, igualmente, o seu próprio estrangeiro” (1994, p. 31) dentro de si, pois, como expusemos anteriormente, a subjetividade para Bakhtin é um processo intersubjetivo, que habita o espaço *inter/entre* sujeitos e depende do olhar exotópico do outro para devolver a mim aquilo que sozinho não contemplo, e pode ser esse inclusive o olhar que me devolve o indesejado, o incapaz, o desafortunado, o inadequado. O estrangeiro que serei para esse grupo possui um elemento que me é devolvido pelo próprio grupo. Isso não quer dizer que o indivíduo assimila essa informação tal qual a recebe, mas que o olhar exotópico possui efeitos em sua subjetividade. Magda expõe, aqui, uma situação que claramente a afeta.

O artigo abaixo, publicado no site da UFPR em 4 de fevereiro de 2019, dialoga com esta temática, trazida por Magda, mas endossada por enunciados diversos ao longo das rodas de conversa.

FIGURA 5 - PUBLICAÇÃO DO DIA 04 DE FEVEREIRO DE 2019 (PARTE 1)

The image is a screenshot of the UFPR website's news section. At the top, there is a navigation bar with links for 'Página Inicial', 'Intranet', 'Ofício 995', 'Comunicação', and 'Transparência'. Below this is the UFPR logo and a search bar. A secondary navigation bar lists various university services like 'A Universidade', 'Ensino', 'Pesquisa e Inovação', etc. The main content area features a green header with '+ UFPR' and a section titled 'Últimas notícias...'. A sidebar on the left contains a 'Histórico de notícias' filter with dropdown menus for 'Mês' (January), 'Ano' (2020), and 'Gênero' (+ UFPR). The main article is titled 'Programa da UFPR inicia acolhimento linguístico e acadêmico para estudantes migrantes e refugiados', dated February 4, 2019. It includes a photo of a classroom and a smaller photo of a student. The text describes the program's goals and the experiences of participants.

Últimas notícias...

- Código de Ética da UFPR é aprovado pelo Conselho Universitário
- SISU 2020: publicados Guia do Candidato e edital para 1.228 vagas na UFPR; inscrições de 21 a 26/1
- Resultado do Vestibular 2019/2020 da UFPR é homologado com 59,79% de aprovados oriundos da escola pública
- Atenção: emergências na UFPR em Curitiba devem ser encaminhadas ao Samu ou ao Sisa a partir de 17/1
- Com doença rara, estudante de medicina da UFPR cria canais para divulgar aprendizados

Histórico de notícias

Mês: Janeiro

Ano: 2020

Gênero: + UFPR

Programa da UFPR inicia acolhimento linguístico e acadêmico para estudantes migrantes e refugiados

Superintendência de Comunicação Social 4 de fevereiro de 2019 - 12h21

A Universidade Federal do Paraná recebeu, nesta segunda-feira (4), 39 estudantes migrantes com visto humanitário e refugiados. Os novos alunos participam do curso de Acolhimento Linguístico e Acadêmico, organizado pelo Projeto Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH), durante cinco semanas.

O grupo é composto por 10 alunos, de cinco nacionalidades, aprovados pelo primeiro processo seletivo especial e outros 29 estudantes, provenientes de oito países, selecionados pelo edital de reingresso. Eles iniciarão diferentes graduações, como Medicina, Direito, Administração, Enfermagem, Letras e Ciências Contábeis.

As atividades incluem o curso intensivo de português e o acolhimento acadêmico, com visitas ao Restaurante Universitário, intercâmbio e biblioteca. Uma equipe de professores do departamento de Letras leciona a disciplina de Português como língua estrangeira.



Foto: Marcos Solivan

A coordenadora do Programa Política Migratória e Universidade Brasileira, professora Tatyana Friedrich, afirmou que o ingresso dos migrantes e refugiados representa um avanço para a sociedade paranaense, brasileira e, principalmente, para a UFPR. "A universidade se torna um reflexo dessa sociedade, tendo dentro do seu meio acadêmico toda a população que forma a nossa nação; isso inclui migrantes que optam em vir para nosso país".

A pró-reitora de Assuntos Estudantis, Maria Rita de Assis César, deu boas vindas aos estudantes. "Agora vocês são parte da comunidade UFPR. Sintam-se acolhidos e em casa", disse. "A Prae tem uma relação cada vez mais forte e institucionalizada com esse programa. Contem sempre conosco".

"A presença da diversidade engrandece a UFPR. Na última semana, recebemos os alunos indígenas e, hoje, vocês. É uma honra", destacou o superintendente de Inclusão, Políticas Afirmativas e Diversidade (Sipad), Paulo Vinícius Baptista.

O professor Eduardo Barra, pró-reitor de Graduação e Educação Profissional, parabenizou os novos estudantes da UFPR. "Aproveitem ao máximo a universidade, espero que vocês tenham uma experiência feliz e edificante para a vida. Vocês também deixarão uma marca nessa instituição, isso permanece e vira patrimônio".

Novos estudantes



A jovem Sabin Khouri fugiu da guerra da Síria com a família há cinco anos. Aprovada em segundo lugar no vestibular para migrantes e refugiados, a estudante de 18 anos pretende cursar Medicina. "Foi a melhor coisa ser aprovada, quando vi que passei quase chorei de alegria porque eu me esforcei muito. Adorei toda a equipe, o respeito que eles têm por nós é o máximo", conta.

O venezuelano Maker Gutierrez também iniciará a graduação na UFPR. "Estou muito emocionado, é uma grande oportunidade. A parte mais difícil de deixar meu país foi parar a faculdade. Esse é o melhor presente desde o dia em que resolvi deixar meu país".

Após o início do ano letivo de 2019, os alunos deverão ser acompanhados mensalmente por um professor-tutor ou colega-tutor, que será definido pela coordenação do curso, além de frequentar a disciplina Português como Língua de Acolhimento para Fins Acadêmicos, indicada pelo PBMIH.

Estudante síria Sabin Khouri, aprovada no vestibular para migrantes e refugiados. Foto: Marcos Solivan

FONTE: UFPR (2019d).

FIGURA 6 - PUBLICAÇÃO DO DIA 04 DE FEVEREIRO DE 2019 (PARTE 2)

Vestibular para migrantes e refugiados

Com dez vagas suplementares por ano, o processo seletivo especial foi [aprovado no mês de novembro](#) pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), para compor as políticas de inclusão e acesso à UFPR por grupos sociais vulneráveis.

As vagas serão escolhidas de acordo com a classificação do candidato — os mais bem posicionados escolhem primeiro, na ordem. Com isso, o curso escolhido deixa de figurar na lista de escolhas. O processo é feito até o preenchimento das dez vagas.

O processo seletivo foi aplicado no dia 13 de janeiro, composto por prova de conhecimentos gerais e redação. Pouco mais de 80 candidatos tiveram inscrição homologada.

Os critérios para inscrição incluíam documentos comprobatórios da conclusão de ensino médio e da condição de migrante com visto humanitário ou refugiado, tais como cópia da solicitação de refúgio no Ministério da Justiça ou na Polícia Federal ou atestado reconhecido pelo Comitê Nacional de Refugiados (Conare), do Ministério das Relações Exteriores.

Inclusão

A proposta da criação do vestibular foi encaminhada à Pro-Reitoria de Graduação (Prograd) pela Superintendência de Inclusão, Políticas Afirmativas e Diversidade (Sipad), em agosto do ano passado, com base nas experiências da UFPR no acolhimento de migrantes com visto humanitário e refugiados.

Com a aprovação do Cepe, as diretrizes do processo seletivo estão descritas na [Resolução n.º 63/18](#) (publicada em novembro) e na [Resolução n.º 13/14](#), que estabelece normas de acesso à universidade para migrantes com visto humanitário e refugiados e continua vigente.

A resolução mais recente faz parte das ações do Programa Política Migratória e Universidade Brasileira, que atua dentro da cátedra Sérgio Vieira de Mello, existente na UFPR em parceria com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR/Brasil) desde 2013.

O programa é composto por seis projetos de extensão da UFPR: Português Brasileiro para Migração Humanitária, do curso de Letras e Centro de Línguas e Interculturalidade (Celin); Refúgio, Migrações e Hospitalidade, do curso de Direito; Capacitação em Informática para Imigrantes, do curso de Informática; Migração e Processos de Subjetivação: Psicanálise e Política, do Departamento de Psicologia; Migrantes no Paraná: Preconceito, Integração e Capital de Mobilidade, do Departamento de Sociologia; e Oficina de História do Brasil para Estrangeiros, vinculado ao PET-História.

Reingresso

O edital de reingresso é divulgado durante o ano para acesso a vagas remanescentes de cursos de graduação, voltado para migrantes, refugiados e pessoas com visto humanitário que já iniciaram cursos superiores em seus países de origem.

A UFPR foi uma das instituições pioneiras no País a adotar tal política. Por meio da [Resolução n.º 13/14](#) do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, a universidade passou a auxiliar o acesso de reingressos – pessoas que se enquadram numa das situações citadas.

Até 2018, 52 alunos inoressaram na UFPR na condição de migrante e refugiado.

FONTE: UFPR (2019d).

O texto destaca, primeiramente e ao longo de quatro parágrafos, quatro diferentes vozes institucionais, escolhidas para contemplar a posição que a universidade ocupa no debate migratório e na receptividade a alunos de fora do Brasil. A síntese desses discursos pode ser sumarizada em dois pontos: boas-vindas e diversidade. Chama a atenção o comentário do professor Eduardo Barra, pró-reitor de Graduação e Educação Profissional, que é citado encerrando sua fala com a frase “Vocês também deixarão uma marca nessa instituição, isso permanece e vira patrimônio” – o que nos remete diretamente à frase de Bakhtin de que o indivíduo se divide entre as palavras e as palavras do outro (2017, p. 38). É na fronteira entre essas vozes que se trava uma “luta dialógica”, e por vezes as vozes podem se imiscuir umas nas outras causando confusão, nem sempre está claro o que é do horizonte próprio do indivíduo e o que é do outro, do meio, enfim, do espaço em que está inserido. Porém a frase do professor remete sobretudo ao

debate que elaboramos anteriormente quando falamos sobre ideologia e o embate, ou luta dialógica, entre o que é oficial e o que é da ordem do cotidiano, o institucional e o individual – enfim, a complexa heterodiscursividade que acompanha todo discurso que atravessa a universidade. Isso porque a academia possui, é claro, o seu próprio discurso oficial, complexo e soberano, uma vez que é preciso se adequar às normas impostas *a priori* para gozar do direito ao uso do espaço acadêmico. Esse discurso oficial, institucional, representado nas falas da publicação acima, transmite uma mensagem de acolhimento e oferece um processo pelos quais os alunos passam para que sua estadia na universidade seja a melhor possível. Isso, é claro, é de suma importância, mas vamos resgatar brevemente o primeiro ato dessas rodas de conversa.

Nele, ressaltamos o recorrente sentimento de “estar perdido”, manifesto na dificuldade em encontrar informações básicas sobre o cotidiano universitário, quando até mesmo Teresa, falante do português, demonstra embaraço no processo. Isso porque o domínio da língua não significa o domínio dos espaços e das comunidades discursivas específicas, como a acadêmica e, dentro da acadêmica, suas subdivisões infindas. É nessa relação difícil com a academia – trazida não apenas por Teresa, mas também por Jacques, Magda, Mario, Romulo e Edwidge e tendo a concordância dos demais – que está presente algo que escapa ao domínio da língua portuguesa e que escapa também ao intuito monologizante da cultura institucional, que visa imprimir sua visão de acolhimento sobre as estruturas institucionais. Esse algo talvez inominável que escapa entre as relações é parte da realidade concreta e viva, e está relacionado com a luta ideológica travada no seio das ideologias e do apoio coral (Volóchinov, 2019), que traz consigo sempre elementos extraverbais sociais e valorativos que emolduram o enunciado.

É por essa fresta que penetra o discurso contra a alteridade verificado na fala de Magda sobre colegas que menosprezam seu trabalho, frases que, ainda que estejam em outra escala, dialogam com um quadro maior que é social e contextualizado cronotopicamente que fala de um discurso contra o migrante, contra o refugiado, contra o diferente. Isso posto, somado às dificuldades mencionadas no parágrafo anterior quanto ao estado da própria universidade em oferecer o acolhimento linguístico e acadêmico, temos um cenário em que os discursos presentes no interior do meio universitário apontam em direções ideológicas por vezes conflitantes, plenas de tensão e cujos efeitos sobre a subjetividade não

apenas do aluno migrantes mas também dos demais envolvidos em todo este processo reverberarão, como anunciado pelo professor Eduardo Barra, na constituição de uma nova academia, que por sua vez continuará o diálogo com novos autores de anos vindouros através da grande temporalidade.

“As pessoas acham que a gente vive com animal, que não falamos a língua daqui. Eu sei falar várias línguas e eles acham que a gente vive como selvagens”, afirma Edwidge em certo momento da roda de conversa. Sua indignação refere-se também às recorrentes confusões feitas pela população local, em especial a comunidade acadêmica em relação à pele negra dos estudantes estrangeiros, tendendo a considerar, pelo volume da imigração, todos como haitianos, ainda que, como no caso dela e de outros, sejam africanos.

Jacques afirma: “o Brasil tem diferenças entre curitibanos, pessoas que são do Nordeste, pessoas do Rio de Janeiro. É preciso ir na história do Brasil, estudar a história do Brasil para entender algumas coisas, aí você vai entender um pouco mais sobre a sociedade brasileira”. Seu discurso fala sobre como é possível, com conhecimento, compreender diferenças e nuances imperceptíveis para aqueles sem informação. Assim ocorre com os brasileiros em relação a haitianos e africanos ilustrados na fala de Edwidge, que por sua vez também revela que tinha concepções sobre o país: “antes de viver no Brasil eu achava que o Brasil era só favela”. Ela adverte: “é preciso saber o mínimo sobre cada lugar”, referindo-se aos estereótipos de que foi vítima.

Mario concorda com Edwidge e intervém, sublinhando o caráter político – portanto ideológico - desse desconhecimento que se tem em relação a certas culturas: “se você lê sobre a história e a geografia do mundo não aprende sobre o libertador do Haiti, é uma coisa política”, afirma. Sua fala lança luz sobre o equilíbrio de poderes na balança da geopolítica mundial. Como sua colega, que afirmou que o brasileiro possui um deslumbre com a cultura norte-americana, Mario coloca que as culturas periféricas, como a do Haiti, não têm sua cultura propagada, muito menos observada pelos brasileiros (em especial os alunos da UFPR não migrantes) com as mesmas lentes que utilizam para olhar para lugares mais economicamente desenvolvidos.

Perguntei ao grupo se eles percebem diferenças na forma como as pessoas se comunicam em seus países e na forma como as pessoas se comunicam no Brasil, mais especificamente dentro da universidade. Jacques toma a palavra para

destacar a dificuldade em criar laços com brasileiros. “É muito diferente a forma como as pessoas se comunicam no Brasil e no meu país. Alguns problemas são culturais: quando alguém chega no Haiti, o haitiano é mais acolhedor, todos pensam em ajudar, apesar dos problemas que a gente tem”. Ele continua: “É muito difícil se encaixar. Aqui as pessoas não querem fazer amizade normalmente, é tudo superficial, só querem ser colegas. Há colegas estrangeiros que estão há muito tempo aqui e não conseguem fazer amizades com brasileiros”.

Edwidge discorda, fala da professora que veio acolher os alunos e explicar como a faculdade funciona – como mencionado nas publicações da UFPR. Afirma que existem professores que ajudam, então em caso de dúvidas os alunos migrantes tendem a buscar esses professores. Eles explicam como as coisas devem ser feitas. “Alguns professores, quando você não vai bem na prova, explicam os erros que você cometeu para que não se repita, mas não são todos que fazem isso”.

Romulo contribui dizendo que “têm muita coisa diferente entre cultura brasileira e haitiana. Os brasileiros perguntam coisas para machucar os estrangeiros. Um dia um brasileiro me perguntou, na sala de aula, se em meu país tem feijão, arroz, se tem carne, se tem guerra”, e, conclui indignado, “perguntaram se no Haiti tem carro!”. A participante Teresa percebeu que uma funcionária da UFPR deu bom dia para uma brasileira, e não para ela, portanto Teresa não deu mais bom dia também. Sua indignação e a de Romulo, como a de Edwidge, recai sobre os estereótipos que reforçam sentidos que, no limite, produzem subjetividades que reproduzem posições ideológicas rígidas sobre o que é ser de outro país. Pouco se flexibiliza o entendimento de que é possível ser de outro país, ainda que mais pobre, e ter acesso a cultura, produtos e serviços também disponíveis no Brasil. Isso é reforçado pela fala de Maryana de que “a mídia não mostra notícias de outras cidades de outros países, é uma mídia nacional, local”, diz. “Os alunos de faculdade aqui dificilmente conhecem a história do próprio país”, completa. Para ela, trata-se de uma questão de informação e formação cultural e educacional. Em relação à percepção dos brasileiros, embora tente não se deixar influenciar pelos pré-julgamentos e conceitos, Maryana afirma que já foi questionada sobre sua condição de mulher de fé muçulmana, se na posição dela poderia ou não estudar e comenta que foi tocada em seu íntimo por essas abordagens.

Esse olhar exotópico, informação sobre mim que me é devolvida pelo outro e traz consigo seu olhar profundamente atravessado por discursos dialogicamente

construídos e em contato com uma realidade muito maior do que sua experiência individual, possui papel significativo na produção da subjetividade migrante, que se depara com um enunciado monologizante, uma vez que fala de uma composição do migrante que é estável, igual para todos que fogem ao padrão americano/europeu, em oposição às posições dialógicas que colocam em embate não apenas enunciados, mas também culturas e suas idiossincrasias. Em contatos umas com as outras, influenciam-se mutuamente. Quando alunos e profissionais repetem enunciados que reduzem a condição do migrante a algo da ordem do incapaz, do inapto ou do infeliz, reproduzem uma posição que pouco se abre para o diálogo e que engloba sob os mesmos signos ideológicos condições e realidades tão díspares quanto são as culturas humanas.

Em relação aos brasileiros e ao processo de chegar a outro país, no entanto, Maryana diz: “eu aceito esta comunidade, pois ela é nova para mim. O que eu faço é ensinar meus filhos a serem sensíveis com os outros, é necessário ser sensível”. Edwidge concorda: “se você vai a um lugar e as pessoas pisam com o pé direito você pisa também”.

Neste ponto, pergunto ao grupo se eles consideram que a universidade tem algum papel na forma como as pessoas se relacionam dentro de suas dependências, ao que todos respondem acreditar que a universidade poderia fazer algo para melhorar essa situação. Jacques fala que as pesquisas envolvendo alunos migrantes, como esta, podem contribuir para melhorar seu cotidiano na universidade. Infelizmente, nosso tempo acaba e encerramos a segunda roda de conversa.

4.1.3 Terceiro ato: cotidiano e universidade

Repasso junto ao grupo as nossas atividades até o momento. Rememoro a primeira roda de conversa, seguida pela segunda, e aproveito para frisar que a atividade do dia será a última. Manifestei minha alegria com a participação e colaboração deles até o momento e por terem me presenteado com suas vozes e experiências. Então passo à explicação da atividade inaugural do dia. A proposta é que, em dupla novamente, contem para o colega como foi o processo de chegada na Universidade Federal do Paraná. O objetivo é compreender como foram os contatos iniciais com a universidade, investigar como foi a sua recepção tanto pelos

alunos quanto pela estrutura institucional e descobrir seus principais desafios nos primeiros momentos.

As respostas, inicialmente, foram em sua maioria na mesma direção:

Antes de sair do país, a pessoa precisa aprender pelo menos o básico de português. Se não der, se só puder aprender francês ou espanhol, pode ser, pois a pessoa vai ter mais facilidade em aprender o português. (...) Eu falava espanhol um pouco. (Edwidge)

Eu aprendi algumas coisas em português porque antes de Curitiba morei em Cuiabá. (Teresa)

Eu preciso de ajuda com o português, peço para os meus filhos essa ajuda. Muito difícil o português de aprender no dia a dia. (Maryana)

No início nós discutimos a língua portuguesa porque nos esquecemos o quanto é importante para estudar. É essencial, temos que estudar todos os dias. Respeitar a cultura e as leis do país em que estamos morando... Aproveitar tudo que a faculdade tem para oferecer. (Mario)

Os comentários dos demais reforçam esses enunciados e seguem a mesma linha. Como vemos, os alunos iniciam suas falas através de enunciados que falam a respeito da barreira idiomática, antes mesmo de manifestarem qualquer outra questão em resposta a minha pergunta. Já apontamos em rodas de conversa anteriores as dificuldades em relação ao idioma, mas é a primeira vez que o assunto é tratado por todos com a mesma importância e em múltiplas manifestações concomitantes. Há também outro desafio comunicativo que subjaz os enunciados acima e é explicitado mais claramente por Mario e refere-se um processo de tradução cultural ou, em suas palavras, “respeitar a cultura e as leis do país em que estamos morando” com a finalidade de aproveitar ao máximo o que a UFPR oferece. Essa transculturalidade é produtora de sentidos pois, como sustenta Sobral (2019), o contato entre culturas é permeado pela presença permanente da intersubjetividade e da alteridade, que as aproximam e distinguem respectivamente. A fala de Mario reforça, portanto, a de seus colegas, que frisam a importância de um conhecimento prévio de português para a fruição dos processos educativos e toda a bagagem de sentidos e desafios que os acompanham, inclusive para a compreensão de uma espécie de língua dentro da língua que é o jargão universitário – e, dentro dele, o jargão específico de cada curso. Sabemos, a partir de análises anteriores, que essa

dificuldade é parte do cotidiano universitário de cada aluno e reforçam a importância de atividades de acolhimento envolvendo não apenas a língua portuguesa, mas atividades culturais que aproximem os alunos da cultura local e acadêmica. É nesse momento que se dá o processo transcultural de intersubjetividade e alteridade, um processo que tem início antes ainda do migrante colocar os pés no solo do Brasil e que continua por toda sua formação universitária e além. Jacques também tem um sentido pessoal da importância dessa tradução cultural para a nova vida de estudos em outro país: “no meu caso eu demorei muito para aprender a história, a cultura do povo, essa consciência estou correndo atrás para aprender”, referindo-se ao Brasil.

Já René é que mais detalha sua chegada, indo além da questão idiomática:

Foi difícil porque não sabia como nada funcionava, tive que aprender. Quando um estrangeiro vem para o Brasil, ele precisa fazer um curso de acolhimento sobre como a universidade é administrada, como funciona a biblioteca, como fazer a matrícula na universidade, sobre o começo das aulas, sobre como estudar enquanto faz aulas. (René)

Aproveito para questionar o grupo sobre a acessibilidade de informações na UFPR de um modo geral. Mario é o primeiro a responder: “É preciso olhar bem os sites, não é nada fácil, tem que procurar muito”. Ele afirma que é preciso que o aluno migrante corra atrás das informações, pergunte a colegas e professores do curso, e muitas vezes nem eles mesmos têm as informações necessárias – o que resgata discussões anteriores de nossa primeira roda de conversas. Magda adiciona: “Sim, ainda mais porque o jeito de fazer matrícula muda de acordo com o curso”.

Jacques se queixa da dificuldade em conseguir informações, seja através dos canais oficiais, seja através das pessoas a quem solicitar informações, colegas ou profissionais da UFPR: “As pessoas sempre falam que não lembram como faz, como achar informações no site da Federal. Você não acha nada, sobre os cursos, nada. Tem que colocar no Google”.

Os demais manifestam visão semelhante:

Eu acho que é bem difícil, uma pessoa tem que procurar outra para saber como fazer as coisas, porque se a pessoa tem a chance de procurar alguém para ajudar é importante compartilhar com os colegas nas redes sociais. (Edwidge)

Às vezes tenho que perguntar para outras pessoas [sobre como encontrar as coisas no site]. O brasileiro sabe mais do que eu. (René)

Esse comentário de René recebe uma resposta importante de Edwidge: “eu quero comentar sobre isso que você disse. A gente não sabe como entregar os documentos na reitoria, mas não tem informação em lugar nenhum sobre isso e ninguém saber informar. Perguntei no PMUB e ninguém sabe, na reitoria também. Estou fazendo a revalidação e preciso saber isso, mas ninguém orienta”. Ela afirma se sentir perdida pela falta de informações.

Quem diverge do grupo é Abel, que afirma: “Então, para mim acho que é um problema de falta de costume de entrar no site e saber o que está acontecendo”.

Jacques fala sobre o longo caminho que atravessou para buscar uma única informação no site, e sobre a necessidade de ser paciente: “todas as vezes, o que atrapalha a pessoa é a falta de paciência. Eu aprendi isso com uma professora, muita gente tem esse problema. Eu assisti um vídeo de uma mulher explicando [como ter acesso à informação que buscava], entrei no site e encontrei tudo que precisava porque vi o vídeo. Eles querem que as pessoas tenham essa curiosidade. É esse tipo de cultura que temos que aprender, eu aprendi a ter isso. Isso é algo do ser humano, a gente precisa trabalhar isso. Claro que ter uma página bonita ajuda, mas vai para além disso”. A fala de Jacques é interessante, pois transfere a responsabilidade também para o aluno, em uma relação compartilhada de responsabilidades, pois Jacques espera que o estudante também tenha a autonomia de buscar as informações. Chama a atenção, no entanto, que tal postura tenha se desenvolvido a partir do contato com uma professora, de algo que outra pessoa devolveu para Jacques e passou a fazer parte de sua subjetividade e de sua forma de lidar com o mundo, o que reforça a importância também da participação dos atores institucionais – não apenas professores, mas toda a comunidade – na integração de estudantes migrantes e refugiados.

Por fim, recebo do grupo, de maneira unânime, comentários que sublinham a dificuldade em encontrar informações na página do Facebook da UFPR e no site oficial, ressaltando a importância de uma reestruturação dessas redes de informação para que seja mais amistosa para pessoas que estão iniciando na vida acadêmica, uma vez que muitos dados primordiais para o cotidiano universitário são desconhecidos ou não são dominados mesmo por pessoas com mais tempo de universidade.

Assim, finalizo nossa roda de conversa assinalando o término de nossas atividades. Deixo-lhes meu contato e agradeço a oportunidade de escutar suas

vozes, de entrar em contato com suas experiências e saberes para que possamos construir um trabalho que se reverta em benefício deles próprios e de outros que virão.

Os dados produzidos por esta pesquisa, seja através das rodas de conversa, seja através das análises das mídias publicadas pela UFPR, caminham em muitas direções, apresentam muitas vias possíveis de análise, mas nos ativemos ao que é primordial para nossos objetivos: os efeitos subjetivos do discurso midiático sobre migrantes e refugiados nos acadêmicos de outros países. Ficou evidente, é claro, que os dados produzidos ultrapassam em muito o escopo deste trabalho, e abrem portas para pesquisas outras que poderão se apresentar no porvir. Por ora, é importante compreendermos a discussão sobre o que foi observado até aqui.

4.2 LÍNGUA, LETRAMENTO E LIBERDADE

Um dos principais entraves à integração do aluno migrante na universidade, como apresentado por eles mesmos em seus enunciados na última roda de conversa, está diretamente ligado ao domínio da língua portuguesa – partindo do pressuposto de que conhecer a língua local os deixarão aptos a compreender a realidade acadêmica em sua totalidade. Uma pesquisa de Pan, Lomba e Machado (2017) realizada com grupos de alunos dos cursos de psicologia e de gestão da informação mostrou que, tal como os migrantes aqui pesquisados, os alunos brasileiros (90% dos calouros) também utilizam o site da UFPR e as redes sociais da instituição para buscar informações, e também no caso deles as secretarias de cursos são amplamente utilizadas, além da rede de contatos com outros estudantes. Além disso, a pesquisa dos autores revelou que 97% dos participantes responderam “sim” à pergunta “Você já teve dificuldade ao procurar por informações na universidade?”. Ou seja, além de utilizarem os mesmos meios que os alunos brasileiros para sanar dúvidas, os participantes deste trabalho, oriundos do PBMIH, relatam as mesmas dificuldades em encontrar informações inerentes ao cotidiano universitário, como fazer matrículas e conhecer os trâmites burocráticos.

Esse processo de aprendizagem de uma nova língua, estando em outro país, para o estudante de outra origem pode ser considerado um novo processo de letramento. Aprender a ler e a escrever é parte do processo de alfabetização, mas ter condições, como afirma Pan (2016), de decodificar os códigos do mundo e nele

tomar parte, enfim, ser ator no seio da complexa trama social e dialógica, isso implica tomar consciência de uma realidade e de seu lugar – a isso chama-se letramento. Esse processo de letramento dentro da academia extrapola a simples aprendizagem do português e a assimilação passiva de significados, uma vez que uma cultura se faz de signos ideológico que se manifestam nos enunciados através do apoio coral, que Bakhtin compreenderá como sendo parte do cronotopo e que, a partir do terreno intersubjetivo existente entre dois indivíduos em posições alteritárias, penetrará no sujeito – migrante ou não – constituirá sua subjetividade. O processo, no entanto, é sinuoso, não se trata de uma linha reta nem de uma ciência exata, e, portanto, não basta que a o português seja aprendido e assimilado, posto que a forma como se compreende a língua portuguesa não apenas não é una e estável (haja visto as diferenças regionais e nacionais da língua), como também se fragmenta em comunidades discursivas que possuem jargões próprios, imbuídos de tradição e forma.

No período compreendido por este trabalho, a mídia universitária possui diversas publicações sobre ações da UFPR em relação ao estudante migrante. Seus textos são em sua maioria informativos de processos e trâmites envolvendo alunos de outros países, como por exemplo a publicação do dia 12 de novembro de 2018, “UFPR terá processo seletivo anual com dez vagas suplementares específicas para migrantes e refugiados” e de 10 de janeiro de 2019, “Vestibular para migrantes e refugiados: prova será neste domingo (13), com fechamento dos portões às 8h30”. Outro tipo de texto reflete preocupações com a estadia e a permanência do aluno estrangeiro na universidade, como a publicação do dia 13 de fevereiro de 2019, “UFPR lança campanha ‘Recomeços são possíveis’ para conscientizar sobre acolhimento de estudantes migrantes e refugiados”, e a do dia seguinte, 14 de fevereiro, “Intercambistas, estrangeiros, reingressos e aprovados no Vestibular especial recebem as boas-vindas na UFPR”. Há outras matérias, que divulgam ações de integração como a festa junina organizada pelo Centro de Línguas Interculturalidade (CELIN), publicada em 13 de junho de 2018, e publicações que evidenciam o lugar de destaque ocupado pela universidade na questão migratória, como exemplificado nos posts dos dias 18 de abril de 2019, “AUI apresenta em encontro de relações internacionais as políticas da UFPR para inclusão de refugiados e migrantes”, e 23 de maio de 2019, “Programa Política Migratória e Universidade Brasileira atende cerca de 5 mil refugiados e migrantes entre 2014 e

2018”. Essa lista de publicações não esgota todas as publicações, mas oferece um panorama fidedigno das categorias de textos à disposição tanto no site oficial da UFPR quando em seu perfil oficial no Facebook.

Trazer esses dados (visão completa das matérias disponível no Anexo I) é relevante, pois denota duas realidades. Primeiramente, que os alunos não apenas não se veem nos textos midiáticos, como também relatam não terem tomado ciência da maior parte das ações ali mencionadas. Sua imagem é utilizada para ilustrar as matérias, mas, segundo os dados das rodas de conversa, falam de realidades que não estão em diálogo direto com sua realidade, embora falem sobre ela. Como mencionado, o caráter verbo-visual de uma mensagem também é parte dela tanto quanto o verbal, ou até mais a depender do objetivo proposto – no caso da comunicação da UFPR, é importante que tudo que diga respeito ao migrante traga sua imagem, ainda que não traga sua voz, como foi o caso em diversos dos textos publicados. Em alguns casos, quando não temos acesso à voz do migrante, temos acesso à voz da instituição *sobre* o migrante, representada por diversas ocasiões em que prevalecem depoimentos enunciados por profissionais da própria universidade. Em tais casos, é possível pensar em uma hierarquização das vozes, um heterodiscurso em que prevalece uma voz – a institucional, do discurso oficial – sobre as demais. Os estudantes deixam claro ter acesso à universidade não é o suficiente para *fazer parte* dela, ou, ao menos, para o desenvolvimento deste sentimento no longo prazo. Não à toa, no cerne de tudo está a rede de apoio que criam uns com os outros entre alunos migrantes.

Uma sugestão é a criação de um mapa multilíngue de localização digital, que pode ser construído tanto digitalmente e incluído na principal do site da UFPR quanto distribuído fisicamente na forma de pequenas cartilhas. O mapa digital funcionaria como uma espécie de GPS para estudantes perdidos na complexidade do acúmulo de linguagens: o português, o jargão universitário, a linguagem própria da internet. Essas linguagens se somam para criar obstáculos à sobrevivência do aluno, e é importante que o processo de criação deste mapa gere um efeito em cadeia através de outros elos da comunicação acadêmica, como sites oficiais de cursos, projetos e serviços diversos.

Em segundo lugar, os exemplos das mídias trazidas acima em diálogo com os enunciados das rodas de conversa são importantes pois os fenômenos psicológicos, dentre os quais a produção de subjetividade se enquadra, são sociais,

não existem em um vácuo e, portanto, possuem efeitos sobre aqueles de quem se fala – em nosso caso, os estudantes estrangeiros. A subjetividade para Bakhtin, como para a psicologia histórico-cultural a partir de Vigotski, é “construída juntamente com as transformações históricas, sociais, políticas, econômicas, tecnológicas, científicas que transpassam o cotidiano e a cultura” (FERRARINI, 2020). A singularidade de cada um é produzida a partir da interação com o outro, que também está inserido em um caldeirão cultural de signos e ideologias que se entrecruzam num movimento contínuo. O conceito bakhtiniano de exotopia pode ser reivindicado como o instrumento pelo qual parte da subjetividade se forma, e parte da informação devolvida aos estudantes migrantes, seja pelo olhar da mídia da universidade, seja pelo dos seus colegas de curso, tem a ver com dificuldades linguísticas e acadêmicas; sentimento de estar perdido e não saber a quem ou o que recorrer; insegurança perante o grupo; menosprezo de seu saber; preconceitos e estereótipos; e perplexidade diante do sistema de ensino. Essas categorizações podem, cada uma a sua maneira, produzir efeitos subjetivos.

4.3 COMUNICAÇÃO MIDIÁTICA E UNIVERSIDADE

Quando são colocadas em paralelo, umas ao lado das outras, as histórias pessoais de origem dos alunos que participaram de nossas rodas de conversa possuem pouca coisa em comum. Todavia, suas narrativas pessoais confluem para um mesmo ponto, que baliza parte substancial de suas vidas: o ingresso na comunidade universitária e as relações e sentidos que daí surgem. É ali que suas histórias se encontram. Dentro deste universo-universidade, a formação da subjetividade dos alunos passa por etapas que por vezes assemelham-se às dos brasileiros, mas com características próprias que podem tornar o processo mais custoso para alguns. Estar na universidade “impõe a relação com novas linguagens, com uma nova cultura, com um novo mundo, repleto de novos conteúdos e valores que vão além do campo de conhecimento de um determinado curso ou área de formação” (2017, p. 253), nas palavras de Pan, Lomba e Machado. O caminho do migrante e do refugiado é mais longo: é preciso que adquira a linguagem do novo ambiente juntamente com a língua portuguesa. Que (des)caminhos encontra essa identidade no ambiente acadêmico?

Para ilustrarmos o processo de construção da subjetividade migrante dentro da universidade, a partir das mídias utilizadas, lançamos mão dos parágrafos finais de “A ciência da literatura hoje (Resposta a uma pergunta da revista *Novi Mir*), texto publicado por Bakhtin em 1970 – já no período final de sua vida, portanto. Vale reproduzirmos as palavras de Bakhtin, para quem

o próprio homem não consegue perceber de verdade e assimilar integralmente sequer a sua própria imagem externa, nenhum espelho ou foto o ajudariam; sua autêntica imagem externa só pode ser vista e interpretada por outras pessoas, graças à distância espacial e ao fato de serem *outras*. (2017, p. 18)

E ainda: “a cultura do outro só se revela com plenitude e profundidade (mas não em toda a plenitude, porque virão outras culturas que a verão e compreenderão ainda mais) aos olhos de *outra* cultura” (2017, p. 18-19). Já mencionamos anteriormente que Bakhtin chama esta característica de *vantagem essencial da distância* (2017, p. 35). Todos esses trechos retomam o conceito de exotopia. Esse excedente de visão ao qual o indivíduo não tem acesso, mas que lhe é devolvido pelo outro acaba por constituir parte da sua identidade – um outro que também é atravessado por *outros*, também é múltiplo. Ao fim, estar na universidade na condição de migrante e ser atravessado por esses discursos não implicar a existência de apenas *um* outro, mas uma *multidão* de outros, de *alters*, de *alteridades*, que se manifestam de diferentes formas não apenas nas relações pessoais, mas também em tradições inerentes à organização histórica da universidade, em manifestações culturais tanto institucionais quanto de seus alunos, nas políticas desenvolvidas, na forma como o ensino é realizado, nas relações entre sujeitos, enfim, em todos os aspectos que carregam consigo a união cronotópica entre espaço, tempo e história.

O que ocorre, portanto, quanto confrontamos o discurso do aluno migrante com o discurso oficial da universidade a seu respeito? O que chega até eles como esse excedente de visão – o olhar exotópico – tendo em consideração a comunidade discursiva em que estão inseridos? A universidade utiliza, entre outros mecanismos, suas mídias oficiais para dialogar com este aluno. Verificamos na primeira roda de conversa que eles não veem a si mesmos na *forma* como os enunciados midiáticos são construídos – o que é diferente de dizer que os enunciados não falam a seu respeito. Há uma evidente tensão dialógica entre os

enunciados, em função das múltiplas vozes presentes na heterodiscursividade, ou plurilinguismo, para usar a tradução empregada por Pan et al.:

Com base no plurilinguismo dialogizado, a língua deixa de ser compreendida como um sistema homogêneo, estável e neutro, como um código, para ser pensada enquanto dialogia permanente que permite defini-la como uma arena de vozes situadas em diferentes posições sociais. (2011, p. 6)

Já está claro, neste ponto, que nenhum enunciado transita entre indivíduos a-históricos e alheios aos movimentos discursivos da sociedade. Se ele é, como diz Bakhtin, uma correia de transmissão entre história e linguagem, é importante ressaltar o seu caráter axiológico, infundido que está por elementos extraverbais constituintes da dimensão verbal: há uma parte da comunicação que é perceptível e outra que a subjaz, concernente à realidade e suas engrenagens. O enunciado está sempre investido de ideologia. Para o pensamento bakhtiniano nada escapa a essa máxima, portanto não seria diferente com os discursos veiculados através do perfil oficial do Facebook da UFPR e de seu site oficial.

O caráter axiológico ou valorativo de um enunciado é sempre “um convite de um ‘eu’ a um outro para partilharem da avaliação de um objeto” (MAGALHÃES, 2010). Pensemos como a edição das mídias escolhe palavras e imagens para se comunicar com seu público e transmitir uma mensagem. Magalhães afirma; “(...) a tarefa de noticiar ou reportar implica gerir a fala de outrem. O foco do enunciado não recai sobre quem conta, mas sobre o que se conta, de maneira que o objeto do discurso assume um destaque discursivo”. Para ilustrarmos este ponto, resgatemos algumas das publicações feitas pela universidade no período, a começar pela do dia 25 de junho de 2018, “Estudantes protagonizaram evento em celebração do Dia Mundial do Refugiado e à Semana do Migrante”. Primeiramente, pensemos a quem está endereçado o texto – para quem se dirige o enunciado – analisando a captura de imagem abaixo:

FIGURA 7 - PUBLICAÇÃO DO DIA 25 DE JUNHO DE 2018

Últimas notícias...

- Inscrições para cursos intensivos do Colín começam na sexta-feira (24)
- Festival de Inverno 2020: inscrições para apresentações artístico-culturais e oficinas estão abertas
- Universidade Aberta da Maturidade promove qualidade de vida e desenvolvimento social para idosos no Setor Palotina
- Caderno de ensaios chega à décima edição com temática de resistência ao pensar cultura e formação
- UFPR assina convênio com Iphan para preservação da memória ferroviária

Histórico de notícias

Mês:

Ano:

Gênero:

Estudantes protagonizaram evento em celebração ao Dia Mundial do Refugiado e à Semana do Migrante

Por *Jéssica Tokarski* | 25 de junho de 2018 - 11h24

Considerada Semana do Migrante, a semana que passou teve uma noite especial protagonizada por estudantes refugiados e migrantes da Universidade Federal do Paraná. O evento "Encontros inesperados – Culturas, Povos e Exílios" aconteceu no dia 20 de junho, data em que é celebrado o Dia Mundial do Refugiado.

Alunos de graduação e do curso Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH) foram os personagens principais de um espetáculo que apresentou testemunhos, rodas de conversa e declamações de poesias. A celebração também teve músicas e comidas típicas, além de denúncias de discriminações sofridas em Curitiba e na própria universidade e a participação do representante-adjunto da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) no Brasil, Federico Martínez.

"O público se emocionou bastante com as atividades culturais que foram muito engajadas, e chorou com os relatos de sofrimento de partida, deslocamento e chegada ao Brasil e dificuldades em Curitiba, na Polícia Federal, e na UFPR", conta Tatyana Friedrich, uma das coordenadoras do Programa Políticas Migratórias e Universidade Brasileira (PMUB).

Assista à apresentação de música cantada por uma estudante de origem guineense.

Durante o evento, também foi apresentado um vídeo realizado pelo PBMIH e houve o pré-lançamento do vídeo da campanha "Vozes e Culturas na UFPR: por uma universidade aberta, plural e democrática". Em seguida, o tema "Refúgio e Migração: O que há de desafiador no encontro com o outro?" foi debatido por estudantes refugiados e migrantes da UFPR e representantes das instituições CARITAS, CERMA e ACNUR. Ao final, todos cantaram juntos a música "Alegria, Alegria" composta por Caetano Veloso.

"Posso afirmar que não foi um evento para comemorar, pois só poderemos comemorar no dia em que não houver mais refugiados e que a paz e os direitos humanos prosperarem. Contudo, é muito importante porque agrega pessoas de diferentes lugares e mostra como é fundamental lutar pela emancipação de migrantes e refugiados e pela inclusão plena deles em nossa sociedade", destaca Tatyana.

FONTE: TOKARSKI (2018).

O artigo explica sobre dois eventos comemorativos interligados, o “Dia Mundial do Refugiado” e a “Semana do Migrante”, em que atividades diversas serão realizadas das dependências da universidade. Participaram das atividades alunos do PBMIH que, segundo o texto “foram personagens principais de um espetáculo que apresentou testemunhos, rodas de conversa e declamações de poesias”. Além disso, o texto diz que a celebração contou com música e comida típicas, denúncias de discriminações sofridas (dentro e fora da UFPR), e com a participação de Federico Martínez, representante do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR).

Além de Federico Martínez, representando o ACNUR, o texto menciona a participação de outros atores oriundos das seguintes instituições:

- Tatyana Friedrich, à época vice-coordenadora do PMUB;
- Leandro Gorsdorf, pró-reitor de extensão e cultura da UFPR;
- José Antônio Peres Gediell, coordenador da CSVM na UFPR;
- Vera Karam de Chueiri, diretora do setor de Ciências Jurídicas;
- Isabella Traub, mestranda em Direito dos Refugiados;
- André Duarte, diretor da agência UFPR Internacional; e
- Representantes do Conselho Estadual dos Direitos dos Refugiados, Migrantes e Apátridas (CERMA) e da organização não-governamental Caritas.

No raciocínio construído pelo texto, não foi priorizado espaço para a inclusão da voz de quaisquer dos participantes migrantes ou refugiados da ocasião. Chama a atenção que a comunicação universitária tenha escolhido citar diretamente trechos de falas de atores da universidade. O texto, e incluímos aqui suas imagens que também são partes constituintes do sentido, é um espaço de disputa ideológica, de embate e tensão entre enunciados que se entrecruzam na figura do enunciador (autor, escritor, editor) e repercutem e constroem sentidos. Este não é o único caso em que se fala dos migrantes sem que suas vozes estejam presentes.

No dia 23 de maio de 2019 temos a última matéria publicada no período compreendido por este trabalho, “Programa Política Migratória e Universidade Brasileira atende cerca de 5 mil refugiados e migrantes entre 2014 e 2018”. Novamente, destacam-se vozes institucionais e temos, desta vez, o depoimento de um aluno do curso de Direito. Seu depoimento é citado para endossar a relevância

do programa, mas nenhum depoimento de migrante ou refugiado é colhido para ilustrar os mais de 5 mil atendimentos realizados – embora haja, aqui também, uma imagem de haitianos a ilustrar o texto, dar forma a rostos de outra forma incógnitos.

FIGURA 8 - PUBLICAÇÃO DO DIA 23 DE MAIO DE 2019

Página Inicial | Intranet | Office 365 | Comunicação | Transparência

Universidade Federal do Paraná

A Universidade | Ensino | Pesquisa e Inovação | Extensão e Cultura | Vestibular e Concursos | Serviços | Acesso à Informação | Ouvidoria

Extensão e Cultura

Últimas notícias...

- Inscrições para cursos intensivos do Celin começam na sexta-feira (24)
- Festival de Inverno 2020: inscrições para apresentações artístico-culturais e oficinas estão abertas
- Universidade Aberta da Maturidade promove qualidade de vida e desenvolvimento social para idosos no Setor Palotina
- Caderno de ensaios chega à décima edição com temática de resistência ao pensar cultura e formação
- UFPR assina convênio com Iphan para preservação da memória ferroviária

Histórico de notícias

Mês:

Ano:

Gênero:

Extensão UFPR: Programa Política Migratória e Universidade Brasileira atende 5 mil refugiados e migrantes em 4 anos

Superintendência de Comunicação Social | 23 de maio de 2019 - 13h12

[Facebook](#) [Twitter](#) [LinkedIn](#)

Migrantes e refugiados de Curitiba e região metropolitana encontram na Universidade Federal do Paraná (UFPR) acolhimento e auxílio para enfrentar os desafios de reconstruir a vida em um novo país. O **Programa Política Migratória e Universidade Brasileira (Pmub)** desenvolve pesquisas sobre migrações, fornece assessoria jurídico-administrativa, promove aulas de português, informática e história do Brasil e oferece atendimento psicológico ao grupo.

A coordenadora do Pmub, Tatyana Friedrich, explica que “uma vez que os migrantes estão incluídos na UFPR, é exercida a interculturalidade, numa relação dialógica entre brasileiro e migrante, sem que uma cultura sobreponha a outra. Eles trazem novos temas e novos desafios para o ensino, a pesquisa e a extensão, enriquecendo toda a produção acadêmica na Universidade”.

Para César Toyokazu Hirose, estudante de Direito da UFPR, o programa possibilita experiências para a vida pessoal e acadêmica. “Me fez sair de minha bolha social, conhecer o diferente e realidades diferentes da minha, o que, certamente, dentre outras coisas, tornou-me muito mais tolerante e sensível”.

O Programa é responsável pela aprovação, pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), das resoluções nº 13/14, 02/16 e 63/18, que possibilitaram aos migrantes refugiados ou com visto humanitário retomar os estudos, revalidar diplomas e ingressar na Universidade por um processo seletivo por meio do qual competem apenas entre si.

Desde 2013, o Pmub realiza ações da Cátedra Sérgio Vieira de Mello (CSVM), do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e contempla seis projetos de extensão: Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH); Refúgio, Migrações e Hospitalidade; Capacitação em Informática para Imigrantes; Migração e Processos de Subjetivação; Migrantes no Paraná; Preconceito, Integração e Capital de Mobilidade; Oficina de História do Brasil para Estrangeiros.



Turma de acolhimento a haitianos de 2015. Foto: Bruno Covello

Esses projetos envolvem os cursos de Direito, Informática, Psicologia, Sociologia, Letras e o Centro de Línguas e Interculturalidade (Celin), além do Programa de Educação Tutorial (PET) História da UFPR. Participam do Pmub professores, servidores, pesquisadores e estudantes de graduação e pós-graduação. De acordo com a coordenadora, entre 2014 e 2018 cerca de 5 mil pessoas foram beneficiadas pelo Programa.

Para o estudante de Direito, o Pmub tem um alto e positivo impacto social. César receia que os cortes orçamentários anunciados pelo governo no final de abril afetem bolsistas e pessoas beneficiadas pelo projeto. “Seria uma sentença de morte à extensão universitária. As ações seriam demasiadamente limitadas e, em última instância, seria cortar pela raiz os intentos de acabar com o preconceito que se tem com os migrantes e refugiados, mantendo-os em posição de vulnerabilidade, sem oportunidades decentes de estudo e trabalho”, avalia.

Migrantes e refugiados na UFPR

Entre 2014 e 2018, ingressaram na UFPR 52 estudantes de diferentes nacionalidades que se encontravam na condição de migrantes, com visto humanitário e refugiados. Em 2019, a Universidade teve o primeiro processo seletivo especial para migrantes e refugiados, por meio do qual dez novos alunos ingressaram na instituição.

Além disso, 29 estudantes de oito países foram selecionados pelo edital de reingresso – acesso a vagas remanescentes de cursos de graduação, voltado para migrantes, refugiados e pessoas com visto humanitário que já iniciaram cursos superiores em seus países de origem.

Por Nicolle Schumacher (sob supervisão de Bruna Bertoldi Gonçalves)

[Leia mais notícias sobre a extensão na UFPR aqui](#)

FONTE: UFPR (2019m).

Essa situação, de ausência de vozes – silêncio? – se repete em outros textos, os quais enunciaremos apenas as manchetes e datas para fins de otimização da leitura (como dito anteriormente, as capturas de telas em sua totalidade estão anexas ao final do estudo): “AUI apresenta em encontro de relações internacionais as políticas da UFPR para inclusão de refugiados e migrantes” (18 de abril de 2019); “Promissas abre inscrições para alunos participantes do PEC-G; prazo segue até dia 25” (18 de fevereiro de 2019); “Prae divulga edital Promissas para estudantes estrangeiros; inscrições começam dia 18” (5 de fevereiro de 2019); “Divulgado o resultado do Vestibular para migrantes e refugiados” (31 de janeiro de 2019); “Vestibular para migrantes e refugiados: prova será neste domingo (13), com fechamento de portões às 8h30” (10 de janeiro de 2019); “UFPR terá processo seletivo anual com dez vagas suplementares específicas para migrantes e refugiados” (12 de novembro de 2018); “Evento protagonizado por estudantes da UFPR celebra o Dia Mundial do Refugiado e a Semana do Migrante” (19 de junho de 2018); “UFPR publica edital para migrantes e refugiados para o 1º Semestre/2019” (15 de junho de 2018).

Ainda que na maioria desses textos prevaleça o tom informativo de ações específicas da universidade, também é verdade que quando há a presença de alguma voz, essa voz é a da instituição algo que se manifesta no discurso oficial e carrega consigo o próprio silenciamento de vozes distintas, daqueles de quem se fala – silenciamento que não deve ser compreendido no sentido moral, mas no sentido de que ao se optar por um discurso, por destacar uma voz, também se opta pelo silêncio de outra. É assim que, segundo Amorim (2002), se manifesta o silêncio bakhtiniano, um silêncio de vozes caladas, em especial em enunciados monológicos. A autora lança mão do conceito de *regime discursivo* de Lyotard, segundo o qual o discurso se organiza de tal forma que o enunciado carregue uma série de informações que, para serem ditas, impedem que outras o sejam. Simplificando, para que se diga algo, deixa-se de dizer outra coisa. Essa escolha carrega intencionalidade, bem como elementos axiológicos que estão presentes na forma como se profere/escreve um enunciado.

Ainda que os cursos da UFPR possuam seus próprios sites oficiais e, às vezes, perfis no Facebook (entre outras redes sociais), os estudantes participantes das rodas de conversa dizem que acessam os sites oficiais da *universidade* para buscar informações, muitas vezes como ponto de partida, até porque o site oficial,

em teoria, é a matriz que direciona para todos os outros lugares. Lembremos da frase de Mario, ecoada por seus colegas: “É preciso olhar bem os sites, não é nada fácil, tem que procurar muito”. O grupo foi unânime em dois momentos. O primeiro deles ao final da primeira roda de conversa, quando concordaram, quase em uníssono, que não compreendiam nem se viam nas publicações jornalísticas da UFPR a seu respeito. O segundo, ao final da terceira roda, quando destacaram a dificuldade extrema que é encontrar informações importantes para o viver universitário nos meios de comunicação oficiais – site e perfil do Facebook. Muitas vezes os dados necessários para a sobrevivência acadêmica não são nem mesmo dominados por alunos veteranos, funcionários ou mesmo professores da instituição. Portanto, mesmo quando a mídia universitária parece ter em mente um destinatário externo, como nas divulgações de processos seletivos e de eventos internos ou externos, quando representantes da UFPR levam sua experiência para outros locais, pode-se dizer que a comunicação oficial – pautada por uma ideologia também oficial – *não se comunica* com os migrantes e refugiados diretamente. Podemos ir além e afirmar que a mídia universitária não se comunica não apenas com seus alunos estrangeiros, mas com estrangeiros em geral, como grupo, uma vez que o jargão utilizado, próprio da academia ou de quem dela visa se aproximar, é uma barreira a mais a ser transposta, um idioma alheio ao próprio brasileiro.

Por outro lado, há textos que trazem entre seus depoimentos e citações a voz dos migrantes: “UFPR viabiliza mutirão de entrevistas com Conare para solicitantes de refúgio” (26 de abril de 2019); “Intercambistas estrangeiros, reingressos e aprovados no Vestibular especial recebem as boas-vindas na UFPR” (14 de fevereiro de 2019); “Festa junina do Celin mostra tradição popular brasileira para estrangeiros que estudam Português” (14 de fevereiro de 2019); “UFPR lança campanha ‘Recomeços são possíveis’ para conscientizar sobre acolhimento de estudantes migrantes e refugiados” (13 de fevereiro de 2019); “Programa da UFPR inicia acolhimento linguístico e acadêmico para estudantes migrantes e refugiados” (4 de fevereiro de 2019). Eles ressaltam experiências como a sensação de ser aprovado numa instituição de ensino de qualidade no Brasil; gratidão pelo que a universidade lhes oferece; e comentários sobre a adaptação ao país. Em outras palavras, endossam a posição de protagonismo da instituição, num processo que se retroalimenta e, como vimos anteriormente, se dirige não ao migrante nem ao refugiado que estuda no local, mas à população externa.

É nesse ambiente que as culturas dos estudantes estrangeiros entrarão em contato com a cultura brasileira e com a acadêmica, processos sempre marcados pelo signo da diferença e da alteridade. Inicialmente – e durante tempo significativo – , a introdução do aluno de outras localidades na cultura brasileira será marcada por processos subjetivos que são potencializados por sua condição de migrante, ainda que vivenciem experiências semelhantes aos brasileiros. Essa constatação das dificuldades para se situar dentro da academia já foi abordada anteriormente em pesquisas com universitários brasileiros por Machado (2011); Rhodes (2014); Branco (2015); Almeida (2016); Litenski (2016); Branco e Pan (2016); Pan, Lomba e Machado (2017); Jacques (2018); Ribeiro (2018); Jacques e Pan (2018); Lomba (2019), entre outros. Neste sentido, este trabalho adiciona o elemento da estrangeiridade em sua relação com a comunidade universitária e suas formas de comunicação.

A experiência do aluno migrante é semelhante à de brasileiros no que concerne as principais dificuldades, mas possui uma complexidade maior na medida que existe uma questão linguística e cultural e um processo de criação de novas referências afetivas que também balizam a produção de sentidos do estudante e o afetam subjetivamente. Entendemos que a função das mídias universitárias seja, principalmente, noticiar e divulgar, mas mesmo em notícias e divulgações é possível haver mais proximidade com os estudantes de outros países, uma vez que, como frisamos, eles não se veem nas mídias da universidade.

4.4 A PALAVRA DO OUTRO

Dissemos anteriormente que a voz dos alunos migrantes e refugiados da UFPR está, em parte, ausente de seus discursos midiáticos, embora estejam presentes o suficiente para reforçar uma narrativa oficial acerca da universidade (um local de vanguarda na abordagem da migração e do refúgio – o que, de fato, é, mas a realidade concreta vai além), oferecendo pouco espaço para o contraste de pontos de vista e para a troca dialógica. A julgar pelo conteúdo das rodas de conversa, podemos elencar outras questões trazidas pelos próprios alunos migrantes e refugiados, a maioria delas relacionado às relações entre pares e à comunicação – que, como já vimos, também é relacional. Três pontos surgiram nas rodas de conversa:

- 1) O preconceito experienciado em maior ou menor grau;
- 2) Criação de laços com brasileiros esbarra em dificuldades no convívio;
- 3) O entendimento de que cabe à universidade o papel de promover a melhoria nas relações e comunicações entre sujeitos;

Alguns enunciados das rodas podem ilustrar os exemplos acima:

René: teve uma semana de acolhimento linguístico no início do ano, foi muito legal e ajudou bastante com informação, mas no dia a dia temos que correr atrás.

Maryana: Você entra no elevador e as pessoas não respondem seu 'bom dia', não olham pra você. Eu me sentia desrespeitada, achava estranho.

Magda: aqui no Brasil as pessoas se comunicam de forma diferente, as pessoas são mais indiferentes e existe um padrão de admirar a América do Norte, os que falam inglês, mas quando conhecem alguém que fala espanhol não dão o mesmo tratamento, são intolerantes.

Edwidge: as pessoas acham que a gente vive com animal, que não falamos a língua daqui. Eu sei falar várias línguas e eles acham que a gente vive como selvagens.

Mario: se você lê sobre a história e a geografia do mundo não aprende sobre o libertador do Haiti, é uma coisa política.

Jacques: é muito difícil se encaixar. Aqui as pessoas não querem fazer amizade normalmente, é tudo superficial, só querem ser colegas. Há colegas estrangeiros que estão há muito tempo aqui e não conseguem fazer amizades com brasileiros.

Romulo: têm muita coisa diferente entre cultura brasileira e haitiana. Os brasileiros perguntam coisas para machucar os estrangeiros. Um dia um brasileiro me perguntou, na sala de aula, se em meu país tem feijão, arroz, se tem carne, se tem guerra. Perguntaram se no Haiti tem carro!.

Como vimos, há diferentes perspectivas entre aquilo que é dito pelos alunos e o que é noticiado pela universidade. A universidade possui iniciativas, como já demonstrado em algumas publicações, para mitigar certos problemas da experiência acadêmica, visando evitar maiores desgastes para seus alunos migrantes ou refugiados, mas que infelizmente escampam ao seu controle quando enunciados discriminatórios são proferidos por alunos ou profissionais da universidade no

cotidiano, e quando os próprios alunos ainda não possuem em seu repertório pessoal as ferramentas para enfrentar tais situações – para onde ir, a quem buscar etc. A experiência vivida dentro da UFPR conforme veiculada por suas mídias não é, portanto, a mesma que os alunos relatam nas rodas de conversa, entrando em tensão com a proposta pelas publicações – tensão que passa por uma heterodiscursividade através da qual prevalece o discurso oficial, no caso da instituição, e o discurso do cotidiano, no caso dos estudantes.

Isso é relevante na medida em que a UFPR ocupa posição de destaque no tratamento a migrantes e refugiados, situação que está posicionada cronotopicamente no contexto de um deslocamento em massa de pessoas ao redor do globo – pessoas que, como frequentemente demonstrado na mídia, encontram resistência das populações de países que os recebem. O Brasil não é diferente, como os exemplos citados no início deste trabalho deixam claro. Julia Kristeva, na obra *Estrangeiros para nós mesmos*, fala do estrangeiro como aquele que habita em nós: “face oculta da nossa identidade, o espaço que arruína nossa morada, o tempo em que se afundam o entendimento e a simpatia” (1994, p. 9). Arjun Appadurai considera esses estrangeiros um grupo minoritário que é mal-recebido “por causa de suas ligações e identidade anômalas” (2009 p. 40). Para Appadurai, a minoria estrangeira se configura como um ponto de conflito nas sociedades contemporâneas ocidentais porque, entre outras coisas, criam incertezas sobre nossa identidade graças à sua condição nacional mista. São uma ameaça para a segurança, pois seus movimentos na fronteira passam ao largo do olhar da polícia. Seu idioma e sua expressão transcendem as preocupações culturais do ambiente onde se encontra. Seu modo de vida se destaca pelo contraste. Acima de tudo, diz Appadurai, como toda ideia de nacionalidade passa por uma ideia de pureza étnica – ainda que difusa –, essas minorias diluem os limites do que seria um povo único, unido sob uma bandeira nacional, gerando sentimentos ambíguos. Esse rechaço do outro e de sua cultura pode se manifestar na forma de violências físicas, psicológicas ou simbólicas, pois, como aponta Todorov (2010), todas as demais identidades do migrante e do refugiado precisam ser esquecidas para justificar tais sentimentos: ele passa a ser tão somente um estrangeiro, enquanto eu/nós sou/somos plural/plurais. Lembremos de Magda, que tinha suas partes removidas dos trabalhos em grupo sem que sequer fosse consultada: anular a presença do outro a ponto de não o considerar nem para aquilo que o envolve diretamente, como a confecção de um

trabalho acadêmico, é uma forma de perpetuar preconceitos estruturais em relação ao estrangeiro.

Este trabalho não se ocupa de uma avaliação moral quanto à noção de xenofobia, mas alguns depoimentos, como os citados acima, deixam entrever ao menos que, tal qual o racismo que estrutura a sociedade e subjugava a população negra, o olhar exotópico que devolve ao migrante seu lugar na sociedade é impregnado de posições discriminatórias e que produzem efeitos em suas subjetividades a ponto de dizerem que suas amizades e laços são criados essencialmente entre círculos com outros migrantes ou refugiados. Esse discurso é monologizante pois visa manter uma estrutura que não admite a alteridade, sendo também produto de colonizações culturais do pensamento que reproduzem significações coloniais, e essa estrutura transita no meio acadêmico, uma vez que este meio não está desconectado da realidade social circundante. Os enunciados, mesmo aqueles não abertamente preconceituosos (“Existe carro no seu país?” é ofensivo, mas é diferente de “Eu odeio de estrangeiros”) carregam elementos extraverbiais e heterodiscursivos que permeiam a subjetividade do enunciador, que os transfere ideológica e axiologicamente ao verbalizar sua questão, seu comentário etc. Nesse sentido, os textos publicados pela universidade não abordam diretamente a realidade viva dos estudantes migrantes.

Menegassi e Cavalcanti (2013) identificam no Círculo de Bakhtin três elementos que se complementam e compõem a dimensão extraverbal do enunciado: 1) o horizonte espacial ideacional (conhecimento físico espacial mais o conhecimento ideológico dos falantes); 2) compreensão comum da situação comunicativa entre os interlocutores; 3) avaliação comum da situação e dos valores sociais que sustentam a interação. Esses elementos estão, é claro, entretecidos uns nos outros, e não se dissociam. Nesse sentido, podemos também resgatar o teórico da cultura Stuart Hall e seu clássico texto “Codificação/Decodificação”, em que já no princípio fala da impossibilidade de um evento histórico em seu estado bruto (não lapidado, nu e intocado e pela linguagem) ser transmitido por um telejornal ou qualquer mídia. Ele se refere à inviabilidade de que este acontecimento em seu estado *in natura* possa ser conhecido, pois no instante em que uma forma de comunicação – visual, auditiva, textual – toca o acontecimento ele já é significado (Hall utiliza o verbo frasal *to be signified*). É isso que está presente nos enunciados de pessoas que perguntam se no país do outro existe carro ou que retiram toda a

contribuição do outro de um trabalho, anulando por completo sua presença (o que não está não existe). Ao ser significado, o acontecimento é introduzido como um enunciado numa cadeia discursiva e está “sujeito a toda a complexidade de ‘regras’ formais pelas quais a linguagem significa” (2018, p. 430). Para que seja comunicado (torne-se um *evento comunicativo*), o enunciado deve se tornar uma narrativa, afirma Hall. O que o autor fala sobre a televisão vale também para outros tipos de meios de comunicação: não existem sistemas fechados. Para compor um texto, uma notícia, uma matéria, enfim, os assuntos são tratados situados dentro de uma estrutura sociocultural e política em que o enunciado – para retornarmos a Bakhtin – é apenas uma parte.

Sendo um microcronotopo, retrato da sociedade e, portanto, portadora em algum grau das problematizações que dela fazem parte, a universidade também acaba transitando entre uma esfera e outra de posicionamento – ora desconstruindo preconceitos e integrando, ora sem conseguir abordar elementos discriminatórios da própria estrutura, que contribuem para devolver ao migrante e ao refugiado percepções que por vezes soam como acolhedoras, por outras soam como excludentes. Esses casos normalmente ocorrem no âmbito do discurso do cotidiano, entre sujeitos que não estão necessariamente transmitindo a posição oficial da universidade em seus posicionamentos, mas que dela fazem parte e, portanto, contribuem para a formação ideológica, axiológica e subjetiva das pessoas que compõem esse espaço. Este trabalho destaca, portanto, a importância da roda de conversa de fundamentação bakhtiniana para a circulação da palavra e dos sentidos dos estudantes, que podem assim refletir e até mesmo sugerir possibilidades de caminho para as suas percepções e as da universidade caminhem cada vez mais em uma direção comum. A proposta de que a roda de conversa se torne instrumento a ser utilizado não apenas com estudantes migrantes e refugiados, mas também com integrantes da própria universidade pode criar novos espaços de diálogo e de produção de sentidos outros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As novas realidades do século, sua aventura veloz rumo a novas formas de se relacionar e de compreender o sujeito, produzem tantas narrativas quanto são as experiências humanas. A universidade é heterodiscursiva e palco de disputas na arena da linguagem, ela não é una, contínua e coerente. Seu espaço é ocupado pelas mesmas paixões que inquietam homens e mulheres da nossa sociedade. O intuito foi contribuir para o debate referente à forma como a instituição, em especial suas mídias oficiais, se relaciona com os alunos migrantes. Outras informações dizem respeito à forma como as pessoas se relacionam, posto que entendemos que as relações são feitas de comunicação e essa comunicação é sempre uma disputa dialógica entre diferentes discursos que ora avançam, ora retrocedem em seus valores e crenças.

O monitoramento das mídias universitárias foi feito ao longo do período de um ano. Ao longo do período, esperávamos encontrar mais publicações sobre o tema da migração e do refúgio, especialmente considerando a projeção da UFPR como uma instituição de referência no tratamento à população estrangeira. As publicações foram registradas conforme descritas no método e permitiram a leitura de dados que demonstraram que a universidade é um sistema intrincado, permeado tanto por narrativas mais conservadoras quanto progressistas em disputa pela hegemonia do espaço. Essa disputa possui muitos níveis, e o oficial (voz da instituição) e o popular/cotidiano (vozes estudantis) são apenas duas manifestações desses níveis.

As rodas de conversa, técnica de pesquisa em grupos de perspectiva bakhtiniana desenvolvida pelo projeto Identidade, Políticas Inclusivas e Universidade Contemporânea: desafios à Psicologia Brasileira, foram realizadas em tardes de calor na primavera de 2019, e produziu dados de valor inestimável para relação dos participantes com a universidade. Lançamo-nos em conversas sobre comunicação, cotidiano e relações, e através dessas temáticas outras surgiram, de forma que pudemos abordar temas como preconceito e acolhimento, entre outros, conforme compreendidos pelos próprios alunos, eles próprios autores e produtores desses conhecimentos que, por sua vez, também produziram no pesquisador novos sentidos acerca do tema deste trabalho.

Por falar em trabalho, o objetivo deste, traçado no início, era examinar dialogicamente as relações de vozes entre o discurso oficial midiático da universidade e o dos próprios alunos migrantes. Acredito que conseguimos apreender ao menos uma parte dessa dimensão subjetiva e heterodiscursiva, deixando a possibilidade para novas explorações teóricas e empíricas. Creio que o valor deste trabalho esteja especialmente nas rodas de conversa com grupos de estudantes estrangeiros, eles mesmos produzindo dados para o aprimoramento da própria realidade, contribuindo para criação de políticas outras como por exemplo uma outra forma de se comunicar e se relacionar com o espaço acadêmico. A universidade é, de fato, um universo, mas é um universo inacabado, como somos também, a exemplo do que dissemos quando abordamos o olhar exotópico e o inacabamento do sujeito. A universidade é composta por sujeitos inacabados por estudantes em formação – que demandam do outro um olhar de referência para se completarem. Essa completude é intangível, mas preenchendo uns aos outros preenche-se também a universidade de novos sentidos, que entrarão, por sua vez, em diálogo com sentidos anteriores, sentidos externos, enfim, sentidos outros enquanto existirmos. A cultura e a subjetividade estão nos espaços de fronteira entre indivíduos, e esses sentidos nascem do embate dialógico, do encontro que transforma a todos mutuamente.

Bakhtin foi o ponto de partida. Foi o instrumento, mas não foi o único instrumento. Junto dele vieram o Círculo de autores do seu entorno, em especial Valentin Volóchinov, e diversos autores das ciências humanas – linguística, psicologia, antropologia etc – que dialogaram de alguma maneira com suas ideias ou que comungam de percepções semelhantes. Através desses autores e dos métodos empregados, encontramos importantes dados. Encerraremos frisando esses dados.

Os migrantes se sentem alheios ao que é comunicado pela universidade em seu site. Sentem-se, muitas vezes, até incapazes de compreender o que é dito. Isso se manifesta não apenas nos sites, mas na própria estrutura acadêmica que revela ser parte de um idioma próprio da comunidade discursiva da UFPR e de difícil assimilação. O estudante estrangeiro passa por um processo de duplo letramento, tendo de aprender o português e o *universités* para sobreviver à academia e encontrar seu lugar.

Seus enunciados também manifestaram a presença de uma estrutura que carrega preconceitos tal como a sociedade também carrega, e essa estrutura não está visível claramente no cotidiano – está ausente das mídias, por exemplo –, não é composta por discursos diretamente xenofóbicos, mas está presente e se faz percebida pelos estudantes nas rodas de conversa – que, para que relembremos, são em sua maioria de países africanos, latino-americanos ou do Oriente Médio, não havendo nenhum participante da Europa ou da América Anglo-Saxã.

Como tentativa de mitigar esses efeitos foram feitas sugestões, como a criação de um mapa digital multilíngue de fácil acesso nas mídias principais da universidade, especialmente em seu site, mas espalhando-se posteriormente também para os sites dos cursos, dos programas e dos serviços de interesse dos alunos.

Essas sugestões podem ser possibilidades para um novo projeto de pós-graduação, envolvido diretamente com os setores de informática e comunicação da universidade para a criação de um espaço com mais referências seguras.

Outras possibilidades de pesquisa futuras - portas que podem ser abertas – incluem a exploração da questão do preconceito entre pares dentro do contexto universitário; de aspectos subjetivos dos migrantes em relação a outros migrantes ou a brasileiros; do duplo processo de letramento; entre outras.

Carrego comigo os novos sentidos produzidos neste processo heterodiscursivo. Espero que, com a redação destas palavras, possa contribuir com o competente trabalho desempenhado pela UFPR, trabalho que a colocou em papel de destaque não apenas nacional, como também internacionalmente. A grande temporalidade (ou grande tempo), conceito bakhtiniano que foi aqui abordado, faz com que tenhamos outra interpretação dos acontecimentos através das eras, mas é possível também falar em modificações de sentido menos épicas, em intervalos de tempo menores, de forma que o pesquisador que aqui termina esta pesquisa pode agora olhar para o pesquisador que a iniciou e reconhecer nele um outro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. B. **Subjetividade e letramento no curso de pedagogia da UFPR: narrativas sobre ser e ler na universidade e na vida.** 141 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, 2016.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS. **Livro “Refúgio e Hospitalidade” é lançado sob a proposta de discutir a acolhida de refugiados.** Genebra: 2016. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/2016/05/25/livro-refugio-e-hospitalidade-e-lancado-sob-a-proposta-de-discutir-a-acolhida-de-refugiados/>>. Acesso em: 7 dez. 2020.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS. **“Refugiados” e “Migrantes”: Perguntas Frequentes.** Genebra: 2016. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/2016/03/22/refugiados-e-migrantes-perguntas-frequentes/>>. Acesso em: 7 dez. 2020.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS. **Cátedra Sérgio Vieira de Mello.** Genebra: 2020. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/catedra-sergio-vieira-de-mello/>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

APPADURAI, A. **O medo ao pequeno número: ensaio sobre a geografia da raiva.** São Paulo: Iluminuras, 2009.

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas.** São Paulo: Musa Editora, 2004.

_____. **Vozes e silêncio no texto de pesquisa em Ciências humanas. Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 7-19, 2002.

ARÁN, P. O. Dialogismo y producción de sentido. In: ARÁN, P. O. (Org.). **La herencia de Bajtín: reflexiones y migraciones.** Córdoba: Centro de Estudios Avanzados, 2016, p. 83-92.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.** São Paulo: Hucited, 2010.

BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: a estilística.** São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso.** São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas.** São Paulo: Editora 34, 2017.

BAKHTIN, M. **Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo.** São Paulo: Editora 34, 2018.

BEZERRIL, G. S.; PEREIRA, R. A. O conceito de cronotopo em Bakhtin e o círculo: matizes rabelaisianas. **InterteXto**, Uberaba, v. 4, n. 2, p. 35-49, jul./dez. 2011.

BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-66, jul./dez. 2013.

BRANCO, P. I. **A dimensão subjetiva da formação do médico**: uma proposta de atuação da Psicologia junto a um grupo de estudantes do curso de Medicina da UFPR. 205 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

BRANCO, P. I.; PAN, M. A. G. S. Rodas de conversa: uma intervenção da psicologia educacional no curso de medicina. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 156-167, set./dez. 2016.

BRASIL. **Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm>. Acesso em 12 mar. 2018.

BROPP, C. AUI apresenta em encontro de relações internacionais as políticas da UFPR para inclusão de refugiados e migrantes. **Portal UFPR**. Curitiba, 18 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.ufpr.br/portalufpr/noticias/aui-apresenta-em-encontro-de-relacoes-internacionais-as-politicas-da-ufpr-para-inclusao-de-refugiados-e-migrantes/>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; MACÊDO, M; PEREDA, L. **Resumo Executivo**: Imigração e Refúgio no Brasil. Brasília: Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/Conselho Nacional de Imigração e Cordonamento Geral de Imigração Laboral, 2019.

COLAÇO, V. F. R. Processos Interacionais e a Construção de Conhecimento e Subjetividade de Crianças. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 333-340, 2004.

CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ). **Resolução nº 13/14-CEPE. Aprova normas para acesso de migrantes regularmente admitidos no Brasil e portadores do estado de refugiado de seu país de origem ou de visto humanitário e que tenham iniciado cursos superiores em instituições de ensino no estrangeiro aos cursos de graduação da UFPR, com fulcro no Art. 44 da Lei nº 9474 de 20 de julho de 1997**. Curitiba, 6 jun. 2014. Disponível em: <http://www.soc.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2016/07/resolucao_cepe_09072014-902.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ). **Resolução nº 02/16-CEPE. Estabelece normas para revalidação de diplomas de graduação expelidos por estabelecimentos estrangeiros de ensino superior requerida por migrantes regularmente admitidos no Brasil e portadores do estado de refugiado ou de visto humanitário**. Curitiba, 1 abr. 2016. Disponível em: <http://www.soc.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2016/07/resolucao_cepe_09072014-902.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ). **Resolução nº 63/18-CEPE. Estabelece e aprova a criação de vagas suplementares destinadas a migrantes em condição de refugiado ou com visto humanitário em todos os cursos da Universidade Federal do Paraná.** Curitiba, 9 nov. 2018. Disponível em: <http://www.soc.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2016/07/resolucao_cepe_09072014-902.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

DOBBINS, James; POOLE, Michele A.; LONG, Austin; RUNKLE, Benjamin. **After the War: Nation-Building from FDR to George W. Bush.** Santa Monica: RAND Corporation, 2008.

FERRARINI, N. L. Subjetividade: breve percurso histórico, aportes da Psicologia Histórico-Cultural de Vigotsky e a Teoria da Subjetividade de Fernando González Rey In: DIAS, M. S. L. (Org.). **Lev Vygotsky: uma leitura (inter)disciplinar.** 1. ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2020, p. 199-216.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes.** Porto Alegre: Penso, 2013.

FRANÇA, A. F. UFPR viabiliza mutirão de entrevistas com Conare para solicitantes de refúgio. **Portal UFPR.** Curitiba, 26 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.ufpr.br/portalfpr/noticias/ufpr-viabiliza-mutirao-de-entrevistas-com-conare-para-solicitantes-de-refugio/>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

HALL, Stuart. Codificação/Decodificação. In: HALL, Stuart. **Da Diáspora.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

JACQUES, M. **Os sentidos da transição ao Ensino Superior e seus efeitos subjetivos nos estudantes de psicologia de uma universidade pública.** 138 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, 2018.

JACQUES, M; PAN, M. A. G. S. Política de acesso e identidade: Rodas de Conversa produzindo sentido entre universitários. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 36, n. 94, p. 437-457, out./dez. 2018.

JOBIM E SOUZA, S.; ALBUQUERQUE, E. D. P. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 109-122, jul./dez. 2012.

KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos.** Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

LITENSKI, A. C. L. **Processos de subjetivação em práticas de letramento acadêmico: oficina com estudantes de psicologia da UFPR.** 168 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

LOMBA, J. C. **Enunciar ou renunciar-se: o sofrimento acadêmico em rodas de conversa e oficinas de escrita no ambiente virtual.** 88 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

MACHADO, J. P. **Entre frágeis e durões**: Efeitos da política de assistência estudantil nos modos de subjetivação dos estudantes da Universidade Federal do Paraná. 180 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

MACHADO, J. P.; PAN, M. A. G. S. Direito ou benefício? Política de assistência estudantil e seus efeitos subjetivos aos universitários. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 21, p. 477-488, 2016.

MAGALHÃES, A. S. Organização ético-discursiva em enunciados da imprensa contemporânea: do trabalho do jornalista à construção identitária editorial. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 76-87, 2º sem. 2010.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MELLO, P. C.; PRADO, A. Venezuelanos e brasileiros se confrontam nas ruas de cidade de Roraima. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 18 ago. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/08/refugiados-venezuelanos-sao-agredidos-e-expulsos-de-tendas-em-roraima.shtml>>. Acesso em: 7 dez. 2020.

MENEGASSI, R. J.; CAVALCANTI, R. S. Conceitos axiológicos bakhtinianos em propaganda impressa. **Alfa**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 433-449, 2013.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. **Refúgio em números**. Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/04/refugio-em-numeros_1104.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2018.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2017, p. 167-176.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA MIGRAÇÕES. **Relatório Nº 5**. Genebra: 2018. Disponível em: <http://robuenosaires.iom.int/sites/default/files/Informes/RAP_External_SitRep_No._5_PR.pdf>. Acesso em: 1 set. 2018.

PAN, M. A. G. S. **PermaneSENDO**: psicologia e políticas de permanência na universidade. 2. ed. Curitiba: UFPR, 2016. 37 p.

PAN, M. A. G. S. Letramento e Inclusão. In: MADER, B. J. **Ações e debates atuais em Psicologia Escolar/Educacional**. 1 ed. Curitiba: CRP-PR, 2016, p. 105-117.

PAN, M.; ROSSLER, J. H.; FERRARINI, N. L.; VALORE, L. A.; OLIVEIRA, S. D. Subjetividade: uma análise interdisciplinar. **Interação em psicologia**, Curitiba, v. 15, n. esp., p. 1-13, 2011.

PAN, M.; BEVILACQUA, C.; BRANCO, P.; MOREIRA, J.; LITENSKI, A.; RHODES, C.; TOVAS, A.; ZONTA, G. **Psicologia educacional na universidade**: A construção de um modelo junto à Assistência Estudantil. Comunicação Oral apresentada no Seminário IberoAmericano, Universidade do Vale do Itajaí, 2013, Itajaí/SC.

PAN, M. A. G. S.; LOMBA, J. C.; MACHADO, J. P. Oficina de Informação: a Des-informação produzindo demandas ao Psicólogo na Educação Superior. In: PAN, M. A. G. S.; ALBANESE, L.; FERRARINI, N. L. (Orgs.). **Psicologia & Educação Superior: Formação e(m) prática**. 1ed. Curitiba: Editora Juruá, 2017, p. 253-272.

PIRES, V. L. Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin. **Organon**, Porto Alegre, v. 16, n. 32-33, p. 35-48, 2002.

PIRES, V. L.; SOBRAL, A. Implicações do estatuto ontológico do sujeito na teoria discursiva do Círculo Bakhtin, Medvedev, Voloshinov. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 205-209, jan./jun. 2013.

QUEIROZ, I. A. Apontamentos sobre o conceito de cultura no Círculo de Bakhtin e a esfera político-cultural no Brasil contemporâneo. In: **II EEBA - Encontro dos estudos bakhtinianos**, 2013, Vitória. A vida e as esferas culturais. Vitória: EDUFES, 2013. v. 1. p. 1-10.

RIBEIRO, P. **Análise de um serviço de pronto-atendimento por pares em contexto universitário**. 141 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, 2018.

RHODES, C. **Crônicas do cotidiano universitário**: um estudo sobre os sentidos da experiência da graduação no discurso de um grupo de acadêmicos da Universidade Federal do Paraná. 153 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

RUANO, B. **Programa Reingresso UFPR – Aproveitamento de Vagas Remanescentes para a Reinserção Acadêmica de Migrantes e Refugiados: Ações de Acolhimento**. 432 f. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

RUANO, B.; RAGNINI, E. C. S.; FRIEDRICH, T. S.; GEDIEL, J. A. P. Cátedra Sérgio Vieira de Mello - UFPR. In: SALA, J. B.; PERES, R. G.; JUBILUT, L. L.; WALDELY, A. B.; ROSA, W. T. L. (Org.). **15 anos de Cátedra Sérgio Vieira de Mello no Brasil: Universidades e Pessoas Refugiadas**. 1ed. São Bernardo do Campo: Editora UFABC, 2020, p. 65-74.

SABOYA, É. **Protesto da direita anti-lei de migração incorreu em crime, diz especialista**. Disponível em: <
https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/04/politica/1493851938_726291.html>. Acesso em: 7 dez. 2020.

SOBRAL, A. Ético e estético: na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2017, p. 103-122.

SOBRAL, A. Da valoração intralinguística à transposição tradutória: uma perspectiva bakhtiniana. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, número especial, 2019.

SPINK, P. Análise de Documentos de Domínio Público. In: SPINK, M. J. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações

teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.

TOKARSKI, J. Evento protagonizado por estudantes da UFPR celebra o Dia Mundial do Refugiado e a Semana do Migrante. **Portal UFPR**. Curitiba, 19 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.ufpr.br/portalufpr/eventos/evento-protagonizado-por-estudantes-da-ufpr-celebra-o-dia-mundial-do-refugiado-e-a-semana-do-migrante/>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

TODOROV, T. **O medo dos bárbaros**: Petrópolis: Vozes, 2010.

UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES. **Global Trends: Forced Displacement in 2019**. Genebra: 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Quem somos**. Disponível em: <<http://www.ppgd.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2018/05/QUEM-SOMOS.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR), Superintendência de Comunicação Social. Festa junina do Celin mostra tradição popular brasileira para estrangeiros que estudam Português. **Portal UFPR**. Curitiba, 13 jun. 2018a. Disponível em: <<https://www.ufpr.br/portalufpr/noticias/festa-junina-do-celin-mostra-tradicao-popular-brasileira-para-estrangeiros-que-estudam-portugues/>>. Acesso em: 17 nov. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR), Superintendência de Comunicação Social. UFPR publica edital para migrantes e refugiados para o 1º Semestre/2019. **Portal UFPR**. Curitiba, 15 jun. 2018b. Disponível em: <<https://www.ufpr.br/portalufpr/noticias/ufpr-publica-edital-para-migrantes-e-refugiados-para-o-1o-semester-2019/>>. Acesso em: 17 nov. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR), Superintendência de Comunicação Social. Estudantes protagonizaram evento em celebração ao Dia Mundial do Refugiado e à Semana do Migrante. **Portal UFPR**. Curitiba, 25 jun. 2018c. Disponível em: <<https://www.ufpr.br/portalufpr/noticias/estudantes-protagonizaram-evento-em-celebracao-ao-dia-mundial-do-refugiado-e-a-semana-do-migrante/>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR), Superintendência de Comunicação Social. UFPR terá processo seletivo anual com dez vagas suplementares específicas para migrantes e refugiados. **Portal UFPR**. Curitiba, 12 nov. 2018d. Disponível em: <<https://www.ufpr.br/portalufpr/noticias/ufpr-tera-processo-seletivo-anual-com-dez-vagas-suplementares-especificas-para-migrantes-e-refugiados/>>. Acesso em: 17 nov. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR). **UFPR terá processo seletivo anual com 10 vagas suplementares específicas para refugiados e imigrantes**. Curitiba, 14 nov. 2018e. Facebook: UFPRoficial. Disponível em: <<https://www.facebook.com/UFPRoficial/posts/2359185860821582>>. Acesso em: 17 nov. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR). **Vestibular para migrantes e refugiados**. Curitiba, 10 jan. 2019a. Facebook: UFPRoficial. Disponível em: <<https://www.facebook.com/UFPRoficial/posts/2472122526194581>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR), Superintendência de Comunicação Social. Vestibular para migrantes e refugiados: prova será neste domingo (13), com fechamento de portões às 8h30. **Portal UFPR**. Curitiba, 10 jan. 2019b. Disponível em: <<https://www.ufpr.br/portalufpr/noticias/vestibular-para-refugiados-prova-sera-realizada-neste-domingo-pela-manha-portoes-serao-fechados-as-8h30/>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR), Superintendência de Comunicação Social. Divulgado o resultado do Vestibular para migrantes e refugiados. **Portal UFPR**. Curitiba, 31 jan. 2019c. Disponível em: <<https://www.ufpr.br/portalufpr/noticias/divulgado-resultado-do-vestibular-para-migrantes-e-refugiados/>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR). **Programa da UFPR inicia acolhimento linguístico e acadêmico para estudantes migrantes e refugiados**. Curitiba, 4 fev. 2019d. Facebook: UFPRoficial. Disponível em: <<https://www.facebook.com/UFPRoficial/posts/2523806321026201>>. Acesso em: 4 fev. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR), Superintendência de Comunicação Social. Programa da UFPR inicia acolhimento linguístico e acadêmico para estudantes migrantes e refugiados. **Portal UFPR**. Curitiba, 4 fev. 2019e. Disponível em: <<https://www.ufpr.br/portalufpr/noticias/programa-da-ufpr-inicia-acolhimento-linguistico-e-academico-para-estudantes-migrantes-com-visto-humanitario-e-refugiados/>>. Acesso em: 17 nov. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR), Superintendência de Comunicação Social. Præ divulga edital Promissas para estudantes estrangeiros; inscrições começam dia 18. **Portal UFPR**. Curitiba, 5 fev. 2019f. Disponível em: <<https://www.ufpr.br/portalufpr/noticias/præ-divulga-edital-promissas-para-estudantes-estrangeiros-inscricoes-comecam-dia-18/>>. Acesso em: 17 nov. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR), Superintendência de Comunicação Social. UFPR lança campanha “Recomeços são possíveis” para conscientizar sobre acolhimento de estudantes migrantes e refugiados. **Portal UFPR**. Curitiba, 13 fev. 2019g. Disponível em: <<https://www.ufpr.br/portalufpr/noticias/ufpr-lanca-campanha-de-conscientizacao-recomecos-sao-possiveis-para-abordar-acolhimento-de-estudantes-migrantes-e-refugiados/>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR), Superintendência de Comunicação Social. Intercambistas estrangeiros, reingressos e aprovados no Vestibular especial recebem as boas-vindas na UFPR. **Portal UFPR**. Curitiba, 14 fev. 2019h. Disponível em: <<https://www.ufpr.br/portalufpr/noticias/intercambistas-estrangeiros-reingressos-e-aprovados-no-vestibular-especial-para-migrantes-e-refugiados-recebem-as-boas-vindas-na-ufpr/>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR), Superintendência de Comunicação Social. Promissões abre inscrições para alunos estrangeiros participantes do PEC-G; prazo segue até dia 25. **Portal UFPR**. Curitiba, 18 fev. 2019i. Disponível em: <<https://www.ufpr.br/portafulpr/noticias/promissões-abre-inscricoes-para-alunos-estrangeiros-participantes-do-pec-g-prazo-segue-ate-dia-25/>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR). **UFPR lança campanha “Recomeços são possíveis” para conscientizar sobre acolhimento de estudantes migrantes e refugiados**. Curitiba, 13 fev. 2019j. Facebook: UFPRoficial. Disponível em: <<https://www.facebook.com/UFPRoficial/posts/2543052582434908>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR), Superintendência de Comunicação Social. Inscrições para revalidação de diploma para migrantes refugiados ou com visto humanitário seguem até 4/6. **Portal UFPR**. Curitiba, 21 mai. 2019k. Disponível em: <<https://www.ufpr.br/portafulpr/noticias/inscricoes-para-revalidacao-de-diploma-para-migrantes-portadores-do-estado-de-refugio-ou-visto-permanente-por-razoes-humanitarias-seguem-ate-04-06/>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR). **Programa Política Migratória e Universidade Brasileira atende cerca de 5 mil refugiados e migrantes entre 2014 e 2018**. Curitiba, 23 mai. 2019l. Facebook: UFPRoficial. Disponível em: <<https://www.facebook.com/UFPRoficial/posts/2778719948868169>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR), Superintendência de Comunicação Social. Extensão UFPR: Programa Política Migratória e Universidade Brasileira atende 5 mil refugiados e migrantes em 4 anos. UFPR. **Portal UFPR**. Curitiba, 23 mai. 2019m. Disponível em: <<https://www.ufpr.br/portafulpr/noticias/programa-politica-migratoria-e-universidade-brasileira-da-ufpr-atende-cerca-de-5-mil-refugiados-e-migrantes-entre-2014-e-2018/>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

VIANA, G. Refugiado sírio é atacado em Copacabana: 'Saia do meu país!'. **O Globo**, Rio de Janeiro, 3 ago. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/refugiado-sirio-atacado-em-copacabana-saia-do-meu-pais-21665327>>. Acesso em: 7 dez. 2020.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. São Paulo: Editora 34, 2019.

ANEXO 1 – PUBLICAÇÕES NO SITE E NO FACEBOOK DA UFPR

POSTS NO FACEBOOK DA UFPR

23/05/2019: Programa Política Migratória e Universidade Brasileira atende cerca de 5 mil refugiados e migrantes entre 2014 e 2018

 **UFPR (Universidade Federal do Paraná)** ...
23 de maio de 2019 · 🌐

Recomeços são possíveis, com auxílio e acolhimento ❤️

O programa desenvolve pesquisas sobre migrações, fornece assessoria jurídico-administrativa, aulas de português, informática e história do Brasil, além de atendimento psicológico.



UFPR.BR i

Programa Política Migratória e Universidade Brasileira atende cerca de 5 mil refugiados e migrantes entre 2014 e 2018

  369 6 comentários 124 compartilhamentos

13/02/2019: Campanha “Recomeços são possíveis, para acolhimento de estudantes migrantes e refugiados



UFPR (Universidade Federal do Paraná)



13 de fevereiro de 2019 · 🌐

A campanha é voltada para conscientização da comunidade acadêmica sobre o acolhimento de estudantes migrantes e refugiados.

Caso presencie algum ato de discriminação, denuncie pelo e-mail acolhe.sipad@ufpr.br.

#recomecosaopossiveis ❤️



UFPR.BR

UFPR lança campanha “Recomeços são possíveis” para conscientizar sobre acolhimento de estudantes migrantes e...

392

6 comentários 155 compartilhamentos

04/02/2019: Acolhimento linguístico e acadêmico de novos estudantes migrantes e refugiados

 **UFPR (Universidade Federal do Paraná)** ...
4 de fevereiro de 2019 · 🌐

Ao todo, 39 estudantes migrantes com visto humanitário e refugiados foram recepcionados hoje.
Bem-vindos à UFPR 😊
#UniversidadeParaTodos



UFPR.BR 

Programa da UFPR inicia acolhimento linguístico e acadêmico para estudantes migrantes e refugiados

  677

12 comentários 114 compartilhamentos

10/01/2019: Vestibular para migrantes e refugiados



UFPR (Universidade Federal do Paraná)

10 de janeiro de 2019 · 🌐

VESTIBULAR PARA MIGRANTES E REFUGIADOS ACONTECE NO PRÓXIMO DOMINGO!

O processo seletivo, com 10 vagas suplementares por ano, foi aprovado em novembro de 2018 para compor as políticas de inclusão e acesso à UFPR por grupos sociais vulneráveis.

Veja os detalhes: <https://bit.ly/2RkDoho>



1 mil

43 comentários · 495 compartilhamentos

14/11/2018: UFPR terá processo seletivo anual com dez vagas suplementares específicas para migrantes e refugiados



UFPR (Universidade Federal do Paraná)

14 de novembro de 2018 · 🌐



UFPR no portal oficial da ACNUR, a Agência da ONU para Refugiados 😊

#Inclusão



ACNUR.ORG

UFPR terá processo seletivo anual com 10 vagas suplementares específicas para refugiados e imigrantes



1,2 mil

92 comentários 175 compartilhamentos

PUBLICAÇÕES NO SITE DA UFPR

23/05/2019: Programa Política Migratória e Universidade Brasileira atende cerca de 5 mil refugiados e migrantes entre 2014 e 2018



The screenshot shows the website of the Universidade Federal do Paraná (UFPR). The header includes navigation links for 'Página Inicial', 'Intranet', 'Office 365', 'Comunicação', and 'Transparência'. Below the header is a search bar and a menu with categories like 'A Universidade', 'Ensino', 'Pesquisa e Inovação', 'Extensão e Cultura', 'Vestibular e Concursos', 'Serviços', 'Acesso à Informação', and 'Ouvidoria'. The main content area is titled 'Extensão e Cultura' and features a news article.

Últimas notícias...

- Inscrições para cursos intensivos do Celin começam na sexta-feira (24)
- Festival de Inverno 2020: inscrições para apresentações artístico-culturais e oficinas estão abertas
- Universidade Aberta da Maturidade promove qualidade de vida e desenvolvimento social para idosos no Setor Palotina
- Caderno de ensaios chega à décima edição com temática de resistência ao pensar cultura e formação
- UFPR assina convênio com Iphan para preservação da memória ferroviária

Histórico de notícias

Mês:

Ano:

Gênero:

Extensão UFPR: Programa Política Migratória e Universidade Brasileira atende 5 mil refugiados e migrantes em 4 anos
 Superintendência de Comunicação Social 23 de maio de 2019 - 13h12

[Gosto](#) [Twitter](#) [Facebook](#)

Migrantes e refugiados de Curitiba e região metropolitana encontram na Universidade Federal do Paraná (UFPR) acolhimento e auxílio para enfrentar os desafios de reconstruir a vida em um novo país. O **Programa Política Migratória e Universidade Brasileira (Pmub)** desenvolve pesquisas sobre migrações, fornece assessoria jurídico-administrativa, promove aulas de português, informática e história do Brasil e oferece atendimento psicológico ao grupo.

A coordenadora do Pmub, Tatyana Friedrich, explica que "uma vez que os migrantes estão incluídos na UFPR, é exercida a interculturalidade, numa relação dialógica entre brasileiro e migrante, sem que uma cultura sobreponha a outra. Eles trazem novos temas e novos desafios para o ensino, a pesquisa e a extensão, enriquecendo toda a produção acadêmica na Universidade".

Para César Toyokazu Hirose, estudante de Direito da UFPR, o programa possibilita experiências para a vida pessoal e acadêmica. "Me fez sair de minha bolha social, conhecer o diferente e realidades diferentes da minha, o que, certamente, dentre outras coisas, tornou-me muito mais tolerante e sensível".

O Programa é responsável pela aprovação, pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), das resoluções nº 13/14, 02/16 e 63/18, que possibilitaram aos migrantes refugiados ou com visto humanitário retomar os estudos, revalidar diplomas e ingressar na Universidade por um processo seletivo por meio do qual competem apenas entre si.

Desde 2013, o Pmub realiza ações da Cátedra Sérgio Vieira de Mello (CSVm), do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e contempla seis projetos de extensão: Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH); Refúgio, Migrações e Hospitalidade; Capacitação em Informática para Imigrantes; Migração e Processos de Subjetivação; Migrantes no Paraná; Preconceito, Integração e Capital de Mobilidade; Oficina de História do Brasil para Estrangeiros.



Turma de acolhimento a haitianos de 2015. Foto: Brunno Covello

Esses projetos envolvem os cursos de Direito, Informática, Psicologia, Sociologia, Letras e o Centro de Línguas e Interculturalidade (Celin), além do Programa de Educação Tutorial (PET) História da UFPR. Participam do Pmub professores, servidores, pesquisadores e estudantes de graduação e pós-graduação. De acordo com a coordenadora, entre 2014 e 2018 cerca de 5 mil pessoas foram beneficiadas pelo Programa.

Para o estudante de Direito, o Pmub tem um alto e positivo impacto social. César receia que os cortes orçamentários anunciados pelo governo no final de abril afetem bolsistas e pessoas beneficiadas pelo projeto. "Seria uma sentença de morte à extensão universitária. As ações seriam demasiadamente limitadas e, em última instância, seria cortar pela raiz os intentos de acabar com o preconceito que se tem com os migrantes e refugiados, mantendo-os em posição de vulnerabilidade, sem oportunidades decentes de estudo e trabalho", avalia.

Migrantes e refugiados na UFPR

Entre 2014 e 2018, ingressaram na UFPR 52 estudantes de diferentes nacionalidades que se encontravam na condição de migrantes, com visto humanitário e refugiados. Em 2019, a Universidade teve o primeiro processo seletivo especial para migrantes e refugiados, por meio do qual dez novos alunos ingressaram na instituição.

Além disso, 29 estudantes de oito países foram selecionados pelo edital de reingresso – acesso a vagas remanescentes de cursos de graduação, voltado para migrantes, refugiados e pessoas com visto humanitário que já iniciaram cursos superiores em seus países de origem.

Por Nicolle Schumacher (sob supervisão de Bruna Bertoldi Gonçalves)

Leia mais notícias sobre a extensão na UFPR [aqui](#)

21/05/2019: Inscrições para revalidação de diploma para migrantes refugiados ou com visto humanitário seguem até 4/6



The image is a screenshot of the website for the Universidade Federal do Paraná (UFPR). The header features the university's name and a search bar. Below the header is a navigation menu with links to 'A Universidade', 'Ensino', 'Pesquisa e Inovação', 'Extensão e Cultura', 'Vestibular e Concursos', 'Serviços', 'Acesso à Informação', and 'Ouvidoria'. The main content area is titled 'Ensino e Educação' and displays a news article. The article's title is 'Inscrições para revalidação de diploma para migrantes refugiados ou com visto humanitário seguem até 4/6'. It includes a sub-header 'Superintendência de Comunicação Social' and a date '21 de maio de 2019 - 8h26'. The article text explains that the UFPR has published an 'edit de revalidação de diploma de graduação' for migrants who have obtained a diploma in another country. It details the requirements, such as having a permanent humanitarian visa or refugee status, and the deadline for applications, which is June 4th at 17:00. The process is divided into three stages: objective test, practical test, and interview. It also mentions that the revalidation is in Portuguese and that diplomas must correspond to the curriculum and titles conferred by UFPR. The article concludes by stating that the revalidation is for professionals who can be reinserted into the labor market and that volunteers are available for assistance.

Últimas notícias...

- Banho de Lama e sorrisos marcam comemoração da aprovação no Vestibular 2019/2020 em campus da UFPR
- Vestibular 2019/2020: resultado final será homologado no dia 15/1, às 14h, no Núcleo de Concursos da UFPR
- Professores de Biologia em escolas públicas podem participar de curso gratuito na UFPR; inscrições até 15/1
- Estudantes da UFPR são medalhistas na Olimpíada Brasileira de Matemática
- Acadêmicos do NEAB se destacam em experiência no México e abrem possibilidades de cooperação

Histórico de notícias

Mês:

Ano:

Gênero:

Inscrições para revalidação de diploma para migrantes refugiados ou com visto humanitário seguem até 4/6
 Superintendência de Comunicação Social 21 de maio de 2019 - 8h26

A Universidade Federal do Paraná divulgou o [edit de revalidação de diploma de graduação](#) obtido em outro país para algumas categorias de migrantes – aqueles que possuem visto permanente por razões humanitárias e os que receberam o estado de refúgio. O prazo para as inscrições termina às 17 horas do dia quatro de junho, pela [página do Núcleo de Concursos](#) da UFPR.

O processo é dividido em três etapas – prova objetiva, prática e entrevista – e realizado todo em língua portuguesa. De acordo com o edital, são cabíveis de revalidação os diplomas que correspondam, quanto ao currículo, aos títulos ou habilitações conferidas pela UFPR, entendida a equivalência em sentido amplo, de modo a abranger áreas congêneres, similares ou afins. O edital exclui apenas a revalidação para migrantes médicos, isso porque o processo é regido por outra portaria (Revalida).

A revalidação é a possibilidade de reinserção adequada no mercado de trabalho desses profissionais que já chegam ao país qualificados e, sem o devido reconhecimento da formação, não conseguem exercer a profissão para a qual estão habilitados.

Os voluntários do projeto Migração, Refúgio e Hospitalidade estão disponíveis para esclarecimento de dúvidas ou auxílio com a inscrição, na sala 28 do Prédio Histórico da UFPR, na praça Santos Andrade.

Para informações sobre as inscrições, [acesse aqui](#).

Confira o [edital na íntegra](#).

26/04/2019: UFPR viabiliza mutirão de entrevistas com Conare para solicitantes de refúgio

Página Inicial | Intranet | Office 365 | Comunicação | Transparência

Universidade Federal do Paraná

A Universidade | Ensino | Pesquisa e Inovação | Extensão e Cultura | Vestibular e Concursos | Serviços | Acesso à Informação | Ouvidoria

Extensão e Cultura

Últimas notícias...

- Inscrições para cursos intensivos do Celim começam na sexta-feira (24)
- Festival de Inverno 2020: inscrições para apresentações artístico-culturais e oficinas estão abertas
- Universidade Aberta da Maturidade promove qualidade de vida e desenvolvimento social para idosos no Setor Palotina
- Caderno de ensaios chega à décima edição com temática de resistência ao pensar cultura e formação
- UFPR assina convênio com Iphan para preservação da memória ferroviária

Histórico de notícias

Mês: Janeiro

Ano: 2020

Gênero: Extensão e Cultura

UFPR viabiliza mutirão de entrevistas com Conare para solicitantes de refúgio

Aline Fernandes França | 26 de abril de 2019 - 10h30

GoGo! | Twitter | WhatsApp

"Busco uma vida melhor". É assim que Graciete Lopes, de 28 anos, descreve sua mudança de Guiné-Bissau, na África, para o Brasil. Em 2018, ela deixou o país de origem que enfrenta uma crise política, mas os pais não puderam acompanhá-la. "Eu vim sozinha, minha mãe e meu pai estão lá". Apesar das dificuldades, a jovem já iniciou as aulas em um curso técnico em Enfermagem e fez amigos africanos e brasileiros em Curitiba.

Graciete Lopes, de Guiné-Bissau, foi uma das entrevistadas para concessão de refúgio. Foto: Marcos Solivan

Graciete é uma das 25 solicitantes de refúgio que passam por entrevistas do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), na capital paranaense, nesta semana. O mutirão, realizado em parceria com a Universidade Federal do Paraná, atende migrantes que buscam a concessão de refúgio.

O oficial de elegibilidade do Conare, Lázaro Romualdo da Silva, explica que os mutirões integram uma força-tarefa iniciada em 2019. "Cerca de 177 mil pessoas aguardam a concessão de refúgio em todo o Brasil. As entrevistas eram por videoconferência e, presencialmente, apenas em Brasília, na sede do Ministério da Justiça. Como somos em poucos oficiais, apresentamos a proposta da

realização de entrevistas presenciais em várias partes do País, otimizando o tempo". De acordo com o representante do Conare, muitos solicitantes de refúgio tinham dificuldades para ter acesso à notificação do agendamento de entrevistas e, por isso, não compareciam à videoconferência.

A ação acontece por intermédio do Programa Política Migratória e Universidade Brasileira (PMUB), composto por seis projetos, entre eles o de "Refúgio, Migrações e Hospitalidade". A coordenadora do programa, professora Tatyana Friedrich, conta que o PMUB auxiliou entrevistas a distância durante todo o ano de 2018 e agora viabiliza os mutirões. "O programa atende os solicitantes, elabora listas com as documentações necessárias e viabiliza as entrevistas com o Conare. Neste ano, esse já é o segundo mutirão que fazemos, há muita procura e a universidade é catalisadora do processo", diz. "A UFPR é um locus permanente de acolhimento de migrantes refugiados e atende as mais variadas demandas".

"Sem a parceria com a UFPR, não teríamos como fazer as entrevistas presenciais em Curitiba, o que a universidade fez para nós é imprescindível. Além disso, a instituição está localizada em um ponto central da cidade, isso ajuda muito", conclui Silva.



Professora da UFPR, Tatyana Friedrich, e Lázaro Romualdo da Silva, oficial de elegibilidade do Conare. Foto: Marcos Solivan

Solicitação de refúgio

O migrante em posse da solicitação de refúgio já garante o direito de permanência enquanto tramita o processo, mas encontra dificuldades para acessar serviços básicos ou mesmo para conseguir um emprego.

Após a etapa da entrevista de elegibilidade do mutirão, o oficial elabora um parecer deferindo ou não o enquadramento do solicitante, conforme critérios da Lei de Refúgio (Lei 9.474/1997), e o parecer segue para votação em plenária.

Quando aprovada, a concessão de refúgio representa maior segurança e garantia de cidadania para pessoas já fragilizadas por diferentes trajetórias de vida.

Programa Política Migratória e Universidade Brasileira

Composto por seis projetos, o PMUB atua, entre outras vertentes, na formulação e acompanhamento das políticas públicas de refúgio, migração e combate à apatridia, e nos processos de acolhimento e seleção de refugiados e migrantes na Universidade e na sociedade local.

O programa contempla os seguintes projetos: Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH); Refúgio, Migrações e Hospitalidade; Capacitação em Informática para Imigrantes; Migração e Processos de Subjetivação: Psicanálise e Política; Migrantes no Paraná. Preconceito, Integração e Capital de Mobilidade, e Oficina de História do Brasil para Estrangeiros.

Desde 2013, o PMUB realiza ações da Cátedra Sérgio Vieira de Mello (CSVM), do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR).

18/04/2019: AUI apresenta em encontro de relações internacionais as políticas da UFPR para inclusão de refugiados e migrantes



Últimas notícias...

- Código de Ética da UFPR é aprovado pelo Conselho Universitário
- SISU 2020: publicados Guia do Candidato e edital para 1.228 vagas na UFPR; inscrições de 21 a 26/1
- Resultado do Vestibular 2019/2020 da UFPR é homologado com 59,79% de aprovados oriundos da escola pública
- Atenção: emergências na UFPR em Curitiba devem ser encaminhadas ao Samu ou ao Siate a partir de 17/1
- Com doença rara, estudante de medicina da UFPR cria canais para divulgar aprendizados

Histórico de notícias

Mês:

Janeiro

Ano:

2020

Gênero:

+ UFPR

AUI apresenta em encontro de relações internacionais as políticas da UFPR para inclusão de refugiados e migrantes

Camille Bropp 18 de abril de 2019 - 10h48

Gostei Compartilhar



Duarte apresentou os resultados das políticas afirmativas da UFPR voltadas a migrantes e refugiados. Foto: Divulgação

As formas como a UFPR tem acolhido e apoiado a inclusão de refugiados e migrantes no ensino superior foi o tema da fala do professor André Duarte, diretor da Agência UFPR Internacional (AUI), na conferência anual da Associação Brasileira de Educação Internacional (Faubai), nesta terça-feira (16), em Belém. O encontro, que reuniu responsáveis pelas relações internacionais de instituições de cerca de 30 países, é hoje o maior evento sobre internacionalização do ensino superior na América Latina e no Caribe.

Segundo Duarte, a política de acolhimento e de garantia de permanência de imigrantes e refugiados da UFPR tem despontado como referência, devido à amplitude e ao entrosamento de suas ações.

"Não somos a única instituição de ensino superior no Brasil que tem políticas abrangentes, mas somos, em grande medida, uma referência porque somos das poucas que implantaram um conjunto coerente de atividades e de ações, tanto normativas quanto de acolhimento", explica.

Nos últimos anos a universidade promoveu uma série de iniciativas para a inclusão e a integração de migrantes e refugiados. Entre as mais recentes, está a campanha "Recomeços são possíveis", que conscientiza a comunidade universitária sobre a necessidade de acolhimento e integração de migrantes e refugiados com vínculo na instituição. [A campanha foi lançada em fevereiro.](#)

Vestibular

A UFPR também realizou, em janeiro, o primeiro vestibular voltado a migrantes e refugiados, com dez vagas suplementares anuais. [O processo seletivo foi aprovado pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão \(Cepe\) em novembro.](#)

Outra política integrativa é o curso de português para estrangeiros, oferecido dentro do projeto de extensão Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH), que reúne o curso de Letras e o Centro de Línguas e Interculturalidade (Celin) desde 2013.

Sobre a Faubai

A abertura da Faubai 2019 Conference ocorreu no dia 13 e o evento termina nesta quarta (17) — a programação pode ser consultada [neste link](#).

Criada em 1988, a Faubai reúne mais de 180 gestores ou responsáveis por assuntos internacionais em universidades. A finalidade da associação é promover as iniciativas na área, além de aproximar as instituições de agências de fomento, representações diplomáticas, organismos e programas internacionais.

18/02/2019: Promissaes abre inscrições para alunos estrangeiros participantes do PEC-G; prazo segue até dia 25



Página Inicial | Intranet | Office 365 | Comunicação | Transparência

Universidade Federal do Paraná

A Universidade | Ensino | Pesquisa e Inovação | Extensão e Cultura | Vestibular e Concursos | Serviços | Acesso à Informação | Ouvidoria

Ensino e Educação

Últimas notícias...

- Banho de Lama e sorrisos marcam comemoração da aprovação no Vestibular 2019/2020 em campus da UFPR
- Vestibular 2019/2020: resultado final será homologado no dia 15/1, às 14h, no Núcleo de Concursos da UFPR
- Professores de Biologia em escolas públicas podem participar de curso gratuito na UFPR; inscrições até 15/1
- Estudantes da UFPR são medalhistas na Olimpíada Brasileira de Matemática
- Acadêmicos do NEAB se destacam em experiência no México e abrem possibilidades de cooperação

Histórico de notícias

Mês:
Janeiro

Ano:
2020

Gênero:
Ensino e Educação

Promissaes abre inscrições para alunos estrangeiros participantes do PEC-G; prazo segue até dia 25
 Superintendência de Comunicação Social | 18 de fevereiro de 2019 - 9h30

Estão abertas as inscrições para o Projeto Milton Santos de Acesso ao Ensino Superior – Promissaes. O processo seletivo é voltado para alunos estrangeiros participantes do Programa de Estudantes – Convênio de Graduação (PEC-G).

As inscrições são realizadas mediante [preenchimento online do cadastro](#). Estudantes sem acesso a computadores ou internet poderão se inscrever nas Bibliotecas dos Campi de Curitiba ou na sede da [Pró-reitoria de Assuntos Estudantis \(PRAE\)](#).

O Promissaes coopera com a manutenção dos estudantes durante o curso. Os candidatos precisam estar matriculados regularmente em cursos de graduação ou ensino profissionalizante da UFPR, apresentar bom desempenho acadêmico e fragilidade socioeconômica.

Os estudantes inscritos deverão entregar a documentação entre os dias 25 de fevereiro e 1º de março, conforme orientações do [edital](#). O resultado será divulgado no site da PRAE na data provável de 15 de março.

As bolsas terão duração de 12 meses, mediante o cumprimento dos critérios estabelecidos.

Mais informações pelo telefone (41) 3888-7777.

Confira o [edital 2019](#) na íntegra.

Locais para entrega da documentação

Os documentos devem ser entregues em envelope fechado até o dia 1º de março na sede da PRAE em Curitiba, entre 8 e 19 horas. O endereço é Rua Ubaldino do Amaral, nº 321, 1º andar – Alto da Glória.

Estudantes PEC-G que estudam em Campus ou Setor em outro município devem procurar a unidade da PRAE no município de seu Campus/Setor.

Promissaes – Projeto Milton Santos de Acesso ao Ensino Superior

O Promissaes tem como objetivo fomentar a cooperação técnico-científica e cultural entre o Brasil e os países, especialmente de origem africana, com os quais mantém acordos nas áreas de educação e cultura.

O projeto é desenvolvido pelos ministérios das Relações Exteriores e da Educação, em parceria com universidades.

14/02/2019: Intercambistas estrangeiros, reingressos e aprovados no Vestibular especial recebem as boas-vindas na UFPR

Página Inicial | Intranet | Office 365 | Comunicação | Transparência

Universidade Federal do Paraná

[A Universidade](#) | [Ensino](#) | [Pesquisa e Inovação](#) | [Extensão e Cultura](#) | [Vestibular e Concursos](#) | [Serviços](#) | [Acesso à Informação](#) | [Ouvidoria](#)

Ensino e Educação

Últimas notícias...

- Banho de Lama e sorrisos marcam comemoração da aprovação no Vestibular 2019/2020 em campus da UFPR
- Vestibular 2019/2020: resultado final será homologado no dia 15/1, às 14h, no Núcleo de Concursos da UFPR
- Professores de Biologia em escolas públicas podem participar de curso gratuito na UFPR; inscrições até 15/1
- Estudantes da UFPR são medalhistas na Olimpíada Brasileira de Matemática
- Acadêmicos do NEAB se destacam em experiência no México e abrem possibilidades de cooperação

Histórico de notícias

Mês:

Ano:

Gênero:

Intercambistas estrangeiros, reingressos e aprovados no Vestibular especial recebem as boas-vindas na UFPR

Superintendência de Comunicação Social

 14 de fevereiro de 2019 - 12h54

Gosto
 Compartilhar

Nesta quinta-feira (14), a Universidade Federal do Paraná (UFPR) iniciou o processo de acolhimento e recepção de 71 estudantes estrangeiros de graduação e de 17 estudantes do curso Português como Língua Estrangeira (PLE) do Centro de Línguas e Interculturalidade (Celin) que, durante os próximos meses ou anos, estudarão na instituição. A recepção se estende ao longo do dia com dinâmicas interativas e orientações.

Os estudantes são oriundos de mais de 25 diferentes países como Timor-Leste, Japão, Gana, Síria, França, Estados Unidos e Argentina. Dentre eles estão os dez calouros que foram aprovados recentemente no Vestibular para migrantes com visto humanitário e refugiados e outros integrantes de convênios e programas de cooperação internacional. Eles farão parte de mais de 30 diferentes cursos de graduação.

A coordenadora do Núcleo Tandem – programa do Celin –, Norma Müller, explica que neste momento de recepção são passadas aos estrangeiros orientações sobre a burocracia universitária e sobre serviços como assistência estudantil, intercâmbio e restaurantes universitários. Esta também é uma ocasião de integração, na qual os alunos conhecem os colegas e os profissionais aos quais deverão recorrer em caso de dúvidas ao longo do tempo que passarão na UFPR.

Durante recepção, o representante dos estudantes estrangeiros na UFPR, Peter Mackenson Civil, contou um pouco sobre sua experiência no Brasil e deu dicas aos novos estudantes. "Vocês têm que se motivar a atingir seus objetivos, pois durante o caminho certamente encontrarão várias dificuldades, mas com disciplina, objetivo e motivação vocês conseguirão atingir seus sonhos", disse o aluno de Administração haitiano que está no País desde 2014.

O representante da Cátedra Sérgio Vieira de Mello na UFPR e do Programa Política Migratória e Universidade Brasileira (PMUB), professor José Antonio Peres Gediel, destacou o sentimento de felicidade em ver uma sala cheia de pessoas de todas as partes do mundo. "Estamos avançando um pouco a cada ano nessa caminhada segura e sem retrocessos".

Para o diretor da Agência UFPR Internacional, André Duarte, a presença dos estudantes estrangeiros reflete a internacionalização da UFPR. "Assim como vocês enriquecem sua cultura ao virem para cá, nós também nos tornamos mais ricos com a presença de vocês. Essa mistura de línguas, culturas e países é a realidade da universidade hoje. Cada um de vocês terá uma experiência única de viver aqui e esse é o objetivo dessa integração".

Esperança

Tarek Kanjo é oriundo de Aleppo, na Síria, e já cursava Odontologia na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), mas como sua família inteira mora em Curitiba conseguiu transferência, neste ano, para a UFPR. "Eu quero ajudar da melhor forma possível outras pessoas a sorrírem novamente, por isso escolhi o curso de Odontologia. Espero terminar meus estudos logo, trabalhar e ingressar no mestrado para poder devolver ao Brasil um pouco do que o País fez por mim".

Kanjo, que está no Brasil há cinco anos, iniciou os estudos na Síria, mas se viu obrigado a sair do país quando uma bomba acabou com o sonho de muitos dos seus colegas. Por pouco ele escapou da tragédia e então decidiu que era o momento de encontrar sua família que estava em Curitiba. "Eu tinha a intenção de me formar lá e só então me mudar para outro lugar, pois sei como é difícil conseguir essa certificação. Ao chegar aqui, havia perdido a esperança de retomar os estudos, principalmente pela dificuldade na língua. Agora estou muito feliz com essa oportunidade na UFPR".



À esquerda, o sírio Tarek Kanjo e à direita, o haitiano Russel Cerilia. Fotos: Marcos Solivan

Há cinco anos no Brasil, Russel Cerilia escolheu o lugar pelo bom acolhimento aos imigrantes. "Posso dizer que meu Haiti dentro do Brasil é Curitiba. Inclusive, acabo de criar uma família aqui, pois meu filho nasceu há dois anos. Adoro esta cidade porque o tipo de tratamento que recebo me ajuda a crescer".

Cerilia se formou em Economia no Haiti, mas desde que chegou no Brasil não parou de estudar. Fez cursos técnicos em eletromecânica e eletrônica e enxerga a oportunidade de cursar Administração na UFPR como uma chance de mudar de vida.

"A responsabilidade política que tenho me faz pensar em voltar ao Haiti, por ver que as coisas não estão dando certo lá. Mas atualmente, com a diversidade e a internacionalização, vejo que também tenho essa responsabilidade no Brasil e por enquanto me sinto em casa aqui", revela.

13/06/2018: Festa junina do Celin mostra tradição popular brasileira para estrangeiros que estudam Português

Página Inicial | Intranet | Office 365 | Comunicação | Transparência

Universidade Federal do Paraná

A Universidade | Ensino | Pesquisa e Inovação | Extensão e Cultura | Vestibular e Concursos | Serviços | Acesso à Informação | Ouvidoria

Extensão e Cultura

Últimas notícias...

- Inscrições para cursos intensivos do Celin começam na sexta-feira (24)
- Festival de Inverno 2020: inscrições para apresentações artístico-culturais e oficinas estão abertas
- Universidade Aberta da Maturidade promove qualidade de vida e desenvolvimento social para idosos no Setor Palotina
- Caderno de ensaios chega à décima edição com temática de resistência ao pensar cultura e formação
- UFPR assina convênio com Iphan para preservação da memória ferroviária

Histórico de notícias

Mês:

Janeiro

Ano:

2020

Gênero:

Extensão e Cultura

Festa junina do Celin mostra tradição popular brasileira para estrangeiros que estudam Português

Superintendência de Comunicação Social | 13 de junho de 2018 - 17h54

[Gostei](#) [Twitter](#) [Facebook](#)

Já virou tradição. Todo mês de junho, há 10 anos, o Centro de Línguas e Interculturalidade (Celin) da UFPR pendura as bandeirinhas, prepara a música e as comidas típicas e promove uma festa junina para que os estrangeiros matriculados no curso de Português como Língua Estrangeira (PLE) conheçam um pouco da cultura popular brasileira. Este ano, a festa aconteceu nesta quarta-feira (13), Dia de Santo Antônio, e reuniu alunos de várias nacionalidades, além de professores e funcionários do Celin.

Os professores e alunos que organizaram a festa capricharam na decoração. As típicas bandeirinhas enfeitavam o teto e as bandeiras de Santo Antônio se destacavam nas janelas. Foi preparada uma mesa com comidas típicas, como pé de moleque, maçã do amor, cachorro quente, canjica, paçoca e o disputado bolo de Santo Antônio.

Norma Müller, bacharel em Letras e analista de projetos educacionais no Celin, conta que a festa faz parte do aprendizado dos alunos no curso de PLE. "A gente ensina aos alunos quais são as partes da comemoração e tudo que está ligado a ela", fala. Cada turma do curso estuda uma parte da festa e fica responsável por organizá-la. Assim, o evento tinha diversas brincadeiras típicas, como jogo de argolas, pescaria, rabo do burro, boca do palhaço, correio elegante e uma apresentação do casamento, quadrilha e uma banda.



Decoração, quadrilha e comidas típicas: não faltou nada para animar os alunos

De acordo com Norma, o curso tem aproximadamente 80 alunos de várias nacionalidades, como franceses, alemães, mexicanos, hondurenhos, coreanos, japoneses, mongóis, britânicos e americanos. Os alunos gostam principalmente da quadrilha. A dança começa com a turma que participou dos ensaios e depois todos entram na roda. Este ano, os alunos do curso de Português PEC-G, curso específico para quem quer entrar em uma universidade, fizeram uma apresentação de banda com os mais diversos instrumentos.

Julio Marques, que é professor de português do PEC-G, conta que cada aula é um desafio diferente. "A maioria dos alunos nunca estudou o português e escolheu o Brasil por causa da curiosidade pelo novo", conta o professor. "Toda vez que a gente tem um desafio a gente tende a melhorar", comenta Julio sobre as dificuldades em lidar com tantas culturas diferentes em uma sala de aula. "Mas uma coisa importante é que eles se relacionam muito bem entre si, já que estão juntos no mesmo processo", finaliza.

O estudante de Letras Danilo Hatori, que também dá aulas de Português, foi responsável por realizar a oficina de forró e de instrumentos para os alunos. "Eles se mostraram muito receptivos e dedicados, então foi muito divertido", comenta. Para ele, introduzir os alunos nessas festas vai muito além da questão linguística. "Aprender sobre o que é o Brasil envolve mais do que só o idioma. A festa é parte do processo de aprender estar aqui", fala.

Hatori comenta que dá aula para alguns refugiados de guerra que querem continuar suas vidas no Brasil, e diz que atividades como a festa junina contribuem para as relações interpessoais e o conhecimento cultural: "Ela aproxima os alunos, faz com que se sintam mais integrados".



Norma: "A festa faz parte do aprendizado. Cada turma estuda uma parte e fica encarregada de organizá-la".
Fotos: Nicolle Schumacher – Sucom/UFRP

Integração

E os estudantes se divertiram muito. Marella Pimental é do Panamá e está estudando português porque pretende cursar Engenharia Civil na Universidade Federal de Santa Catarina. Ela conta que sua adaptação foi bem fácil, com a ajuda dos professores, que considera muito amigáveis. "Acho que eles têm uma boa forma de ensinar e isso deixa as aulas muito legais", elogia. Apesar de conhecer poucos lugares no Brasil, Marella adora as praias do litoral catarinense e admira a receptividade dos brasileiros.



Danilo Hatori



Erick Calderon



Marella Pimental

Essa característica também é citada por Erick Calderon, de Honduras. Ele conta que a festa junina é bem diferente da cultura hondurenha e que no seu país de origem as pessoas relacionam o Brasil mais com o carnaval. Mas agora que conhece melhor a cultura, ela fica impressionado com a diversidade brasileira. "Os brasileiros são bem diferentes e eu acho muito legal conviver com pessoas com histórias diversificadas", conta o rapaz, que está há quatro meses em Curitiba e se muda em novembro para Porto Alegre, onde vai cursar Medicina.

Tuanny Eugênio é professora de português e estagiária no Núcleo Tandem do Celin. A turma dela ficou responsável pela banda de forró. "Eles não conheciam as tradições, mas gostam muito de música", conta. Assim, ela uniu o útil ao agradável e mostrou aos alunos aprender um pouco sobre o forró e a festa junina no Brasil. "Não é só a festa junina. É todo um trabalho ligado à história de tudo isso que acontece ao redor".

Por Pedro Macedo, sob supervisão de Lorena Klenk

13/02/2019: UFPR lança campanha “Recomeços são possíveis” para conscientizar sobre acolhimento de estudantes migrantes e refugiados

Página Inicial | Intranet | Office 305 | Comunicação | Transparência

Universidade Federal do Paraná

A Universidade | Ensino | Pesquisa e Inovação | Extensão e Cultura | Vestibular e Concursos | Serviços | Acesso à Informação | Ouvidoria

Ensino e Educação

Últimas notícias...

- Banho de Lama e sorrisos marcam comemoração da aprovação no Vestibular 2019/2020 em campus da UFPR
- Vestibular 2019/2020: resultado final será homologado no dia 15/1, às 14h, no Núcleo de Concursos da UFPR
- Professores de Biologia em escolas públicas podem participar de curso gratuito na UFPR; inscrições até 15/1
- Estudantes da UFPR são medalhistas na Olimpíada Brasileira de Matemática
- Acadêmicos do NEAB se destacam em experiência no México e abrem possibilidades de cooperação

Histórico de notícias

Mês:
Janeiro

Ano:
2020

Gênero:
Ensino e Educação

UFPR lança campanha “Recomeços são possíveis” para conscientizar sobre acolhimento de estudantes migrantes e refugiados

Superintendência de Comunicação Social 13 de fevereiro de 2019 - 14h34

GoGo! | Facebook | WhatsApp

Recomeçar a vida em outro país envolve muitos desafios, que vão desde o idioma até as diferenças culturais. Pensando nisso, a Universidade Federal do Paraná lança, nesta quarta-feira (13), a campanha “Recomeços são possíveis”, voltada para conscientização da comunidade acadêmica sobre o acolhimento de estudantes migrantes e refugiados.

Idealizada pelo Programa Política Migratória e Universidade Brasileira (PMUB), Núcleo Tandem, do Centro de Línguas e Interculturalidade (Celin), Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (Prae) e Superintendência de Comunicação (Sucom), a campanha aborda a prática de empatia e gentileza com os alunos que deixaram seus países para trás em busca de melhores condições de vida.

Recomeços são possíveis

Na volta às aulas, a UFPR recebe um grande número de novos alunos. Entre eles estão migrantes que vêm ao Brasil em busca de um recomeço. Imigrantes e refugiados que deixaram seus países para trás, em busca de melhores condições de vida. Cabe a nós, professores, alunos e técnicos, praticarmos a empatia e a gentileza.

Seja parte dessa história.
#recomecossaopossiveis

DISCRIMINAÇÃO CONTRA UM ALUNO
DENUNCIE: acolhe.sipad@ufpr.br

PMUB | NÚCLEO TANDEM | CELIN | PRAE | UFPR

“Recomeços são possíveis” busca sensibilizar professores, servidores e estudantes para a importância do acolhimento e do olhar para o outro. É uma iniciativa de prevenção”, explica a coordenadora do PMUB, Tatyana Friedrich. “Sabemos que, em geral, os estudantes brasileiros são bem receptivos, mas a campanha de conscientização é importante e eficaz”.

A coordenadora do Núcleo Tandem do Celin, Norma Müller, afirma que a empatia é fundamental. “É necessário colocar-se no lugar do outro e compreender o quanto é difícil estar em uma universidade em outro país, com outra língua e cultura”.

Orientações

Ao receber um estudante migrante ou refugiado em sala de aula, a orientação é, em primeiro lugar, evitar o julgamento. “Não conhecemos a história que cada um carrega. Eles estão tentando reconstruir a vida longe de casa, isso é desafiador”, explica Norma.

Ainda de acordo com as orientações, quando o estudante demonstrar que precisa de ajuda, pergunte quais são as dificuldades e ofereça auxílio.

Caso presencie algum ato de discriminação, denuncie pelo e-mail acolhe.sipad@ufpr.br.

Recomeços

O haitiano Daniel Felice chegou ao Brasil em novembro de 2013 e, em 2015, ingressou no curso de Direito da UFPR. “Sem dúvida é uma grande oportunidade porque a UFPR é uma das melhores universidades do país”.

No último ano da graduação, o acadêmico conta que o acolhimento é um diferencial para a adaptação. “Fui muito bem recebido aqui e isso nos ajuda. O trabalho realizado pelo programa (PMUB) é incrível”.

Daniel pretende seguir carreira acadêmica ou diplomática e garante que vai retornar ao Haiti. “Ainda não sei em que momento, mas tenho certeza que voltarei para participar da mudança e progresso do meu país”.



Migrantes e refugiados

A Universidade Federal do Paraná recebeu, entre 2014 e 2018, 52 estudantes de diferentes nacionalidades na condição de migrantes com visto humanitário e refugiados.

Neste ano, 10 novos alunos ingressaram na UFPR pelo primeiro processo seletivo especial para migrantes e refugiados. Outros 29 estudantes, provenientes de oito países, foram selecionados pelo edital de reingresso – acesso a vagas remanescentes de cursos de graduação, voltado para migrantes, refugiados e pessoas com visto humanitário que já iniciaram cursos superiores em seus países de origem.

Programa Política Migratória e Universidade Brasileira

Composto por seis projetos, o PMUB atua, entre outras vertentes, na formulação e acompanhamento das políticas públicas de refúgio, migração e combate à apatridia, e nos processos de acolhimento e seleção de refugiados e migrantes na Universidade e na sociedade local.

O programa contempla os seguintes projetos: Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH); Refúgio, Migrações e Hospitalidade; Capacitação em Informática para Imigrantes; Migração e Processos de Subjetivação; Psicanálise e Política; Migrantes no Paraná. Preconceito, Integração e Capital de Mobilidade, e Oficina de História do Brasil para Estrangeiros.

Desde 2013, o PMUB realiza ações da Cátedra Sérgio Vieira de Mello (CSVM), do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR).

Núcleo Tandem

O Núcleo Tandem (Celin) é considerado referência no acolhimento e atendimento aos estrangeiros na UFPR.

O trabalho no Tandem começa com um encontro guiado entre os dois estudantes que pretendem realizar a troca de línguas e culturas. A partir daí eles decidem quando e com que frequência querem se encontrar.

O Núcleo também organiza atividades culturais e presta serviço de informações para os estudantes.

05/02/2019: Prae divulga edital Promissaes para estudantes estrangeiros; inscrições começam dia 18

Página Inicial | Intranet | Office 365 | Comunicação | Transparência

Universidade Federal do Paraná

A Universidade | Ensino | Pesquisa e Inovação | Extensão e Cultura | Vestibular e Concursos | Serviços | Acesso à Informação | Ouvidoria

Ensino e Educação

Últimas notícias...

- Banho de Lama e sorrisos marcam comemoração da aprovação no Vestibular 2019/2020 em campus da UFPR
- Vestibular 2019/2020: resultado final será homologado no dia 15/1, às 14h, no Núcleo de Concursos da UFPR
- Professores de Biologia em escolas públicas podem participar de curso gratuito na UFPR; inscrições até 15/1
- Estudantes da UFPR são medalhistas na Olimpíada Brasileira de Matemática
- Acadêmicos do NEAB se destacam em experiência no México e abrem possibilidades de cooperação

Histórico de notícias

Mês:

Ano:

Gênero:

Prae divulga edital Promissaes para estudantes estrangeiros; inscrições começam dia 18
 Superintendência de Comunicação Social 5 de fevereiro de 2019 - 8h15

[Gostei](#) [Compartilhar](#) [Imprimir](#)

A Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) divulgou o [edital 2019](#) do Projeto Milton Santos de Acesso ao Ensino Superior – Promissaes. O processo seletivo é voltado para alunos estrangeiros participantes do Programa de Estudantes – Convênio de Graduação (PEC-G).

O projeto coopera com a manutenção dos estudantes durante o curso. Os candidatos precisam estar matriculados regularmente em cursos de graduação ou ensino profissionalizante da UFPR, apresentar bom desempenho acadêmico e fragilidade socioeconômica.

As inscrições são realizadas mediante preenchimento online do [cadastro do edital Promissaes 2019](#), entre os dias 18 e 25 de fevereiro. O prazo para entrega de documentação dos candidatos inscritos vai do dia 25 de fevereiro a 1º de março, conforme orientações do edital.

Estudantes sem acesso a computadores ou internet poderão realizar as inscrições nas Bibliotecas dos Campi de Curitiba ou na sede da PRAE.

O resultado será divulgado no [site da PRAE](#) na data provável de 15 de março. As bolsas terão duração de 12 meses, mediante o cumprimento dos critérios estabelecidos.

Mais informações pelo telefone (41) 3888-7777.

Locais para entrega da documentação

Os documentos devem ser entregues em envelope fechado até o dia 1º de março na sede da Prae em Curitiba, entre 8 e 19 horas. O endereço é Rua Ubaldino do Amaral, nº 321, 1º andar – Alto da Glória.

Estudantes PEC-G que estudam em Campus ou Setor em outro município devem procurar a unidade da PRAE no município de seu Campus/Setor.

Promissaes – Projeto Milton Santos de Acesso ao Ensino Superior

O Promissaes tem como objetivo fomentar a cooperação técnico-científica e cultural entre o Brasil e os países, especialmente de origem africana, com os quais mantém acordos nas áreas de educação e cultura.

O projeto é desenvolvido pelos ministérios das Relações Exteriores e da Educação, em parceria com universidades.

04/02/2019: Programa da UFPR inicia acolhimento linguístico e acadêmico para estudantes migrantes e refugiados

Página Inicial | Intranet | Office 365 | Comunicação | Transparência

Universidade Federal do Paraná

A Universidade | Ensino | Pesquisa e Inovação | Extensão e Cultura | Vestibular e Concursos | Serviços | Acesso à Informação | Ouvidoria

+ UFPR

Últimas notícias...

- Código de Ética da UFPR é aprovado pelo Conselho Universitário
- SISU 2020: publicados Guia do Candidato e edital para 1.228 vagas na UFPR; inscrições de 21 a 26/1
- Resultado do Vestibular 2019/2020 da UFPR é homologado com 59,79% de aprovados oriundos da escola pública
- Atenção: emergências na UFPR em Curitiba devem ser encaminhadas ao Samu ou ao Siate a partir de 17/1
- Com doença rara, estudante de medicina da UFPR cria canais para divulgar aprendizados

Histórico de notícias

Mês:

Ano:

Gênero:

Programa da UFPR inicia acolhimento linguístico e acadêmico para estudantes migrantes e refugiados

Superintendência de Comunicação Social | 4 de fevereiro de 2019 - 12h21

👍 Gosto | 🐦 Twitter | 📄 Imprimir

A Universidade Federal do Paraná recebeu, nesta segunda-feira (4), 39 estudantes migrantes com visto humanitário e refugiados. Os novos alunos participam do curso de Acolhimento Linguístico e Acadêmico, organizado pelo Projeto Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH), durante cinco semanas.

O grupo é composto por 10 alunos, de cinco nacionalidades, aprovados pelo primeiro processo seletivo especial e outros 29 estudantes, provenientes de oito países, selecionados pelo edital de reingresso. Eles iniciarão diferentes graduações, como Medicina, Direito, Administração, Enfermagem, Letras e Ciências Contábeis.

As atividades incluem o curso intensivo de português e o acolhimento acadêmico, com visitas ao Restaurante Universitário, intercâmbio e biblioteca. Uma equipe de professores do departamento de Letras leciona a disciplina de Português como Língua estrangeira.



Foto: Marcos Solivan

A coordenadora do Programa Política Migratória e Universidade Brasileira, professora Tatyana Friedrich, afirmou que o ingresso dos migrantes e refugiados representa um avanço para a sociedade paranaense, brasileira e, principalmente, para a UFPR. "A universidade se torna um reflexo dessa sociedade, tendo dentro do seu meio acadêmico toda a população que forma a nossa nação; isso inclui migrantes que optam em vir para nosso país".

A pró-reitora de Assuntos Estudantis, Maria Rita de Assis César, deu boas vindas aos estudantes. "Agora vocês são parte da comunidade UFPR. Sintam-se acolhidos e em casa", disse. "A Prae tem uma relação cada vez mais forte e institucionalizada com esse programa. Contem sempre conosco".

"A presença da diversidade engrandece a UFPR. Na última semana, recebemos os alunos indígenas e, hoje, vocês. É uma honra", destacou o superintendente de Inclusão, Políticas Afirmativas e Diversidade (Sipad), Paulo Vinícius Baptista.

O professor Eduardo Barra, pró-reitor de Graduação e Educação Profissional, parabenizou os novos estudantes da UFPR. "Aproveitem ao máximo a universidade, espero que vocês tenham uma experiência feliz e edificante para a vida. Vocês também deixarão uma marca nessa instituição, isso permanece e vira patrimônio".



Estudante síria Sabin Khouri, aprovada no vestibular para migrantes e refugiados.
Foto: Marcos Solivan

Novos estudantes

A jovem Sabin Khouri fugiu da guerra da Síria com a família há cinco anos. Aprovada em segundo lugar no vestibular para migrantes e refugiados, a estudante de 18 anos pretende cursar Medicina. “Foi a melhor coisa ser aprovada, quando vi que passei quase chorei de alegria porque eu me esforcei muito. Adorei toda a equipe, o respeito que eles têm por nós é o máximo”, conta.

O venezuelano Maker Gutierrez também iniciará a graduação na UFPR. “Estou muito emocionado, é uma grande oportunidade. A parte mais difícil de deixar meu país foi parar a faculdade. Esse é o melhor presente desde o dia em que resolvi deixar meu país”.

Após o início do ano letivo de 2019, os alunos deverão ser acompanhados mensalmente por um professor-tutor ou colega-tutor, que será definido pela coordenação do curso, além de frequentar

a disciplina Português como Língua de Acolhimento para Fins Acadêmicos, indicada pelo PBMIH.

Vestibular para migrantes e refugiados

Com dez vagas suplementares por ano, o processo seletivo especial foi [aprovado no mês de novembro](#) pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), para compor as políticas de inclusão e acesso à UFPR por grupos sociais vulneráveis.

As vagas serão escolhidas de acordo com a classificação do candidato — os mais bem posicionados escolhem primeiro, na ordem. Com isso, o curso escolhido deixa de figurar na lista de escolhas. O processo é feito até o preenchimento das dez vagas.

O processo seletivo foi aplicado no dia 13 de janeiro, composto por prova de conhecimentos gerais e redação. Pouco mais de 80 candidatos tiveram inscrição homologada.

Os critérios para inscrição incluíam documentos comprobatórios da conclusão de ensino médio e da condição de migrante com visto humanitário ou refugiado, tais como cópia da solicitação de refúgio no Ministério da Justiça ou na Polícia Federal ou atestado reconhecido pelo Comitê Nacional de Refugiados (Conare), do Ministério das Relações Exteriores.

Inclusão

A proposta da criação do vestibular foi encaminhada à Pro-Reitoria de Graduação (Prograd) pela Superintendência de Inclusão, Políticas Afirmativas e Diversidade (Sipad), em agosto do ano passado, com base nas experiências da UFPR no acolhimento de migrantes com visto humanitário e refugiados.

Com a aprovação do Cepe, as diretrizes do processo seletivo estão descritas na [Resolução n.º 63/18](#) (publicada em novembro) e na [Resolução n.º 13/14](#), que estabelece normas de acesso à universidade para migrantes com visto humanitário e refugiados e continua vigente.

A resolução mais recente faz parte das ações do Programa Política Migratória e Universidade Brasileira, que atua dentro da cátedra Sérgio Vieira de Mello, existente na UFPR em parceria com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR/Brasil) desde 2013.

O programa é composto por seis projetos de extensão da UFPR: Português Brasileiro para Migração Humanitária, do curso de Letras e Centro de Línguas e Interculturalidade (Celin); Refúgio, Migrações e Hospitalidade, do curso de Direito; Capacitação em Informática para Imigrantes, do curso de Informática; Migração e Processos de Subjetivação: Psicanálise e Política, do Departamento de Psicologia; Migrantes no Paraná: Preconceito, Integração e Capital de Mobilidade, do Departamento de Sociologia; e Oficina de História do Brasil para Estrangeiros, vinculado ao PET-História.

Reingresso

O edital de reingresso é divulgado durante o ano para acesso a vagas remanescentes de cursos de graduação, voltado para migrantes, refugiados e pessoas com visto humanitário que já iniciaram cursos superiores em seus países de origem.

A UFPR foi uma das instituições pioneiras no País a adotar tal política. Por meio da [Resolução nº 13/14](#) do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, a universidade passou a auxiliar o acesso de reingressos – pessoas que se enquadram numa das situações citadas.

Até 2018, 52 alunos ingressaram na UFPR na condição de migrante e refugiado.

31/01/2019: Divulgado o resultado do Vestibular para migrantes e refugiados



The screenshot shows the website of the Universidade Federal do Paraná (UFPR). At the top, there is a navigation bar with links for 'Página Inicial', 'Intranet', 'Office 365', 'Comunicação', and 'Transparência'. Below this is the UFPR logo and a search bar. A secondary navigation bar lists various university departments: 'A Universidade', 'Ensino', 'Pesquisa e Inovação', 'Extensão e Cultura', 'Vestibular e Concursos', 'Serviços', 'Acesso à Informação', and 'Ouvidoria'. A green banner with the text '+ UFPR' is positioned above the main content area.

Últimas notícias...

- Código de Ética da UFPR é aprovado pelo Conselho Universitário
- SiSU 2020: publicados Guia do Candidato e edital para 1.228 vagas na UFPR; inscrições de 21 a 26/1
- Resultado do Vestibular 2019/2020 da UFPR é homologado com 59,79% de aprovados oriundos da escola pública
- Atenção: emergências na UFPR em Curitiba devem ser encaminhadas ao Samu ou ao Siate a partir de 17/1
- Com doença rara, estudante de medicina da UFPR cria canais para divulgar aprendizados

Histórico de notícias

Mês:

Ano:

Gênero:

Divulgado o resultado do Vestibular para migrantes e refugiados

Superintendência de Comunicação Social 31 de janeiro de 2019 - 17h52

[Gostei](#) [Tweetar](#) [Compartilhar](#)

A Universidade Federal do Paraná divulgou, nesta quinta-feira (31), o [resultado do Vestibular para migrantes com visto humanitário e refugiados](#). A lista está disponível na página do Núcleo de Concursos, assim como o [desempenho individual dos candidatos](#).

Com dez vagas suplementares por ano, o processo seletivo especial foi [aprovado no mês de novembro](#) pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), para compor as políticas de inclusão e acesso à UFPR por grupos sociais vulneráveis.

As vagas serão escolhidas de acordo com a classificação do candidato — os mais bem posicionados escolhem primeiro, na ordem. Com isso, o curso escolhido deixa de figurar na lista de escolhas. O processo é feito até o preenchimento das dez vagas.

O processo seletivo foi aplicado no dia 13 de janeiro, composto por prova de conhecimentos gerais e redação. Pouco mais de 80 candidatos tiveram inscrição homologada.

Os critérios para inscrição incluíam documentos comprobatórios da conclusão de ensino médio e da condição de migrante com visto humanitário ou refugiado, tais como cópia da solicitação de refúgio no Ministério da Justiça ou na Polícia Federal ou atestado reconhecido pelo Comitê Nacional de Refugiados (Conare), do Ministério das Relações Exteriores.

Registro Acadêmico

O Registro Acadêmico dos candidatos aprovados será realizado no dia 08 de fevereiro, às 9 horas.

No último dia 22, o Núcleo de Concursos divulgou orientações sobre o registro acadêmico dos aprovados e as chamadas complementares. As informações estão disponíveis no [Edital 04/2019](#).

As chamadas públicas nominais estão previstas para os dias 21 de fevereiro e 06 e 14 de março.

Acolhimento

Para garantirem a vaga, os aprovados deverão fazer o curso de Acolhimento Linguístico e Acadêmico, organizado pelo Projeto Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH), que será realizado de 4 de fevereiro a 16 de março. A cerimônia de abertura acontece na próxima segunda-feira, às 9 horas, no Ed. Dom Pedro I, sala 1.111.

Após o início do ano letivo de 2019, os alunos deverão ser acompanhados mensalmente por um professor-tutor ou colega-tutor, que será definido pela coordenação do curso, além de frequentar a disciplina Português como Língua de Acolhimento para Fins Acadêmicos, indicada pelo PBMIH.

Inclusão

A proposta da criação do vestibular foi encaminhada à Pro-Reitoria de Graduação (Prograd) pela Superintendência de Inclusão, Políticas Afirmativas e Diversidade (Sipad), em agosto do ano passado, com base nas experiências da UFPR no acolhimento de migrantes com visto humanitário e refugiados.

Com a aprovação do Cepe, as diretrizes do processo seletivo estão descritas na [Resolução n.º 63/18](#) (publicada em novembro) e na [Resolução n.º 13/14](#), que estabelece normas de acesso à universidade para migrantes com visto humanitário e refugiados e continua vigente.

A resolução mais recente faz parte das ações do Programa Política Migratória e Universidade Brasileira, que atua dentro da cátedra Sérgio Vieira de Mello, existente na UFPR em parceria com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR/Brasil) desde 2013.

O programa é composto por seis projetos de extensão da UFPR: Português Brasileiro para Migração Humanitária, do curso de Letras e Centro de Línguas e Interculturalidade (Celin); Refúgio, Migrações e Hospitalidade, do curso de Direito; Capacitação em Informática para Imigrantes, do curso de Informática; Migração e Processos de Subjetivação: Psicanálise e Política, do Departamento de Psicologia; Migrantes no Paraná: Preconceito, Integração e Capital de Mobilidade, do Departamento de Sociologia; e Oficina de História do Brasil para Estrangeiros vinculado ao PFT-História

10/01/2019: Vestibular para migrantes e refugiados: prova será neste domingo (13), com fechamento de portões às 8h30



The screenshot shows the UFPR website interface. At the top, there are navigation links: 'Página Inicial', 'Intranet', 'Office 365', 'Comunicação', and 'Transparência'. Below this is the UFPR logo and a search bar. A green banner with '+ UFPR' is visible. The main content area features a news article titled 'Vestibular para migrantes e refugiados: prova será neste domingo (13), com fechamento de portões às 8h30'. The article is dated '10 de janeiro de 2019 - 12h03' and includes social media sharing options for Gostei, Tweetar, and Email. A banner for 'RECOMEÇOS SÃO POSSÍVEIS' is also present, with the text '13/01 • Vestibular para Refugiados e Migrantes.' and the UFPR logo. The article text describes the exam details, including the time (9 AM to 2 PM), the location (Núcleo de Concursos), and the number of candidates (80). It also mentions the selection process and the required documents for applicants.

Últimas notícias...

- Código de Ética da UFPR é aprovado pelo Conselho Universitário
- SiSU 2020: publicados Guia do Candidato e edital para 1.228 vagas na UFPR; inscrições de 21 a 26/1
- Resultado do Vestibular 2019/2020 da UFPR é homologado com 59,79% de aprovados oriundos da escola pública
- Atenção: emergências na UFPR em Curitiba devem ser encaminhadas ao Samu ou ao Sialo a partir de 17/1
- Com doença rara, estudante de medicina da UFPR cria canais para divulgar aprendizados

Histórico de notícias

Mês:

Ano:

Gênero:

Vestibular para migrantes e refugiados: prova será neste domingo (13), com fechamento de portões às 8h30
 Superintendência de Comunicação Social 10 de janeiro de 2019 - 12h03

RECOMEÇOS SÃO POSSÍVEIS
 13/01 • Vestibular para Refugiados e Migrantes. UFPR

Está marcada para este domingo (13), a partir das 9 horas, a prova de conhecimentos gerais e redação do vestibular para migrantes com visto humanitário e refugiados que desejam cursar graduação na UFPR. A abertura dos portões de acesso ocorrerá às 8 horas, com fechamento às 8h30. A prova terá duração de cinco horas.

O comprovante de ensalamento, que indica o local da prova para cada inscrito, pode ser consultado no [site do Núcleo de Concursos \(NC\)](#) da UFPR. Nesse edital, pouco mais de 80 candidatos tiveram inscrição homologada.

O processo seletivo, com dez vagas suplementares por ano, foi [aprovado em novembro](#) pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), para compor as políticas de inclusão e acesso à UFPR por grupos sociais vulneráveis.

Para se inscrever no vestibular, o candidato precisa apresentar documentos comprobatórios da conclusão de ensino médio e da condição de migrante com visto humanitário ou refugiado, tais como cópia da solicitação de refúgio no Ministério da Justiça ou na Polícia Federal ou atestado reconhecido pelo Comitê Nacional de Refugiados (Conare), do Ministério das Relações Exteriores. O período de inscrições foi de 30 de novembro a 14 de dezembro.

Gabarito

A prova do vestibular será composta de parte objetiva e discursiva (redação). De acordo com o edital do processo seletivo, a parte de conhecimentos gerais terá 40 questões em cinco áreas: matemática (10 questões); física, química e biologia (10); história, geografia, filosofia e sociologia (10); língua portuguesa (5) e língua estrangeira (inglês, francês ou espanhol). A parte objetiva vale 80 pontos e, a redação, 20. O vestibular tem fase única.

No caso das questões objetivas, o gabarito provisório estará disponível na segunda-feira (14) no site do NC. Haverá prazo para recurso as 00h01 do dia 14 às 23h59 do dia 15 de janeiro.

Os candidatos poderão ter vistas da redação a partir de 00h01 do dia 22 de janeiro e até as 23h59 do dia 23 no site do NC. Será possível recorrer da correção em formulário específico que ficará disponível no dia 23 (das 00h01 às 23h59). Os julgamentos serão divulgados a partir do dia 31.

A previsão é de que o resultado saia no dia 31. As vagas serão escolhidas de acordo com a classificação do candidato — os mais bem posicionados escolhem primeiro, na ordem. Com isso, o curso escolhido deixa de figurar na lista de escolhas. O processo é feito até o preenchimento das dez vagas.

Acolhimento

Para garantirem a vaga, os aprovados deverão fazer o curso de Acolhimento Linguístico e Acadêmico, organizado pelo Projeto Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMH), que será realizado de 4 de fevereiro a 16 de março.

Após o início do ano letivo de 2019, os alunos deverão ser acompanhados mensalmente por um professor-tutor ou colega-tutor, que será definido pela coordenação do curso, além de frequentar a disciplina Português como Língua de Acolhimento para Fins Acadêmicos, indicada pelo PBMH.

Inclusão

A proposta da criação do vestibular foi encaminhada à Pro-Reitoria de Graduação (Prograd) pela Superintendência de Inclusão, Políticas Afirmativas e Diversidade (Sipad), em agosto do ano passado, com base nas experiências da UFPR no acolhimento de migrantes com visto humanitário e refugiados.

Com a aprovação do Cepe, as diretrizes do processo seletivo estão descritas na [Resolução n.º 63/18](#) (publicada em novembro) e na [Resolução n.º 13/14](#), que estabelece normas de acesso à universidade para migrantes com visto humanitário e refugiados e continua vigente.

A resolução mais recente faz parte das ações do Programa Política Migratória e Universidade Brasileira, que atua dentro da cátedra Sérgio Vieira de Mello, existente na UFPR em parceria com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR/Brasil) desde 2013.

O programa é composto por seis projetos de extensão da UFPR: Português Brasileiro para Migração Humanitária, do curso de Letras e Centro de Línguas e Interculturalidade (Celin); Refúgio, Migrações e Hospitalidade, do curso de Direito; Capacitação em Informática para Imigrantes, do curso de Informática; Migração e Processos de Subjetivação: Psicanálise e Política, do Departamento de Psicologia; Migrantes no Paraná: Preconceito, Integração e Capital de Mobilidade, do Departamento de Sociologia; e Oficina de História do Brasil para Estrangeiros, vinculado ao PET-História.

SERVIÇO

Prova do vestibular para migrantes em condição de refugiado ou com visto humanitário

Data: 13/1, a partir das 9 horas (fechamento de portões às 8h30)

Local: de acordo com ensalamento do candidato

Mais informações no [link específico do NC](#) para esse vestibular

12/11/2018: UFPR terá processo seletivo anual com dez vagas suplementares específicas para migrantes e refugiados



Últimas notícias...

- Código de Ética da UFPR é aprovado pelo Conselho Universitário
- SISU 2020: publicados Guia do Candidato e edital para 1.228 vagas na UFPR; inscrições de 21 a 26/1
- Resultado do Vestibular 2019/2020 da UFPR é homologado com 59,79% de aprovados oriundos da escola pública
- Atenção: emergências na UFPR em Curitiba devem ser encaminhadas ao Samu ou ao Siate a partir de 17/1
- Com doença rara, estudante de medicina da UFPR cria canais para divulgar aprendizados

Histórico de notícias

Mês:

Ano:

Gênero:

UFPR terá processo seletivo anual com dez vagas suplementares específicas para migrantes e refugiados

Superintendência de Comunicação Social 12 de novembro de 2018 - 10h33

[Gostei](#) [Compartilhar](#)

O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) aprovou por unanimidade, na última sexta-feira (9), resolução que prevê a criação de um processo anual de seleção para migrantes com visto humanitário e refugiados que desejem cursar graduação na instituição.

A resolução prevê dez vagas suplementares anuais, com seleção por meio de processo seletivo exclusivo para esses candidatos. O procedimento ainda passará por regulamentação.

A resolução nº 13/14 – CEPE, que normatiza o acesso de migrantes regularmente admitidos no Brasil e portadores do estado de refugiado ou visto humanitário por meio de vagas remanescentes, continua vigente.



Evento do PBMIH na capela Santa Maria, Curitiba, 14/9/2018 Foto: Bruno Covello

Para Tatyana Friedrich, essa decisão significa a consolidação de um trabalho realizado há cinco anos da UFPR. Tatyana é vice-coordenadora do Programa Política Migratória e Universidade Brasileira (PMUB), projeto que desde 2013 acolhe e apoia em diversos aspectos migrantes e refugiados.

“Esse fato representa a sensibilização do reitor, do Conselho e da comunidade universitária em relação à questão dos migrantes e refugiados, que são uma realidade hoje na sociedade paranaense. Demonstra, ainda, que a UFPR é uma instituição comprometida com a inclusão e emancipação dos menos favorecidos”, comenta.

25/06/2018: Estudantes protagonizaram evento em celebração ao Dia Mundial do Refugiado e à Semana do Migrante

Página Inicial | Intranet | Office 365 | Comunicação | Transparência

Universidade Federal do Paraná

A Universidade | Ensino | Pesquisa e Inovação | Extensão e Cultura | Vestibular e Concursos | Serviços | Acesso à Informação | Ouvidoria

Extensão e Cultura

Últimas notícias...

- Inscrições para cursos intensivos do Celin começam na sexta-feira (24)
- Festival de Inverno 2020: inscrições para apresentações artístico-culturais e oficinas estão abertas
- Universidade Aberta da Maturidade promove qualidade de vida e desenvolvimento social para idosos no Setor Palotina
- Caderno de ensaios chega à décima edição com temática de resistência ao pensar cultura e formação
- UFPR assina convênio com Iphan para preservação da memória ferroviária

Histórico de notícias

Mês:
Janeiro

Ano:
2020

Gênero:
Extensão e Cultura

Estudantes protagonizaram evento em celebração ao Dia Mundial do Refugiado e à Semana do Migrante

Jéssica Tokarski | 25 de junho de 2018 - 11h24

Gostei | Compartilhar

Considerada Semana do Migrante, a semana que passou teve uma noite especial protagonizada por estudantes refugiados e migrantes da Universidade Federal do Paraná. O evento "Encontros inesperados – Culturas, Povos e Exílios" aconteceu no dia 20 de junho, data em que é celebrado o Dia Mundial do Refugiado.

Alunos de graduação e do curso Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH) foram os personagens principais de um espetáculo que apresentou testemunhos, rodas de conversa e declamações de poesias. A celebração também teve músicas e comidas típicas, além de denúncias de discriminações sofridas em Curitiba e na própria universidade e a participação do representante-adjunto da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) no Brasil, Federico Martínez.

"O público se emocionou bastante com as atividades culturais que foram muito engajadas, e chorou com os relatos de sofrimento de partida, deslocamento e chegada ao Brasil e dificuldades em Curitiba, na Polícia Federal, e na UFPR", conta Tatyana Friedrich, uma das coordenadoras do Programa Políticas Migratórias e Universidade Brasileira (PMUB).

Assista à apresentação de música cantada por uma estudante de origem guineense.

Durante o evento, também foi apresentado um vídeo realizado pelo PBMIH e houve o pré-lançamento do vídeo da campanha "Vozes e Culturas na UFPR: por uma universidade aberta, plural e democrática". Em seguida, o tema "Refúgio e Migração: O que há de desafiador no encontro com o outro?" foi debatido por estudantes refugiados e migrantes da UFPR e representantes das instituições CARITAS, CERMA e ACNUR. Ao final, todos cantaram juntos a música "Alegria, Alegria" composta por Caetano Veloso.

"Posso afirmar que não foi um evento para comemorar, pois só poderemos comemorar no dia em que não houver mais refugiados e que a paz e os direitos humanos prosperarem. Contudo, é muito importante porque agrega pessoas de diferentes lugares e mostra como é fundamental lutar pela emancipação de migrantes e refugiados e pela inclusão plena deles em nossa sociedade", destaca Tatyana.



O palco do encontro foi o Centro Cultural Teatro Guaíra e estiveram presentes, além de Federico Martínez e Tatyana Friedrich, o Pró-reitor de Extensão e Cultura da UFPR, Leandro Gorsdorf; o coordenador da [Cátedra Sérgio Vieira de Mello na UFPR](#), José Antônio Peres Gedieli; a diretora do Setor de Ciências Jurídicas, Vera Karam de Chueiri; a mestranda em Direito dos Refugiados, Isabella Traub; e o diretor da Agência UFPR Internacional, André Duarte.

19/06/2018: Evento protagonizado por estudantes da UFPR celebra o Dia Mundial do Refugiado e a Semana do Migrante



The screenshot shows the UFPR website with a navigation bar at the top containing links for 'Página Inicial', 'Intranet', 'Office 365', 'Comunicação', and 'Transparência'. Below the navigation bar is the UFPR logo and a search bar. A main menu lists various university services. The 'Eventos' section is highlighted in red. On the left, there is a sidebar with 'Últimos eventos...' and 'Histórico de eventos' (with filters for month and year). The main content area features a news article titled 'Evento protagonizado por estudantes da UFPR celebra o Dia Mundial do Refugiado e a Semana do Migrante' by Jéssica Tokarski, dated June 19, 2018. The article text describes the event at the Centro Cultural Teatro Guaíra, mentioning the participation of refugees and migrants, and the presentation of a video and a debate.



Encontros inesperados – Culturas, Povos e Exílios

Data: 20 de junho de 2018

Horário: 18h

Local: Centro Cultural Teatro Guaíra – Mini Auditório Glauco Flores de Sá Brito

Endereço: Rua Amintas de Barros s/n (quase esquina com a Rua Tibagi), Curitiba/PR

15/06/2018: UFPR publica edital para migrantes e refugiados para o 1º Semestre/2019

The image is a screenshot of the UFPR website. At the top, there is a navigation bar with links for 'Página Inicial', 'Intranet', 'Office 365', 'Comunicação', and 'Transparência'. Below this is the UFPR logo and a search bar. A secondary navigation bar lists various university services: 'A Universidade', 'Ensino', 'Pesquisa e Inovação', 'Extensão e Cultura', 'Vestibular e Concursos', 'Serviços', 'Acesso à Informação', and 'Ouvidoria'. The main content area is titled 'Ensino e Educação' and features a news article. The article title is 'UFPR publica edital para migrantes e refugiados para o 1º Semestre/2019', dated '15 de junho de 2018 - 8h58'. The article text explains that UFPR is publishing norms for migrants and refugees to apply for undergraduate courses in 2019. It details the requirements, such as submitting documents to the 'Projeto de Extensão "Refúgio, Migrações e Hospitalidade"', and provides contact information for more details.

Últimas notícias...

- Banho de Lama e sorrisos marcam comemoração da aprovação no Vestibular 2019/2020 em campus da UFPR
- Vestibular 2019/2020: resultado final será homologado no dia 15/1, às 14h, no Núcleo de Concursos da UFPR
- Professores de Biologia em escolas públicas podem participar do curso gratuito na UFPR; inscrições até 15/1
- Estudantes da UFPR são medalhistas na Olimpíada Brasileira de Matemática
- Acadêmicos do NEAB se destacam em experiência no México e abrem possibilidades de cooperação

Histórico de notícias

Mês:

Ano:

Gênero:

UFPR publica edital para migrantes e refugiados para o 1º Semestre/2019
 Superintendência de Comunicação Social 15 de junho de 2018 - 8h58

👍 Gostei 🐦 Tweetar 📄 Imprimir

A Universidade Federal do Paraná (UFPR) torna pública as normas que regem os pedidos de acesso de migrantes admitidos no Brasil e portadores de estado de refugiado de seu país de origem, solicitação de refúgio, ou de visto humanitário e que tenham iniciado cursos de graduação em instituições de ensino superior no estrangeiro, aos cursos de graduação da UFPR para o primeiro semestre letivo do ano de 2019, considerando a Resolução nº 13/14-CEPE e demais resoluções/legislações complementares.

O requerimento deverá ser entregue na Sala do Projeto de Extensão "Refúgio, Migrações e Hospitalidade", integrante do Programa Política Migratória e Universidade Brasileira, no Setor de Ciências Jurídicas (Praça Santos Andrade, nº 50, andar térreo, sala 28, Centro, Curitiba/PR), especificando qual o curso pretendido e acompanhado de toda a documentação disponível e com informações para contato pessoal com o requerente.

O recebimento das solicitações de acesso a curso de graduação da UFPR será no período de 30 de julho a 13 de agosto de 2018, de segunda a sexta-feira, das 14h às 19h30.

Para mais informações, acesse o [Edital](#).